

# THOT



Nº 48

1988

CZ\$ 160,00

## O CULTO DA EFICIÊNCIA ALEXANDRA DAVID - NEEL



## AS FLORESTAS COMO SANTUÁRIOS

## CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS



---

A Associação PALAS ATHENA do Brasil, entidade declarada de Utilidade Pública Federal (decreto 92.343), desenvolve ampla atividade cultural tendo como fundamentação precípua a vivência profunda dos valores filosóficos que norteiam as atividades humanas.

Entendemos que viver filosoficamente é a mais pura experiência de "dar", de entregar o que de melhor temos para construir aquilo que mais sonhamos. E sabemos que o tamanho de nossa obra terá a altura de nossos sonhos.

Portanto amigo leitor, venha nos conhecer, venha participar filosoficamente. Vale a pena!

---

### SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - S. Paulo - CEP 04003 - S.P. - Fone: 288.7356

---

### GRÁFICA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - CEP 01523 - Cambuci - São Paulo - SP. Fone: 279-6288

---

### CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - CEP 12250 - Município de Monteiro Lobato - SP

---

### CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA

Rua Rio Branco, 16-22 - CEP 17040 - Bauru - SP

---

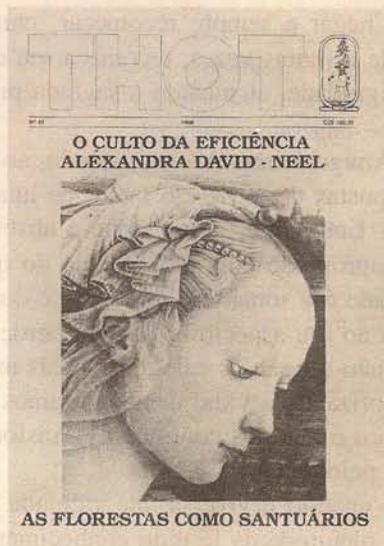
## ÍNDICE

<b>EDITORIAL</b>	2
<b>DE FOGO É SUA ENERGIA</b> <i>Dom Romano Rezek</i>	3
<b>WILLIAM BLAKE</b> <i>Alberto Marsicano</i>	12
<b>ORIENTE-OCIDENTE</b> <i>Heinrich Beck</i>	14
<b>AS FLORESTAS COMO SANTUÁRIOS</b> <i>Henry Skolimowski</i>	18
<b>O CULTO DA EFICIÊNCIA</b> <i>Cid Marcus</i>	32
<b>ALEXANDRA DAVID-NEEL</b> <i>Kim Yeshi</i>	24
<b>ROLF GELEWSKI - SER A PRÓPRIA FONTE DA ESPONTANEIDADE E CRIATIVIDADE</b> <i>Atílio Avancini</i>	36
<b>PICO DELLA MIRANDOLA E A DIGNIDADE DO HOMEM</b> <i>George Barcat</i>	40

# THOT



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo Egito. É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.



### CAPA:

*Virgem Maria em adoração  
ao Menino Jesus (Detalhe),  
Fillipo Lippi*

### EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil  
Lia Diskin  
Basílio Pawłowicz  
Primo Augusto Gerbelli

### REDAÇÃO

Adriana De Cesare Testa, Marley Chamorro Las Casas, Neusa Santos Martins, Nilton Almeida Silva, e Therezinha Siqueira Campos.

### PRODUÇÃO

Aparecido Tenório da Silva, João Fernandes Filho, Maria Cecília de Castro Moreira, Maria de Lurdes de S. Rizardi, Sérgio Marques e Silvio Marcelo N. de Aquino.

### EQUIPE THOT

Carla Teso, Emilio Moufarrige, Flávio Rett, George Barcat, Ieda de Paula, Isabel Cristina M. de Azevedo, José Caruso, Lucia Benfatti, Lucia Brandão Saft Moufarrige, Mara Novello, Maria Inês Facchini e Nilton Almeida Silva.

### FOTOLITO CAPA

Polychrom

### COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA  
Rua José Bento, 384 (Cambucá) - CEP 01523  
São Paulo-SP - Fone: 279.6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cz\$ 960,00 (preço sujeito a alteração sem prévio aviso) - cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônício de Carvalho, 99 (Parafso) - CEP 04003 - São Paulo-SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob nº 1586 P 290/73.

# EDITORIAL

**“Todas as coisas temem o tempo,  
porém o Tempo teme as pirâmides”.**

**Heródoto**

Nos estreitos limites do espaço e do tempo a humanidade continua inventando suas torres de Babel, porém nada pode criar que não seja vencido por Cronos, que ininterruptamente devora seus filhos.

Ainda assim, com obstinação digna dos titãs, prossegue construindo o Céu na Terra, como resposta a uma nova lei de gravidade cujo centro é o desconhecido.

Obcecada por significados, reduz a Vida ao que pode pensar sobre ela.

Como Homero, ainda evoca os mortos. Como Dante, continua percorrendo os círculos infernais. Como Poe, segue atormentada pelos fantasmas e pelos espectros de seus fantasmas. Para cada resposta que ecoa na mente, multiplicam-se as perguntas, modernas Hidras de Lerna.

Chegar e sempre recomeçar, partir. Extenuada pelas utopias, vencida infinitas vezes, recomeça seu caminho recusando-se a viver sem dignidade, atendendo à sagrada presença que a eleva e verticaliza.

Amigo leitor: A história toda, ao longo do tempo, exemplifica as respostas deste desejo maior de lutar para vencer os limites temporais. Entretanto, cremos que é absolutamente necessário o nosso descompromisso com a aparência do que chamamos “vida”. A humanidade é o somatório dos vivos e dos mortos e a Vida, quando reduzida ao seu aspecto biológico, perde sua harmonia como um todo. Ser e não-ser são as caleidoscópicas manifestações do Silêncio. Supervalorizando a vida, menosprezamos o Silêncio que precedeu nosso choro e que nos continuará, transformando-nos em criaturas vitimadas pelo tempo.

Vencê-lo é viver a integralidade das manifestações da Vida e, com a plenitude da fé e do conhecimento, poder dizer, como faziam os discípulos de Hermes: “Eu sou o ontem. Eu sou o hoje. Eu sou o amanhã”.

*BASILIO PAWLOWICZ*

### Reflexões sobre Teilhard

Compreender um homem e sua doutrina exige, como diz Bergson, entrar na sua vida, nos seus pensamentos.

Entremos, então, na vida e nos segredos de um gênio muito discutido. Gostaríamos de conhecê-lo sem preconceitos, sem antipatias. Deveríamos ser simples, "recém-nascidos", para compreender um homem cuja síntese cósmica se baseia sobre algumas intuições perfeitamente singelas, mas cuja expressão é aparentemente tão complicada que os melhores pensadores ainda hoje a discutem, às vezes asperamente.

Através de alguns textos retirados de suas obras, vamos compreender as palavras do brasão da família Teilhard:

"De fogo é sua energia  
e celeste a sua origem"...

e o lema do próprio Pierre Teilhard de Chardin:

"Tudo o que sobe converge".

### A única paixão: buscar o Absoluto.

Em 18 de maio de 1875, Emanuel Teilhard de Chardin casa-se com Berthe-Adèle Dompierre d'Hornoy. Têrão onze filhos, entre eles Pierre, o quarto na ordem de nascimento. A mãe de Pierre é de uma família de Picardie, prima de uma bisneta de Voltaire (!), e de uma piedade profunda. Ensina o catecismo a seus filhos, que com ela aprendem também a ler.

Eis como Pierre se lembra de sua infância:

"Era preciso que caísse sobre mim uma centelha para fazer brotar o fogo. Ora, esta centelha pela qual 'meu universo' só pela metade 'personalizado' acabaria de se centrar, 'amorizando-se', esta centelha, vinda de minha mãe e da corrente mística cristã, foi, sem dúvida, que iluminou e alumiu minha alma de criança" - escreve ele na sua meditação autobiográfica intitulada *O Coração da Matéria* (1950).

**"TENHO A CONSCIÊNCIA  
DE TER SEMPRE VISADO  
ATINGIR EM TUDO  
O ABSOLUTO.  
PARA OUTRO FIM, NÃO TERIA,  
CREIO, A CORAGEM  
DE AGIR."**

Teilhard de Chardin

## DE FOGO É SUA ENERGIA



Teilhard de Chardin em Nova York, 1955.

Emanuel, pai de Pierre Teilhard de Chardin, tinha uma bela estatura, olhos claros e bigode à gaulesa. Intimidava seus filhos pelo silêncio, e era de palavras raras e imprevistas, saborosas, onde o humor disputava com a simplicidade de um camponês inteligente. Sádo da Escola de Chartres (isto é, de um Instituto de Arqueologia), pesquisava, pacientemente, durante toda a vida, arquivos e velhos documentos, ao mesmo tempo que dirigia bem de perto a exploração de vários domínios, como um verdadeiro fazendeiro. Humanista, cuidadoso em manter sua cultura, lia muito, sobretudo história, e escolhia com prazer as leituras de seus filhos; e, num outro terreno de conhecimento, inspirava-lhes o gosto pelas coisas da natureza, levando-os a fazer coleções de história natural: insetos, aves, pedras...

A terra natal de Pierre é uma região de velhos vulcões, de matas e de silêncio... (Auvergne, Sarcenat, perto de Clermont-Ferrand, no Sul da França). Todo dia sua mãe assistia à missa e rezava por toda a humanidade...

Em 1º de maio de 1881 nascia em Sarcenat Marie-Joseph Pierre Teilhard de Chardin, quarto filho da família.

"Toda vez que volto à minha infância, nada me parece mais característico, nem mais familiar no meu comportamento interior, que o gosto irresistível de possuir apenas aquilo que é o único suficiente e necessário. Para estar completamente à vontade, para sentir-me totalmente feliz, basta saber que algo de essencial existe, e que tudo mais é apenas acessório ou ornamento... Lembro-me claramente que entre os prazeres desta minha idade - doze anos - eu não era feliz senão em relação a uma alegria fundamental que consistia, geralmente, na posse ou no pensamento de algum objeto mais precioso, mais raro, o mais consistente, o mais inalterável: um pedaço de ferro, um vulcão... Parece que, para mim, todo esforço, mesmo referindo-se a um objeto natural, foi sempre um esforço religioso e substancialmente único. Tenho a consciência de ter sempre visado atingir em tudo o Absoluto. Para outro fim, não teria, creio, a coragem de agir". (Texto retirado do ensaio *O Meu Universo*, 1918.)

Henri Brémond, célebre especialista da história religiosa da França, lem-

bra-se do pequeno Pierre, seu aluno: “Tive, há trinta anos, um aluno de humanidades, um pequeno auverniano, muito inteligente, primeiro em tudo, mas de uma docilidade a toda prova. Somente muito tempo depois, eu soube o segredo dessa indiferença aparente: tinha outra paixão ciumentada, absorvente, que o fazia viver longe de nós: as pedras...”.

### Como sou feliz!...

Aos dezesseis anos, Pierre se sente chamado à vida religiosa, na Companhia de Jesus... “A questão é que Nosso Senhor me faz sentir claramente o que exige, e dá-me a generosidade necessária...” No dia 2 de março de 1899, ele entra no noviciado dos jesuítas em Aix-en-Provence. Dirá mais tarde: “O desejo de ser mais perfeito determinou a minha vocação de jesuíta”.

Seus amigos de noviciado lembram-se dele: “Foi um noviço exemplar: modesto, aparentemente tímido, mas sempre pronto a se empenhar... Simples, bom moço, cuidadoso em não se diferenciar em nada dos demais... Afável, discreto, solidamente postado sobre suas compridas pernas, seus grandes pés que sobressaíam muito quando andava: ‘sinal atávico’ – dizia ele – ‘dos montanheses’... Um grande rapaz, muito jovial, companheiro agradável, amigo da natureza e dos longos passeios... Era certamente edificante, como noviço...”

No dia 25 de março de 1901, em Laval, Pierre Teilhard de Chardin pronuncia seus primeiros votos:

“Enfim, sou jesuíta... Quero lhes confessar, meus queridos pais, minha felicidade de ser inteiramente do Sagrado Coração pela Santa Virgem... Se soubessem como sou feliz em ter-me ligado, para sempre, à Companhia de Jesus, sobretudo porque é o momento em que está sendo perseguida! Rezei muito para todos vocês, e certamente Nosso Senhor jamais esquecerá o que fizeram para facilitar minha vocação. Mas rezem sempre muito para que eu saiba estar à altura daquilo que o Bom Deus deseja de mim” – escreve ele nesse dia.

1901... Em consequência das leis de exclusão da França, os jesuítas se retiraram para as Ilhas Britânicas e transferem seu juniorado para Jersey.

“Juvenista em Jersey, eu considerava seriamente a eventualidade de uma renúncia completa à ciência das pedras, que então me apaixonavam, para me consagrar integralmente às atividades sobrenaturais. Se não cheguei a me desencarrilhar naquele momento, foi graças ao robusto bom-senso do Padre Troussard, mestre de noviços. De fato, o Padre Troussard limitava-se, nessa conjuntura, a me afirmar que “Deus na Cruz esperava a expansão natural de meu ser tanto quanto minha santificação”. Mas o mestre de noviços não me explicou nem por que, nem como. Contudo era o bastante para deixar as duas extremidades do fio entre minhas mãos”.

Dedicado, a partir de outubro de 1902, aos estudos filosóficos, passará todo o seu tempo livre e seus dias de folga em excursões científicas, através da Ilha. E dirá mais tarde: “No centro de minhas preocupações e de minhas alegrias secretas, entre dez e trinta anos, eu tinha o contato desenvolvido com o Cósmico no estado sólido. Ao redor de mim, já semi-acessorariamente, nascia o atrativo da natureza vegetal e animal. E bem no fundo, um belo dia, a iniciação às grandezas menos tangíveis (mas quão provocantes!), postas em dia pelas pesquisas da Física. De uma e de outra parte da Matéria, da Vida e da Energia: as três colunas da minha visão e da minha beatitude interiores”. (*O Coração da Matéria*, 1950.)

### O Oriente vislumbrado e as passagens da Inglaterra

Estamos no Egito, 1905-1908. Teilhard é professor de Física e de Química, no Colégio jesuíta de Santa Família, no Cairo, onde conclui os três anos de magistério. “Ainda não passei muito... Faz calor... E, depois, não estou aqui somente de passagem e terei bastante tempo para saborear o Cairo no inverno... Preciso pensar em minhas aulas e pôr em ordem o gabinete de Física e o laboratório, que necessitam tanto disto. Acabarei

mandando-lhes uma espécie de planta do Cairo em alguma das minhas cartas” – escreve a seus pais, em 5 de setembro de 1905.

A admiração das paisagens do Egito ficará indelével na sua memória... “Uma primeira onda de exotismo caiu sobre mim. O Oriente vislumbrado e sorvido avidamente. E, isso, não em seus povos e na sua história (ainda sem interesse para mim), mas em sua luz, sua vegetação, sua fauna e seus desertos...” Desta lembrança brotarão, alguns anos mais tarde, os textos da *Vida Cósmica*, primeiro estudo de Teilhard verdadeiramente teilhardiano...: “O Mundo ainda está se criando, e nele é o Cristo que se aperfeiçoa... Quando entendi e compreendi estas palavras, olhei e percebi, como em êxtase, que está mergulhado em Deus pela natureza inteira”. (*A Vida Cósmica*, 1916.)

Fez o teólogo na Inglaterra, em Hastings, entre 1908 e 1911. Multiplicou as excursões científicas. Desde esta época começa a perceber o Universo na sua unidade: “Tudo o que me lembro de então (além desta palavra mágica ‘evolução’, que volta sem parar ao meu pensamento, como um estribilho, um gosto, como uma promessa, um apelo), tudo que lembro, eu disse, é a densidade e a intensidade extraordinárias tomadas, para mim, nesta época, pelas paisagens da Inglaterra... Ao pôr-do-sol, sobretudo quando as florestas de Sussex se carregavam – se posso dizer – de toda vida fóssil, às vezes me parecia verdadeiramente que uma espécie de Ser Universal ia, de repente, diante dos meus olhos, tomar corpo na natureza”. (*O Coração da Matéria*, 1950.)

1911: Teilhard é ordenado sacerdote. A família estivera presente na ordenação. “Se me julgais digno, Senhor, àqueles cuja vida é banal e sem atrativo, descobrirei horizontes ilimitados de esforço humilde e ignorado que pode, se a intenção é pura, agregar à perfeição do Verbo Encarnado um elemento a mais, elemento sentido pelo Cristo e associado à Sua imortalidade. Aqueles que têm sorte e que são felizes devem compreender que a sua sorte é de alcance infinitamente mais elevado do que a satisfação de sua pequena personalidade: devem e podem regozijar-se, mas em Cristo, cuja plenitude exige um certo aperfeiçoamento. A estes

ensinarei a distinguir, até na sua alegria, no egoísmo que se redobra e na sensualidade que saboreiam, uma força de bem-estar e de desafoço utilizável pela atividade de sua alma em Deus. Àqueles que sofrem e que choram direi que a maneira mais direta de utilizar nossa vida é deixar Deus, quando Ele quiser, crescer em nós e, pela morte, substituir-se a nós". (*O Padre*, 1918.)

1912-1914: estudos científicos em Paris. 1912: estágio no laboratório de Marcellin Boule, professor de Paleontologia no Muséum, que lhe confia um estudo sobre os fosforitos de Quercy. – "Meu trabalho vai sempre bem. Somente estou chegando ao momento em que minha população de carnívoros me sugere mais idéias do que consigo pôr em ordem. É um bom exercício. Bastante agradável é estar nas primeiras fileiras para beneficiar-se das estréias. Outro dia, o excelente senhor Boule permitiu-me apreciar, na sua gaveta, um insetívoro conservado na marga e no qual se vêem todos os pêlos ...".

Naquela época, suas excursões científicas foram à gruta de Castilha e à região de Santander (Espanha). "Essencialmente, remexi e vi remexer muita terra e pedras. Desde a manhã, às oito horas, subimos à caverna, em roupas usadas. Ficamos lá até as seis da tarde, em pleno ar, em pleno sol, frente a uma vista admirável. Não fizemos nenhum achado sensacional. Mas isso mesmo é muito interessante para mim, porque constitui a mais admirável série de habitações quaternárias atualmente conhecidas. Fizemos verdadeiras meditações, olhando esses vestígios de uma humanidade anterior a toda civilização conhecida..., ali, em silêncio absoluto, somente interrompido pelas gotas que caíam da parte superior da gruta". (Carta a seus pais, 16 de junho de 1913.)

O "front" da onda que leva o mundo humano...

1914-1918: Primeira Guerra Mundial. No mês de dezembro de 1914, o Padre Teilhard é mobilizado como maqueiro. – "No fundo, estou feliz por participar

**"NA MEDIDA DAS MINHAS FORÇAS, PORQUE SOU PADRE, QUERO SER O PRIMEIRO A TOMAR CONSCIÊNCIA DAQUILO QUE O MUNDO AMA, PRETENDE E SOFRE."**



Chardin, noviço em Aix, 1899.

da guerra. Espero sair dali *mais homem e mais padre*. E, mais que nunca, creio que a vida é bela, nas piores circunstâncias, quando nela se vê Deus, que está sempre lá" – escreve ele numa carta endereçada a Claude Aragonnés e destinada a Marguerite Teilhard-Chambon, sua prima e confidente. O começo de sua correspondência data da guerra. (A edição brasileira dessas cartas se intitula *Gênese de um Pensamento* – Herder, São Paulo.)

"Parece-me que se poderia mostrar que o front não é somente uma linha de fogo, superfície de corrosão dos povos

que se atacam, mas também, de alguma maneira, o front da onda que leva o mundo humano para seus novos destinos. Quando observo, de noite, à luz dos foguetes, depois de uma jornada bem agitada, parece-me que estamos no extremo limite daquilo que é realizado e daquilo que tem de se realizar".

No dia 24 de outubro de 1917, o regimento de Teilhard se apodera da aldeia de Douamont. – "Dentro de alguns dias, vamos ser lançados para retomar Douamont. Gesto grandioso, quase fantástico, pelo qual será marcado e simbolizado um avanço definitivo do Mundo na libertação das almas. Eu vos digo: vou a este combate religiosamente, com toda a minha alma, levado por um só grande impulso, no qual não sou capaz de distinguir onde acaba a paixão humana e onde começa a adoração... E se, talvez, eu não voltar, gostaria que meu corpo ficasse moldado na argila dos fortes, como um cimento vivo jogado por Deus nas pedras da Cidade Nova". (*Três histórias à maneira de Benson*, 1916.)

"A morte nos entrega totalmente a Deus. Ela nos faz passar nEle. É preciso, em troca, entregarmo-nos a Ele, num grande amor e abandono. Porque nada mais temos a fazer, quando ela chega, senão deixar que nos domine inteiramente e nos leve a Deus..."

Dia 28 de agosto de 1915, citação na ordem da divisão: "A seu próprio pedido, deixou o posto de socorro para servir nas trincheiras, na linha de frente. Fez prova da maior abnegação e de um desdém absoluto pelo perigo". Dia 17 de setembro de 1916, citação na ordem do exército: "Modelo de bravura, de abnegação e de sangue-frio. De 15 a 19 de agosto dirigiu as equipes de maqueiros sobre um terreno agitado pela artilharia e batido pelas metralhadoras. No dia 18 de agosto foi buscar, a uns vinte metros das linhas inimigas, o corpo de um oficial morto que trouxe de volta às trincheiras". 21 de junho de 1917: medalha militar: "Excelente oficial subalterno, adquiriu, pela elevação do seu caráter, a confiança e respeito. No dia 20 de maio de 1917 foi, especialmente, a uma trincheira, sob fogo muito violento, para recolher um ferido". Dia 21 de maio de 1921: a pedido do seu antigo regimento, é eleito Cavalheiro da

Legião da Honra: "Maqueiro de elite que, durante quatro anos de campanha, tomou parte em todas as batalhas, em todos os combates nos quais o regimento foi envolvido, pedindo para ficar mais nas fileiras, para estar mais perto dos homens, com os quais não deixou de partilhar das fadigas e dos perigos".

Em 1917 a família de Teilhard reuniu-se em Sarcenat, lugar de nascimento de Pierre. O jovem sacerdote, soldado naquela ocasião, teve a oportunidade de meditar sobre a imagem do Sagrado Coração de Jesus que, desde pequeno, venerou muito – este quadro do Sagrado Coração, cuja força dardeja raios e cuja energia, na concepção de Pierre, penetra todo o Universo, Teilhard denomina "Diafania".

No dia 26 de maio de 1918, em Sainte-Foy-lès-Lyon, o Padre Teilhard faz seus votos solenes. A meditação *O Padre* revela toda a sua alma: "Na medida das minhas forças, porque sou padre, quero ser o primeiro a tomar consciência daquilo que o mundo ama, pretende e sofre: o primeiro a procurar simpatizar, suportar o sofrimento dos outros; o primeiro a me desenvolver, me sacrificar, a ser o mais abundantemente humano e mais nobremente terrestre de todos os servidores do mundo. Quero, de um lado, aprofundar-me nas coisas e unir-me com elas; tirar, até a última parcela, aquilo que elas contêm de vida eterna, para que nada se perca. E quero, ao mesmo tempo, pela prática dos conselhos evangélicos, recuperar – pela renúncia – toda a chama celeste que está dentro da tríplice concupiscência; santificar – na castidade, na pobreza, na obediência – a potência contida no amor, no ouro e na independência. Eis por que professei meus votos, meu sacerdócio; no espírito de aceitação e divinização das potências da terra. E aí está toda minha força, toda minha felicidade".

### Na frente do fogo místico

Em 1919, o Padre Teilhard escreve *A Potência Espiritual da Matéria*. Eis umas linhas poético-místicas desta visão cósmica que vamos analisar mais tarde:

## HINO À MATÉRIA

*"Bendita sejas, áspera Matéria, gleba estéril, duro rochedo  
tu que não cedes senão à violência e nos forças a trabalhar se quisermos comer.*

*Bendita sejas, perigosa Matéria, mar violento, indômita paixão,  
tu que nos devoras se não te acorreamos.*

*Benditas sejas, poderosa Matéria, Evolução irresistível, Realidade sempre nascente;  
tu que fazendo estourar a todo instante nossos quadros  
nos obrigas a perseguir sempre mais longe a Verdade.*

*Bendita sejas, universal Matéria, Duração sem limites, Éter sem margens,  
tríplice abismo das estrelas, dos átomos e das gerações,  
tu que, ultrapassando e dissolvendo nossas estreitas medidas,  
nos revelas as dimensões de Deus.*

*Benditas sejas, impenetrável Matéria,  
tu que, estendida em toda parte, entre nossas almas e o Mundo das Essências,  
nos fazes enlanguescer do desejo de romper o véu inconsútil dos fenômenos.*

*Bendita sejas, mortal Matéria, tu que, dissociando-te um dia em nós,  
nos introduzirás, forçosamente, no próprio coração daquilo que é.*

*Sem ti, Matéria, sem teus ataques, sem tuas espoliações, viveríamos inertes,  
estagnados, pueris, ignorantes de nós mesmos e de Deus.  
Tu que feres e curas, tu que resistes e tu que és dócil, tu que arruínas e tu  
que constróis, tu que acorrentas e tu que libertas, seiva de nossas almas,  
Mão de Deus, Carne de Cristo, Matéria, eu te bendigo.*

*Eu te bendigo, Matéria, e eu te saúdo, não tal como te descrevem reduzida ou desfigurada,  
os pontífices da ciência e os pregadores da virtude:  
um amontoado – dizem eles – de forças brutais ou de baixos apetites, –  
mas como me apareces hoje, na tua totalidade e na tua verdade.*

*Eu te saúdo, inesgotável capacidade de ser e de Transformação,  
onde germina e cresce a Substância escolhida.*

*Eu te saúdo, universal poder de aproximação e de união,  
para onde se religa a multidão das mônadas  
e no qual convergem todas para o caminho do Espírito.*

*Eu te saúdo, harmoniosa fonte de almas, cristal límpido,  
de onde é tirada a nova Jerusalém.*

*Eu te saúdo, Meio Divino, carregado de Poder Criador, Oceano agitado pelo Espírito,  
Argila que o Verbo Encarnado anima e modela.*

*Crendo obedecer ao teu irresistível apelo, os homens se precipitam freqüentemente,  
por amor a ti, no abismo exterior dos prazeres egoístas.*

*Um reflexo os engana. Ou um eco. Eu o vejo agora.*

*Para te atingir, Matéria, é preciso que, partindo de um universal contato com tudo  
que se move aqui embaixo, sintamos pouco a pouco esvair-se entre nossas mãos  
as formas particulares de tudo aquilo que temos, até que permaneçamos a braços  
com a única essência de todas as circunstâncias e de todas as uniões.*

*É preciso, se quisermos te possuir, que te sublimemos na dor,  
depois de te haver estreitado apaixonadamente entre os braços.*

*Tu reinas, Matéria, nas alturas, serenas onde pensam te evitar os Santos –  
carne tão transparente e tão móvel que já não te distinguimos de um espírito.  
Arrebata-me lá para o alto, Matéria, pelo esforço, pela separação e pela morte,  
transporta-me lá onde será possível, enfim, abraçar castamente o Universo!...*

*Embaixo, sobre o deserto outra vez tranqüilo, alguém chorava: "Meu Pai, meu Pai!"  
Que vento louco então o arrebatou!...  
E por terra jazia um manto."*

## Doutorado

22 de março de 1922: Teilhard defende sua tese sobre os mamíferos do Eocênio francês. Vamos ler as palavras da decisão proferida pela banca examinadora: "A defesa confirmou ainda mais a excelente impressão produzida pela leitura do manuscrito. A maneira pela qual foram expostas as questões que constituem a segunda tese colocou em evidência as qualidades do professor e a clareza de espírito do candidato. Ele é certamente chamado a um belo futuro científico".

Mas Teilhard já pensa numa visão cristã e universal: "Sonho com um novo São Francisco ou com um novo Santo Inácio que viria nos apresentar um novo gênero de vida cristã. E, ao mesmo tempo, mais integrado no mundo e mais destacado..."

## No primeiro exílio...

1923: primeira estada na China. O Padre Teilhard é enviado pelo Muséum de Paris, e também pelos superiores que já começavam a suspeitar de seus pensamentos, a fim de participar de uma missão paleontológica francesa em Tientsin (China). Eis uma das suas meditações: "Quando ando de mula, dias inteiros, repito — como outrora, nas regiões dos vulcões de minha aldeia natal —, na falta de outra Missa, a *Missa sobre o Mundo*:"

"Senhor, já que, mais uma vez, não estou nas florestas de Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar. Levanto-me acima dos símbolos, até a pura majestade do real, e vos ofereço, eu, vosso sacerdote, sobre o altar da terra inteira, o trabalho e o tormento do mundo. Um a um, Senhor, vejo-os e amo-os, àqueles que me deste como sustento, como encanto natural da minha vida. Um a um, também, eu os conto, aos membros desta outra e tão cara família que fora juntada, pouco a pouco, ao

**"APOIADO NO QUE ME  
ENSINARAM A RELIGIÃO E A  
CIÊNCIA, HÁ CINQUENTA ANOS  
PROCUREI EMERGIR. QUERIA  
SAIR DE UM NEVOEIRO, PARA  
ME ENCONTRAR À VISTA  
DAS PRÓPRIAS COISAS...  
E VI QUE SÓ O HOMEM  
PODE SERVIR AO HOMEM  
PARA DECIFRAR O MUNDO."**



Teilhard de Chardin na gruta do Castelo.

redor de mim, desde os elementos mais disparatados, pelas afinidades do coração, da pesquisa científica e pelo pensamento. Mais confusamente, mas todos sem exceção, eu os evoco, àqueles cuja tropa anônima forma a massa inumerável dos vivos; àqueles que me cercam e me sustentam, sem que eu os conheça; àqueles que vêm e àqueles que vão; sobretudo, àqueles que, na verdade ou através do erro, no seu laboratório, no seu escritório ou nas fábricas, crêem no progresso das coisas e perseguem apaixonadamente, hoje, a luz". (A *Missa sobre o Mundo*, 1923.)

Eis como o próprio Teilhard descreve seu trabalho de paleontologia: "Nós, os geólogos, aqui nos desertos de Ordos, na China, nós não nos deixamos prender pela paz confortável dos campos facilmente ondulados. Nós nos enterramos, ao contrário, nas fendas mais profundas das montanhas, aquelas onde a terra vermelha parece uma carne ferida sob as espessas camadas cinzentas".

Setembro de 1924: Teilhard volta à França e retoma seu curso no Instituto Católico de Paris, assim como os seus debates com os alunos dos Institutos Superiores. Na necessidade de conciliar as novas descobertas sobre as origens humanas com o dogma do pecado original, elabora algumas páginas destinadas aos teólogos. Essas folhas chegam a Roma, e — eis o exílio...

"*Consummatum est*: está consumado... Tiram-me de Paris. Tudo o que espero obter ainda é que me deixem mais seis meses para concluir meus trabalhos em curso e preparar a nova partida para a China, na Páscoa que vem, com meu amigo Licent... Caro amigo, ajuda-me um pouco! Faço boa figura, mas intimamente há algo que parece agonia ou tempestade. É essencial que eu demonstre, pelo meu exemplo, que embora minhas idéias pareçam novatas, elas tornam-me ainda mais fiel — fiel como ninguém — à antiga atitude".

Chegando a Tientsin no dia 10 de junho de 1925, Teilhard começa a redigir o texto do *Meio Divino*: "Estou me empenhando no meu pequeno livro futuro. Gostaria de fazê-lo lentamente, tranquilamente, vivendo-o e meditando-o, como uma oração".

Em Chou-Kou-Tien, nas colinas ocidentais (a 50 km de Pequim), foram feitas importantes escavações e encontraram-se vestígios do Homem de China (Sinantropo). Em 28 de dezembro de 1929, Teilhard enviou a Paris o seguinte telegrama: "Saudações de Ano Novo. Em Chou-Kou-Tien, crânio Sinantropo inteiro, menos a face".

"Este crânio de Sinantropo, bem entendido, não fui eu que o encontrei: mas eu chego justamente ao ponto em que tenho que tratar dele geológica e paleontologicamente. Coincidências como esta aumentam loucamente minha fé na presença de Deus". "Coisa extraordinária, os sábios há um século perscrutaram, com uma sutileza, com uma audácia inaudita, os mistérios dos átomos e da célula viva. Pesaram o elétron e as estrelas, e dissestaram, em centenas de milhares de espécies, o mundo vegetal e animal. Trabalharam com paciência infinita para ligar anatomicamente a forma humana ou a de outros vertebrados. Passando mais diretamente ao estado de nosso tipo zoológico..., sem bem demonstrar as molas da psicologia humana ou livrar as leis que a governam, na complexidade crescente da sociedade, das mudanças de produções e atividades. Ora, no meio desse grande labor quase ninguém teve a idéia de pôr a questão: 'Mas o que é, afinal, ao certo, este fenômeno humano?' Quer dizer: como se situa e o que vem fazer, no desenvolvimento experimental do mundo, o poder extraordinário do pensamento?... A descoberta do Sinantropo não é - como se poderia crer - resultado de um feliz achado. Representa três anos de trabalho sistemático e obstinado".

Em junho e julho de 1930, Teilhard participa da missão americana na Ásia Central, no deserto de Gobi. "No acampamento, sempre a mesma alegria e o mesmo espírito de família". Mas acrescenta: "Sinto-me menos jovem fisicamente; mas parece que, interiormente, fico mais simples, e, ao mesmo tempo, mais apaixonado para preparar o futuro"...

### O peregrino do futuro

De setembro de 1930 ao fim de janeiro de 1931: uma curta estada em Paris. E ele escreve: "É provável que na história dos séculos considere-se que a nossa época foi muito importante por causa do poder adquirido sobre novas energias elétricas, químicas. Mas não me surpreenderia se, para os observadores do futuro, o maior dos acontecimentos de nosso tempo fosse precisamente este: a aparição, pela primeira vez, sobre a superfície da Terra, da clara consciência de que houve uma humanidade e uma obra humana a fazer".

1931-1932: "Cruzeiro Amarelo", denominação oficial de uma grande expedição. O Padre Teilhard é chamado a fazer parte dela, na qualidade de geólogo. André Citroën e Jorge-Marie Haardt tinham preparado, desde 1929, uma expedição à Ásia Central. Esperavam encontrar as antigas pistas da estrada da seda, demonstrando, ao mesmo tempo, o valor do material Citroën. O Padre Teilhard acaba de fazer cinquenta anos. Esperando a partida da expedição, escreve *O Espírito da Terra*, estudo importante sobre a sua visão cósmica: "Apoiado no que me ensinaram a religião e a ciência, há cinquenta anos, procurei emergir. Queria sair de um nevoeiro, para me encontrar à vista das próprias coisas... E vi que só o homem pode servir ao homem para decifrar o mundo" (1931).

Em outubro de 1931 uma equipe reduzida é autorizada a explorar as cidades mortas do deserto de Gobi. "Assim é, previamente, a visão do passado que, parecida a uma miragem sempre mais consistente, sobe, flutua e gradualmente se precisa aos olhos do geólogo, através do Gobi" - escreve no seu relatório do "Cruzeiro Amarelo".

Em 1º de janeiro de 1932, Teilhard celebra a missa na missão de Lien-Tcho, diante de todos os membros da expedição. Eis o texto de sua alocução:

"Meus caros amigos, estamos reunidos esta manhã nesta pequena igreja, no

coração da China, para começar, frente a Deus, o Ano Novo... Deus, para cada um de nós aqui, sem dúvida, não tem a mesma precisão, a mesma figura, o mesmo rosto. Mas, porque somos todos homens, não podemos escapar, nenhum de nós, do sentimento e da idéia refletida de que em cima e à frente de nós uma energia superior existe, a qual devemos reconhecer, porque Ela nos é superior e O equivalente engrandecido de nossa inteligência e de nossa vontade. Ao começo deste ano, pedimos a essa presença universal que nos envolve a todos, primeiro: que nos reúna, como um centro comum e vivo, com aqueles que amamos e que começam, tão longe de nós, o Ano Novo. Lembrandonos, então, de Sua onipotência, pedimos animar favoravelmente, para nós, nossos amigos e nossas famílias, a rede tão complicada e tão incontrolável dos acontecimentos que nos esperam no correr dos meses que vêm. Que o êxito coroe nossos empreendimentos e que a verdadeira alegria esteja em nossos corações, em volta de nós. E que, na medida em que a dor não possa ser evitada, que essa dor se transfigure em alegria superior de manter nosso pequeno lugar no Universo e de ter feito o que devemos... Eis o que Deus pode realizar, em nossa volta e dentro de nós, pela Sua ação profunda. E para que isso aconteça, eu vou oferecer a Ela, para vocês todos, esta Missa, a forma mais elevada da oração cristã".

Meditando sobre uma estátua, Teilhard, junto com Abbé Breuil, escreve: "O passado revelou-me a construção do futuro. Agora que a descoberta fundamental é feita, a saber, que somos levados por uma onda sempre mais perfeita de consciência, que resta de importante para achar atrás de nós? Talvez certos ritmos ou energias que nos escondem a tenuidade do instante presente. A tudo devemos buscar, tudo experimentar, compreender tudo, o que está no alto, mais longe do que podemos aspirar; e o que está em baixo, mais profundo que a luz; o que se perde no sideral, e o que se dissimula sob os elementos. O sol se levanta para a frente. O passado é tudo aquilo que já é ultrapassado. A única descoberta digna de nosso esforço é construir o futuro". (A descoberta do passado, 15 de setembro de 1935.)

## Via Crucis

No dia 7 de fevereiro de 1936, morre sua mãe. – “Querida e santa mãe, a quem devo o melhor da minha alma”. – No mesmo ano, em 17 de agosto, morre sua irmã, Marguerite. – “Ó Marguerite, minha irmã, enquanto, dedicado às forças positivas do Universo, eu corri os continentes e os mares, apaixonadamente ocupado em ver subir todas as forças da terra, você, imóvel, estendida, metamorfoseava, silenciosamente, em luz, no mais profundo de você mesma, as sombras piores do mundo... Diga-me, minha Marguerite, o que nosso Deus acha: quem, entre nós dois, escolheu a solução mais perfeita?”.

E Teilhard pergunta se o esforço do homem será vão e injustificável ou se terá valor absoluto (isto é, se será válido para sempre). Eis uma das suas meditações filosóficas: “A verdade nada mais é que a coerência do Universo em relação a cada ponto dele mesmo. Por que suspeitar ou subestimar a coerência, quando somos nós os observadores? Opõe-se sem cessar uma não sei que ilusão antropocêntrica a uma não sei que realidade objetiva. Essa distinção não existe. A verdade do homem é a verdade do Universo para o homem, quer dizer: a verdade, simplesmente”. (*O Universo Pessoal*, 1936.)

Em 1937 Teilhard parte para os Estados Unidos e escreve *O Fenômeno Espiritual*: “É no oceano misterioso das energias morais a explorar e a humanizar que embarcarão os mais ousados navegadores do amanhã. O que nos falta, a todos, neste momento, é uma formulação nova da santidade”.

Em Pequim, de maio a setembro de 1938, começa a redigir *O Fenômeno Humano*: “Trabalho regularmente no primeiro capítulo de *Do Homem*, isto é, *d'O Fenômeno Humano*. Uma ou duas páginas por dia. Há dez meses venho pensando muito sobre tal assunto e me pareceu que o plano e a inspiração estavam maduros. Até agora não encontrei



Teilhard de Chardin em 1936.

**“DEUS DEVE, DE ALGUMA  
MANEIRA, A FIM DE PENETRAR  
DEFINITIVAMENTE EM NÓS,  
PREPARAR-NOS, ESVAZIAR-  
NOS, PARA TOMAR LUGAR.  
ELE PRECISA, PARA  
ASSIMILAR-NOS NELE  
MANEJAR-NOS, REFUNDIR-  
NOS, PARTIR AS MOLÉCULAS  
DE NOSSO SER.”**

falhas no desenvolvimento, que parece ir bem”.

Em 1º de junho de 1947 Teilhard sofre um enfarte do miocárdio. “Durante a manhã tive uma crise de coração que me poderia ter enviado a Jesus... É uma virada na minha vida. Renúncia forçada à grande vida de campo. Hoje a estas horas, deveria estar no avião para Johannesburg (África). Que significa tudo isto? Nas modalidades, ver-se-á. Essencialmente, não quero e não posso ver nisso senão um só sentido: arrancamento do ‘côsmico’, para uma inserção mais íntima, mais real, no ‘Crístico’, o único necessário no Universo. E, isso, ao preço de uma perda científica que outros compensarão”.

“Inserção mais íntima no Crístico...”: “Quando sobre meu corpo e ainda mais sobre meu espírito a idade começa a se marcar; quando se funde sobre mim, de fora, ou nasce em mim, de dentro – o mal que me diminui; no minuto doloroso quando, de repente, tomo consciência de estar doente ou de estar ficando velho, neste último momento, sobretudo, quando sinto que estou escapando de mim mesmo, absolutamente passivo nas mãos das grandes forças desconhecidas que me formaram; em todas estas horas sombrias, dai-me, meu Deus, a compreensão de que sois Vós (contanto que minha fé seja bastante grande), dai-me a compreensão de que sois Vós que afastais dolorosamente as fibras de meu ser, para penetrar até o âmago de minha substância para me levardes até Vós”. (*O Meio Divino*.)

25 de junho de 1947: o Padre Teilhard é promovido ao grau de “Oficial da Legião da Honra”. Eis o texto desta nomeação: “Pelo titular dos Negócios Estrangeiros: pelos serviços eminentes prestados no meio intelectual e científico francês, por um conjunto de trabalhos, na sua maioria redigidos na China, que lhe granjearam a maior autoridade nos meios científicos internacionais e anglo-saxões em particular, a ele, que podemos considerar atualmente, no domínio da Paleontologia e da Geologia, como uma das glórias da ciência francesa, pela qual muito fez por suas relações pessoais com sábios estrangeiros, para manter e desenvolver o prestígio internacional”.

No outono de 1948 o Padre Teilhard parte para Roma, a fim de fazer a

última tentativa de publicação dos seus manuscritos *O Fenômeno Humano* e *O Meio Divino*. “Esta noite deixo Paris e vou para Roma, onde penso ficar até os primeiros dias de novembro; fui convidado muito amigavelmente. Deve ser procurado um acordo para a publicação de meu livro *O Fenômeno Humano*. Se for como espero, há grande possibilidade de que seja autorizada minha presença no *Collège de France*. Em todo caso, terei bastante oportunidade de entregar minha alma, amável, mas abertamente, à autoridade suprema, e explicar o que me parece ser uma fraqueza, mas também a força atual do Cristianismo. Para um neo-humanismo inclinado sobre o futuro é preciso nada mais e nada menos que um Cristianismo aprofundado e repensado, conforme a nova escala do mundo”. Esta viagem não teve resultado: nem recebeu permissão para publicar seus livros, nem de ser eleito para o *Collège de France*. E o Padre Teilhard continua preparando o último encontro com Cristo: “Oh, Jesus, faça que eu acabe bem, quer dizer, num gesto de testemunho selando a afirmação da fé de minha vida em um pólo de amor”. (*Retiro Espiritual*, 1948.) Escreve a um amigo: “Reze para que acabe bem. É a graça das graças, sobretudo quando se pretendeu humildemente mostrar o caminho para os outros”.

Verão de 1951: primeira viagem científica à África do Sul. Escreve a um amigo: “Tenho a impressão de que a situação se desenvolve bem. Vejo mais claramente os problemas, ao mesmo tempo que a questão do pré-homem na África toma corpo no meu espírito; e a outra questão, aquela do ultra-humano, continua, creio eu, a progredir. Neste pequeno Chou-Kou-Tien sul-africano há uma probabilidade séria de se encontrarem os ossos do homem do Pleistoceno da África do Sul. Um dos meus projetos é ir até lá, nestes meses”. De volta da África do Sul, em novembro de 1951, a parada em Nova York vai ser uma estada definitiva: o segundo exílio. “O novo Provincial de Lyon fez-me saber que a situação em Roma é bastante tensa. Mas tudo se desenha tão curiosamente para mim como em 1923, quando a China me recebeu. Desta vez é a América. E tenho setenta anos. Não sei bem como as coisas vão acabar...”.

Verão de 1954: última visita à França. “Senhor de minha infância e Senhor de meu fim, Deus terminado por si, e, entretanto, para nós nunca acabado de nascer! Afasta, enfim, todas as nuvens que ainda Te escondem, tanto aquelas dos juízos prematuros, como as das falsas crenças. E que, por tua Diafania, brote a presença universal: o Cristo, sempre maior!” (*O Coração da Matéria*).

“Dessa passagem rápida por Paris, nada mais me resta, a não ser um monte de impressões um pouco caóticas, das quais se destaca, todavia, certo número de pontos claros, tais como estes: que é minha vocação dedicar minha vida (o que me resta de vida) às descobertas e ao serviço de Cristo universal e isto numa fidelidade absoluta à Igreja. Sinto-me sempre mais consagrado, pelo que há de vivo em mim mesmo... E que, por um futuro imediato, pelo menos, é decididamente na sombra e no afastamento que devo trabalhar”.

“*Apropinquat hora Christi*: aproxima-se a hora de Cristo... Deus deve, de alguma maneira, a fim de penetrar definitivamente em nós, preparar-nos, esvaziar-nos, para tomar lugar. Ele precisa, para assimilar-nos nEle, manejar-nos, refundir-nos, partir as moléculas de nosso ser. A morte é encarregada de praticar, até o fundo de nós mesmos, a abertura desejada. Ela nos fará submeter à dissociação esperada. Ela nos colocará no estado organicamente exigido, para que sobre nós se estabeleça o fogo divino, e, assim, o poder nefasto de decompor e de dissolver encontrar-se-á captado pela mais sublime das operações da vida”. (*O Meio Divino*.)

“A energia se faz presente. Parecerá que um só raio de tal luz, caindo onde quer que seja, como uma fásca da Noosfera, deva ter provocado uma explosão bastante forte para exaltar e renovar, quase instantaneamente, a face da Terra. Como é então que, olhando em torno de mim, e todo embevecido ainda daquilo que apareceu para mim, sinto-me quase o único da minha espécie, único a ter visto?... incapaz, enfim, quando me pergunto, de citar um só autor, um só escrito, onde reconheça, claramente exprimida, a maravilhosa Diafania que, aos meus

olhos, transfigurou tudo...”. *O Crístico*, março de 1955.)

“Gostaria de morrer no dia da Ressurreição” – palavras do Padre Teilhard, anotadas na hora por um dos seus sobrinhos num jantar no Consulado da França, em Nova York, no dia 15 de março de 1955. Em 10 de abril de 1955, dia da Páscoa, o Padre Teilhard de Chardin morre em Nova York, prostrado por uma hemorragia cerebral...

“Senhor, porque em todo instante, em todas as oportunidades da minha vida, nunca cessei de vos procurar e de vos colocar no coração universal da Matéria, é no deslumbramento de uma transferência universal e de um abrasamento universal que terei a felicidade de fechar os olhos...”.

### Além da morte

Todas as aventuras espirituais são um Calvário. Ora, comparemos esta data fúnebre de 10 de abril de 1955 ao nosso momento presente. Era o dia de Páscoa, dia da Ressurreição. Ao contrário do que acontece tão freqüentemente, o verdadeiro nascimento da obra coincide com a morte do autor. Surgindo da semiclandestinidade das páginas datilografadas de algumas dezenas de exemplares, a explosão aconteceria no grande dia da publicação e da difusão universal. Em dezessete anos, nenhum pensamento se espalhou mais, nem terá marcado tão fortemente os nossos tempos.

Mas o que devemos compreender, quando se fala desta obra?

1. Há, em primeiro lugar, os *trabalhos científicos*, que fizeram o renome do geólogo e do paleontólogo, levando-o à Academia das Ciências, em 1950. (Só no fim de 1971 foram publicados sistematicamente, em onze volumes, os escritos puramente científicos do Pe. Teilhard.)
2. Além das descobertas de detalhes a respeito dos vertebrados, deve-se a ele *um método original*, uma maneira nova de estudar o aparecimento do homem e seu verdadeiro lugar na natureza, o ‘Fenômeno Humano’. E, mais recen-

temente, o maior paleontólogo francês, Jean Piveteau, procedeu a este balanço, num pequeno livro sobre o Teilhard sábio.

3. Há, por outro lado, todo o conjunto póstumo: livros do pensador. E o grande público, que ignora os trabalhos exclusivamente técnicos, descobre com entusiasmo este *prolongamento hiperfísico da obra*, enquanto muitos cientistas 'puros' estão pouco propensos a segui-lo, e têm que encarar este conjunto como situado fora da ciência.

Para Teilhard não havia separação entre o que era demonstrado cientificamente e a visão que tinha do futuro para a humanidade. Ninguém foi mais 'autor' que Teilhard. Este grande despertador e congregador chamava a si mesmo 'o peregrino do futuro'. Sua tendência profunda era a de *ver tudo em movimento*, de procurar e edificar o homem que seria não um 'super-homem' à maneira de Nietzsche, mas *mais-homem*.

Estimou que a evolução mal começara e que não poderia ser outra coisa senão espiritual. Este sacerdote era todo ardor radiante. E poucos religiosos socorreram tantas almas no segredo do coração...

Ninguém amou mais a ciência, ninguém viveu mais a sua fé. Ninguém deu, melhor que ele, confiança ao homem, ao mundo. Ninguém os dirigiu em mais alto grau para Deus.

A tragédia deste mundo ameaçado, ele a sentiu tanto quanto qualquer outro. Mas, em tudo, continuava a conduzir o homem para frente e para cima. Seu famoso otimismo é um pessimismo superado. E quanto à esta complacência com o marxismo de que alguns suspeitaram, mais vale lembrar a declaração de Senghor, presidente do Senegal: "O pensamento de Teilhard permitiu-nos fazer a economia do marxismo, isto é, passar além desta etapa".

Pierre Teilhard de Chardin não encontrou tudo, não resolveu tudo. Mas poucos espíritos como o seu aparecem, nessa altura, nesta grande época, onde muitas coisas morrem e talvez ainda mais coisas nasçam — e quando é tão necessária a esperança!

DOM ROMANO REZEK, OSB.



Prof. José Luiz Archanjo, março/88.

Foto: Ernesto K. Shimada.

Em 21 de março do presente ano, no auditório da Associação Palas Athena, teve lugar um evento de singular importância: o lançamento da primeira edição crítica mundial de *O Fenômeno Humano* (Editora Cultrix) de Pierre Teilhard de Chardin, em tradução comentada e anotada pelo Prof. José Luiz Archanjo, PhD; a inauguração da *Biblioteca Dom Romano Rezek*, que conta com o acervo de todos os escritos, inclusive inéditos, de Teilhard de Chardin; e a abertura dos *Cursos Teilhard de Chardin - 1988*.

À mesa que presidiu a solenidade estiveram presentes o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns; Dom Ernesto Linka, representando o Mosteiro São Geraldo; o Prof. José Luiz Archanjo; o Sr. Dialuas Riedel, editor da Cultrix e Lia Diskin, representando a Associação Palas Athena, onde está sediado o acervo da biblioteca inaugurada.

O evento, considerado por Dom Paulo Evaristo Arns como "um momento histórico da cidade de São Paulo", abre a todos os interessados nos estudos teilhardianos a possibilidade incomum de tomar contato com um pensador contemporâneo que vem revolucionando a visão de mundo, tanto no campo das ciências exatas quanto das humanas.

O padre Dom Romano Rezek (1916-1986) dedicou seus últimos 25 anos ao estudo e tradução de toda a obra de Teilhard, deixando um acervo minucioso e único; os motivos que o levaram a tal empreendimento são por ele explicados num de seus escritos de 1982, intitulado "Meu Caminho Filosófico":

"O leitor perguntará, necessariamente: 'Por que tudo isto, a favor de um pensador que, conforme muitos, nem era grande, nem filósofo?'. Ao que respondo: o que a humanidade precisa, agora e num futuro próximo, não é um sistema rigidamente elaborado, mas um *faire penser*, fazer pensar bem, livre e sinceramente. Teilhard quer exatamente isto e acrescenta outro desejo, quase nunca encontrado nas visões do mundo e em outras filosofias: o desejo de ser superado por aqueles que procuram sinceramente a Verdade".

# WILLIAM

“Se as portas da percepção se abrissem, cada coisa apareceria ao homem tal como é, infinita.”

William Blake nasceu em Londres a 20 de novembro de 1757. As primeiras manifestações de vidência surgiram no futuro poeta aos quatro anos, quando vislumbrou, na janela, a face de Deus. Posteriormente, ao percorrer os campos de Peckam, deparou-se com uma árvore repleta de anjos de asas iridescentes e num descampado avistou Ezequiel, calmamente sentado. Ao relatar estes fatos à mãe, acabou por levar uma surra.

Sentindo-se inclinado a trilhar o caminho da pintura, foi levado por seu pai ao ateliê de Rylands, um dos mais renomados pintores da época. Porém, ao fitá-lo atentamente, Blake segredou ao pai:

– Não gosto da cara deste homem, tem todo o jeito de quem vai morrer na forca. (E doze anos depois cumpriu-se a sua profecia.)

O jovem pintor e poeta passa então a ler Swedenborg, Jacob Boheme, Paracelso e livros de ocultismo, enquanto caminhava pelos campos e riachos de Bayswater e Surrey. Inicia-se então na arte da gravura e, aos vinte e um anos, mestre em sua arte, começa a viver como gravurista.

Imprimia seus livros, fazendo com eles o que fazia com suas gravuras. Os textos vinham sempre acompanhados de ilustrações e o autor fazia questão de diferenciar uma cópia da outra, tornando cada uma um exemplar único.

Em 1787 desenvolve um método totalmente novo de prensagem, que além de outras inovações permitia utilizar todos os matizes de cor possíveis. Este insólito processo foi denominado “Impressão Iluminada” e inspirado numa visão do espectro de seu falecido irmão Robert, que revelou-lhe então o bizarro engenho.

Do *Livro de Urizen*, escrito em 1794, existem seis reproduções diferentes que, embora possuindo o mesmo texto, diferem quanto à coloração e ilustrações.

*Estride o som da trombeta! Miríades da Eternidade  
Engendram-se ao redor dos imensos desertos  
Repletos de nuvens, trevas & torrentes  
Que turvas turbulentas escorrem & declamam  
Palavras que como trovões retroam  
Sobre os cimos das altas cordilheiras.*

*Uma gigantesca abóbada engendrou  
Pétreo e esférica como um útero  
Onde milhares de rios em veias  
Escorriam pelas colinas  
Sorvendo as eternas flamas*

O poema *América*, cuja descrição apocalíptica poderá hoje parecer-nos a antevisão profética de uma explosão nuclear, pertence ao ciclo de seus poemas históricos.

Retrato de Blake, John Linnel, 1820

## À MANHÃ

*Ó sagrada virgem! de alvura adornada!  
Abre os dourados umbrais do céu e sai;  
Desperta a aurora inebriada no azul, deixa a luz  
Emergir de sua morada no leste e esparge  
O suave orvalho que vem com o novo dia.  
Ó luminosa manhã, saúda o sol  
Que tal como um caçador cedo se levanta  
E se alça sobre nossas colinas.*

## À ESTRELA VÉSPER

*Tu, anjo noturno de alva cabeleira,  
Agora, enquanto o sol se inclina sobre a colina, inflama  
Teu reluzente lume, coloca a radiante coroa  
E sorri sobre o leito da noite!  
Sorris sobre nossos encantos enquanto recolhes  
As cortinas azuis do céu, esparges teu argênteo orvalho  
Sobre cada flor que cerra ao sono seus doces olhos,  
Deixas que o vento do oeste adormeça sobre o lago  
Banhas de prata o crepúsculo e de repente  
Te retiras enquanto enfurece o lobo,  
E o leão o escuro bosque espregia:  
Os velos de nossos rebanhos recobriram-se  
Com o teu sagrado orvalho;  
Protege-os com os teus sutis sortilégios.*

# BLAKE

## AMÉRICA

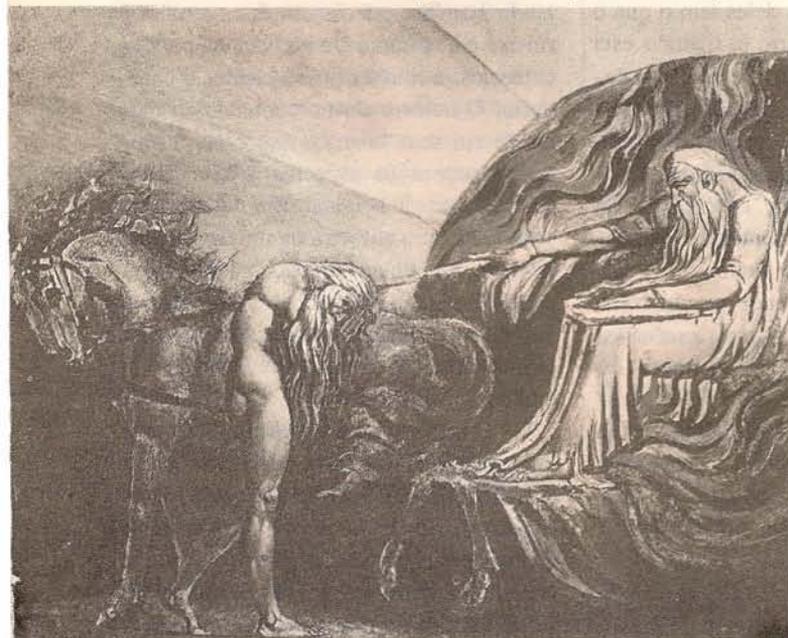
*Washington, Franklin, Paine e Warren, Allen, Gates & Lee.  
Envolto pelas ardentes flamas vislumbraram as terríveis hordas  
que dos céus surgiam.  
Escutaram o brado retroante do Anjo de Albion  
E a peste sob as suas ordens emergiu das nuvens  
Precipitando-se sobre a América como uma tenebrosa tormenta.*

*Pelas cidades, vales e montes ardiam as ávidas flamas;  
Derretiam-se os céus; e Urizen pairando sobre as purpúreas  
nuvens, erguia sua cabeça coberta pelas chagas do resplandes-  
cente fulgor.  
E suas lágrimas precipitavam-se torrencialmente sobre os vértices  
do sublime abismo, enquanto suas faces trovejantes pairavam  
sobre as profundezas.*

Em 1800 deixa Londres e parte para Felpham, no condado de Sussex, onde passa a residir num *cottage*. Neste tranqüilo lugar elabora o poema *Milton*, no qual o espírito deste regressa à terra para cumprir sua verdadeira missão poética, e aproxima-se de Blake a fim de inspirá-lo.

*E os quatro estados da tranqüila Humanidade  
Foram-lhe então mostrados:  
Primeiro o de Beulah, o gázeo sono em imensos prazeres imerso.  
Sobre sedosos leitos ao suave modular das melodias  
E flores de Beulah  
Doces formas aladas femininas ou flutuantes no cristal do ar.*

*Julgamento de Adão, William Blake, 1795.*



Anjo da Presença, William Blake, 1824-7.

## AH! GIRASSOL

*Ah, girassol! giras no tédio do tempo,  
Do sol contando os passos,  
Buscas o dourado e doce campo  
Luminoso, rumo dos peregrinos*

Em 1812 expõe suas obras na Associação dos Aquarelistas e, entre problemas financeiros, sobrevive graças às ilustrações que faz para o catálogo das porcelanas Wedgwood. O poema *Jerusalém*, finalizado nesse ano, é bem recebido nos meios culturais. Cercado por amigos e jovens artistas admiradores de sua obra, passa seus últimos anos, morrendo em 1827, quando iniciava a impressão de seu *Dante*.

*Num grão de areia ver um mundo  
Na flor silvestre a celeste amplidão  
Segura o infinito em tua mão  
E a eternidade num segundo.*

ALBERTO MARSICANO

## Bibliografia de William Blake em português

Marsicano, Alberto e Carvalho, Regina de Barros – *Escritos de William Blake*, Col. Rebeldes e Malditos, volume 7, Ed. L&PM, 1984.  
Vizioli, Paulo – *William Blake, Poesia e Prosa Selecionadas*, Ed. J. C. Ismael, 1984.



1. *Cenas da Vida do Povo em Kyoto, século XVII. Detalhe: A Ponte de Kyoto sobre o Rio Kamo.*  
 2. *Detalhe: Canal com Lavadeiras, Desenho de 1888. Vincent Van Gogh.*

# ORIENTE - OCIDENTE

## POLARIDADE ONTOLÓGICA ENTRE AS CULTURAS DO ORIENTE E DO OCIDENTE

### DESAFIO A UMA PAZ CRIADORA DO MUNDO.

#### Parte I

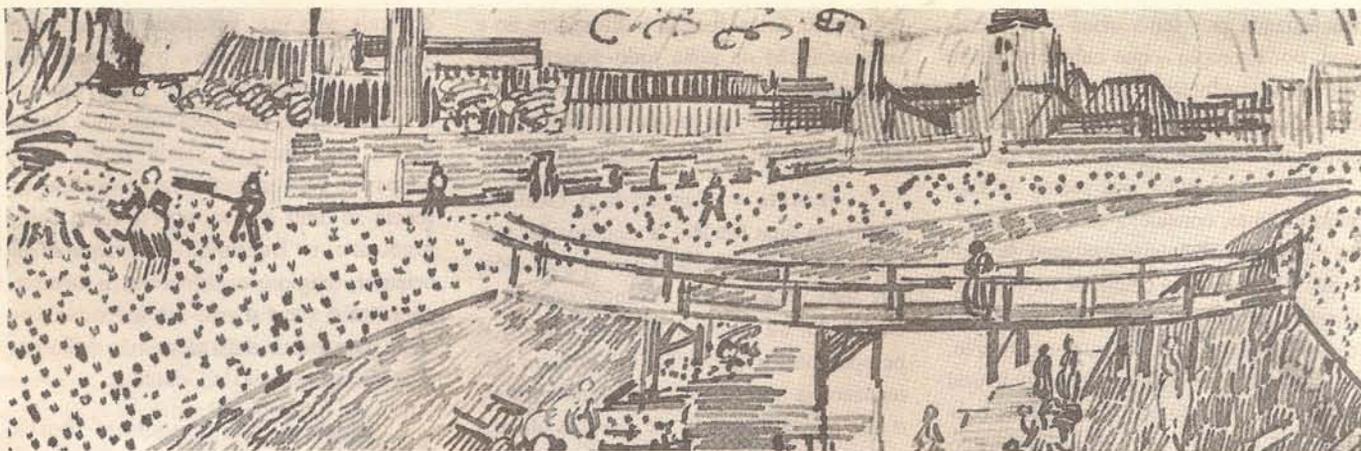
#### HIPÓTESE INICIAL

A situação atual da sociedade humana caracteriza-se por tensões entre o Leste e o Oeste na política, na economia e em todos os níveis da cultura. Isto significa um desafio existencial cuja resposta poderia decidir o futuro da humanidade. Porém, quem sabe se por trás deste antagonismo (negativo) não se oculta, talvez, uma ordem positiva? Propomos a tese de que, em sua natureza mais profunda, as sociedades do Leste e do Oeste têm uma disposição natural a se complementarem mutuamente, disposição que até o momento foi consideravelmente pervertida. De modo semelhante, a rivalidade e a luta emancipatória pelo poder entre os sexos não é mais do que a manifestação de um destino original frustrado – porque cada um está destinado para o outro. Ambos os

sexos expressam a riqueza e a verdade da natureza humana em direções contrárias, de maneira tal que um deles tem o que o outro necessita e espera; e, quando esta expectativa não se realiza, a reação é de desilusão e agressividade. Então, não seria possível conceber que a oposição entre o Oriente e o Ocidente fosse análoga à polaridade entre os sexos, em virtude da qual a mentalidade oriental correspondesse mais ao princípio feminino e a ocidental ao masculino – tendo em vista que, por natureza, o homem é mais *excêntrico* em sua estrutura e funções corporais, ao passo que a mulher é mais *concêntrica*? Tais características físicas refletem-se em atitudes psíquicas: o homem tem uma maior propensão para a objetivação abstrata, tende a diferenciar e distanciar. A mulher, ao contrário, inclina-se à subjetivação e avaliação concreta, à mediação e reintegração dos opostos. O movimento existencial do homem segue a orientação

de dentro para fora, enquanto na mulher dirige-se de fora para dentro. O homem tende à análise e à dissecação, a mulher à síntese e à harmonia; o homem vai para os extremos, a mulher busca manter o equilíbrio. O homem abre o conteúdo da realidade em seus diversos aspectos, a mulher recupera os aspectos diferenciados em sua unidade original. Em outras palavras, o homem enfatiza na unidade a pluralidade, a mulher a unidade na pluralidade. Isto inclui uma maneira diferente de abordar a realidade – o homem possui um enfoque mais racional da realidade, o da mulher é mais intuitivo.

É importante ter presente que qualquer interpretação dos contrastes entre Oriente-Ocidente, ao serem comparados com a polaridade dos sexos, não é mais do que um princípio heurístico e não deve ser levado ao extremo, porque a polaridade sexual não foi fixada de modo absoluto pela natureza, tendo estado também su-



jeita às influências históricas e culturais. Além do mais, nossa comparação refere-se apenas a alguns aspectos fundamentais e prototípicos que, contudo, não se encontrarão manifestados na realidade de forma tão precisa.

Os conceitos de Oriente e Ocidente não podem definir-se no âmbito estritamente geográfico; tampouco deveriam considerar-se num contexto puramente físico; o fator cultural também deve ser levado em conta. O Ocidente, no geral, significa o Velho Mundo da Europa e sua extensão cultural ao Novo Mundo das Américas; o Oriente refere-se à Ásia e África; como as populações e culturas nativas da América provavelmente vieram da Ásia, e em épocas mais recentes receberam um forte impulso da África, neste sentido também o Novo Mundo está em dúvida com o Oriente. Assim sendo, a oportunidade e a tarefa especial do Novo Mundo é o encontro entre Oriente e Ocidente, abrindo caminho a um novo tipo de homem e de cultura – a um homem humanamente integrado.

## Parte II

### OS FENÔMENOS EMPÍRICOS

Procuremos, agora, demonstrar a nossa tese de uma polaridade fundamental e original entre o Leste e o Oeste, elucidando as diferentes esferas da cultura e sua história: a política, a estrutura social, a economia, a ciência, as artes, a filosofia e a religião.

a) **A Política** – Desde a antiguidade o Leste manifestou uma tendência para construir impérios imensos que abraçavam continentes inteiros. Essa tendência

já se evidencia na idéia babilônica de um império mundial, e foi realizada por conquistadores como Átila, Timur e Ghengis Khan, conduzindo, ao final, à idéia da Rússia czarista de um messianismo político – a pequena Mãe-Rússia abarca tudo – ou ainda aos enormes impérios da Índia e da China. A China considerava a si própria o Império do Meio ou o Umbigo do Mundo. A idéia da unidade e comunidade de todos os homens também é predicada pelo comunismo moderno que, embora nascido no Ocidente, encontrou, significativamente, maior ressonância no Oriente; e é do Oriente que estende sua influência para o mundo inteiro. Deste modo, na história da política, o Oriente enfatiza um enfoque da Verdade de que todos os seres humanos devem estar profundamente juntos, um aspecto da Verdade que é exagerado e, em parte, pervertido, suprimindo-se em consequência a outra face da Verdade, que afirma que a humanidade deveria, também, ser uma pluralidade de países autodeterminados. É exatamente essa outra Verdade que se acentua e, parcialmente, se exagera na política ocidental. Desde tempos remotos, os povos da Europa inclinaram-se a formar nações separadas, preferindo o nacionalismo e o chauvinismo. Isto pressupõe o perigo de rachar e fragmentar toda a unidade política no Ocidente. Não estará a idéia moderna de uma Europa unificada, mais motivada pelo temor a uma superpotência financeira americana ou pela ameaça militar soviética, isto é, por considerações puramente racionais do que por sentimentos interiores de se reconhecer como um todo, baseados numa história comum e numa tradição cultural?

b) **Estrutura Social** – A relação inversa com a Verdade política no Ocidente e no Oriente fundamenta-se, por

último, numa estrutura social e numa autocompreensão correspondentes. Tipicamente, no Leste o indivíduo está determinado e limitado por costumes e regras de comportamento tradicionais dentro da sociedade. Por exemplo, pelo confucionismo, que predominou na China por longo tempo, ou pelo papel subordinado da mulher, que tem de reprimir sua individualidade no interesse do bem comum. No Leste, a comunicação está regida pela lei de que não se deve perder nem ocultar a condição a que se pertence, o que significa que o indivíduo tem de integrar-se ao jogo social da harmonia.

O Ocidente, em contrapartida, está sempre interessado em que o indivíduo desenvolva dentro da sociedade sua autonomia, seu direito à livre autodeterminação e a responsabilidade por si próprio. Isto está demonstrado nas lutas pela liberdade que caracterizam o Ocidente, ou nos movimentos de libertação social, na emancipação da mulher e no problema de autoridade inerente às relações entre as gerações. Problemas análogos – de tamanha intensidade – são desconhecidos no Oriente.

Na esfera da ideologia, o Ocidente revela a inclinação para um pluralismo e particularismo na interpretação filosófica do mundo, na orientação política e nas classes. O Oriente propende para a harmonia e o monismo na interpretação do mundo e, no comunismo oriental moderno, para o absolutismo da única teoria do materialismo dialético e da sociedade sem classes. É evidente que, ideologicamente, tanto o Oriente quanto o Ocidente exageraram em suas tendências, radicalizando suas verdades parciais opostas.

c) **Economia** – Esta reciprocidade social é ainda mais pronunciada no campo da economia. A história ocidental está

caracterizada por fenômenos – o liberalismo, por exemplo – que cultivam a livre empresa e conferem importância à independência do industrial individual, em detrimento da sociedade como um todo.

Por outro lado, nos países do Extremo Oriente, considera-se que o indivíduo em si não é o sujeito supremo da economia: a ênfase está colocada na responsabilidade para com a comunidade. Dentro das empresas japonesas, por exemplo, não há uma luta competitiva tão brutal quanto a que existe nas companhias ocidentais; lá predomina um sistema do tipo familiar, no qual o indivíduo está protegido e, em conseqüência, se deixa levar. Isto poderia explicar, em parte, o grande êxito da indústria japonesa em todo o mundo. Outrossim, os sindicatos, em suas reivindicações, não são tão exagerados como seus congêneres do Ocidente. Os indivíduos estão mais dispostos a sacrificar suas vantagens pessoais em benefício da comunidade.

d) **Ciência** – No nível mais alto da ciência, pode-se observar um desenvolvimento semelhante. A idéia da ciência moderna, a saber, a análise e a dissecação racional da unidade da realidade em partes diferentes é um produto típico da mentalidade ocidental. Um passo evidente nesta direção pode ser encontrado na história da ciência, que separa e dá autonomia às diversas disciplinas. Isto também se faz sentir no divórcio entre ciência e vida real.

O afastamento das ciências naturais e culturais da filosofia, e uma da outra, e o distanciamento da investigação científica de toda e qualquer responsabilidade para com a vida humana, são bons exemplos disso. De fato, a investigação científica no Ocidente tornou-se, tudo o que indica, algo com finalidade própria.

Em sentido oposto, no Leste, a ciência racional não está diferenciada de modo tão radical – permanece integrada numa visão filosófica intuitiva do contexto da realidade e da totalidade do ser. Por exemplo, a medicina oriental concentra seu tratamento não apenas em um só órgão, mas fundamenta suas observações no organismo inteiro, como demonstra a acupuntura. Por outro lado, a meditação pratica-se muito mais no Oriente do que no Ocidente. Vemos ainda, no Leste, que a pluralidade da ciência – segundo a compreensão comunista moderna do labor e do sentido da racionalidade científica –

tem como única função a diferenciação e substanciação da idéia todo-poderosa do materialismo dialético; assim, a proclamação da “unidade de teoria e prática” é algo mais do que uma simples frase vazia.

e) **Arte** – Nas artes, o Ocidente manifesta uma tendência mais analítica. O Oriente conserva a visão do todo, também nas suas partes. Foi um pintor ocidental, Leonardo da Vinci, quem descobriu a perspectiva, a projeção da terceira dimensão na superfície de duas dimensões, o que permitiu definir os diversos objetos e captá-los na sua separação visual. Não acontece o mesmo na pintura oriental, que continuou sendo de duas dimensões, não se distinguindo, conseqüentemente, as diferentes partes do todo, estando presente nela a unidade infinita da totalidade em cada parte, conduzindo a atenção do observador para o centro metafísico da realidade. Em contraste, o impressionismo ocidental subtrai ao momento transitório e efêmero seu fundamento metafísico total, ao passo que o expressionismo ocidental parece fazer malabarismos arbitrários com os fragmentos de um mundo desintegrado.

Observando a história da arquitetura no hemisfério Oeste, vemos uma seqüência de diferentes estilos: românico, gótico, barroco, etc.; no Leste temos variações infinitas sobre um mesmo tema básico.

Por último, na música ocidental existe uma complexa estrutura diferenciada de polifonia; contrariamente, no Oriente a música tende à monotonia, e a determinar a nota chave central e fundamental na qual o ouvinte se integra.

Em resumo: a arte ocidental propende a enfatizar e a dissecar a verdade parcial da verdade do ser, a tal grau que chega a proclamar: “*l'art pour l'art*”. A arte oriental, por outro lado, sente que a sua missão é introduzir e integrar o público na harmonia do ser total e de seu centro e fundamento metafísico.

f) **Filosofia e Religião** – A polaridade entre o enfoque ocidental e oriental da Verdade chega a seu ápice na interpretação filosófica e religiosa da realidade. O Ocidente inclina-se a acentuar a posição do indivíduo com referência a Deus, o que conduz, às vezes, ao individualismo religioso; no Leste encontramos uma disposição para identificar o finito e o infinito, o indivíduo e a totalidade, isto

é, tende-se a um panteísmo monístico. A atitude ocidental cultiva o ativismo religioso por parte do indivíduo, que no Oriente é absorvido pela totalidade do ser que a tudo integra, sendo o ser finito eclipsado pelo infinito: sua própria existência se dilui e esvai no Nirvana, como preconiza o Budismo. Na mentalidade oriental, religiosa ou filosófica, a diferença entre o ser e o não-ser individual, ou entre esta vida e a do além, não é tão importante quanto na do Ocidente.

Também no pensamento cristão percebe-se a influência desta polaridade típica. Na história do Cristianismo ocidental podemos observar uma luta pelos direitos e reivindicações dos indivíduos contra a comunidade da Igreja e o poder hierárquico, como, por exemplo, no Protestantismo. Predomina também na compreensão do Catolicismo Romano ocidental uma forma jurídica de pensar, como na definição exata das diferentes áreas de competência da hierarquia. Mais ainda, o conteúdo da fé está caracterizado por definições precisas dos dogmas. A vida no Cristianismo oriental, porém, acentua a unidade e a comunidade e a participação mútua do povo e dos funcionários, como na confissão ou no movimento pneumático das almas através do canto em grupo e também na função oficial e litúrgica dos ícones. Expressando de maneira teológica, a mentalidade dos cristãos do Ocidente está sob o influxo do Logos e a Lógica, e a mentalidade oriental, sob o do Espírito Santo e a espiritualidade. No Ocidente o conteúdo da fé está dividido em verdades diferentes e parciais, sem o espírito da Verdade em sua totalidade. O Leste cultiva uma espiritualidade abstrata, sem definir o conteúdo de modo objetivo. Portanto, enquanto na consciência religiosa do Oriente o caráter do ser divino é mais o de uma mãe, na do Ocidente é de pai e senhor.

É desnecessário dizer que as mencionadas diferenças entre o Leste e o Oeste não significam uma diferente essência humana, mas apenas um enfoque diverso e oposto da única e mesma essência do ser humano. O aspecto da unidade também está presente no Ocidente; de igual modo, a pluralidade e diversidade, no Oriente. Contudo, ambos os aspectos realizam-se no pensamento e na cultura dos dois hemisférios com ênfase inversa e recíproca.

### Parte III

## INTERPRETAÇÃO METAFÍSICA

Para resumir, todos os fenômenos empíricos no campo da política, da estrutura social, da economia, da ciência, da arte, da filosofia e da religião, demonstram – segundo nossa tese inicial – uma polaridade ontológica entre as sociedades ocidental e oriental. Com o propósito de interpretar e compreender metafisicamente esta estrutura da sociedade humana, temos que perguntar primeiramente se a causa desta condição poderia ser uma convergência fortuita de diferentes fatores e influências no curso da história. O acaso – não podemos duvidar – tem certa importância no desenrolar histórico; contudo, também devemos supor que existe uma disposição fundamental – no sentido da polaridade descrita em grandes traços no presente trabalho – na natureza mais íntima da sociedade humana. Porém, devido à influência de fatores casuais, essa estrutura essencial da polaridade consuma-se tão só de maneira imperfeita.

Sobre esta base pode-se delinear um perfil metafísico mais profundo da coordenação Ocidente - Oriente. A metafísica aborda a questão da essência interna transcendental e da razão do ser como tal, e esta realiza-se em cada espécie de ser de maneira diferente, transcendendo assim todas as esferas. Esse sentido transcendental do ser, segundo a metafísica tradicional, explica-se pelos atributos transcendentais da unidade, da verdade e do bem; o ser significa, sempre, a Unidade, a Verdade e o Bem.

No nosso contexto, isto indica primeiramente: o ser da sociedade humana é possível apenas sob a condição de que constitua uma unidade. Tal unidade não se deve interpretar como uniformidade ou identidade monótona e unívoca, mas como uma ordem na qual as diferentes partes completam-se mutuamente. Por exemplo: um organismo não pode viver mediante uma igualdade, e sim pela diversidade de seus órgãos quanto à sua estrutura, função e lugar. De modo semelhante, a sociedade humana tem que evoluir numa pluralidade de formas – o que não significa um pluralismo carente de interconexão. Nesta formação, os diferentes membros têm de se respeitar, de acordo com as exigências da unidade comum; ou seja, a natureza humana comum deve expressar-se e realizar-se em formas opostas, nas quais alguns membros desenvolvem, precisamente, aquelas qualidades que outros não têm, a fim de tornar possível a existência

do todo mediante a participação e mútua comunicação de seus membros. De maneira similar à dos dois sexos, também a natureza e a cultura do Leste e do Oeste constituem as expressões opostas do ser humano comum, e estão destinados a se completar numa participação e comunicação mútuas, para realizar e cumprir a existência da humanidade inteira.

Isto nos permite compreender de modo concreto o significado da analogia metafísica do ser: tanto a unidade ou semelhança na natureza básica e comum do ser humano, quanto a diversidade, a pluralidade e dissimilaridade em sua expressão oposta. Pode-se observar esta analogia, individualmente, nas relações entre os sexos, e, socialmente, nas relações entre Oriente e Ocidente.

Neste contexto, a ordem da humanidade, no sentido de uma paz realmente criadora, significa a unidade na diversidade e na pluralidade, e a pluralidade na unidade, estando constituída pela polarização e o equilíbrio de duas forças contrárias. A primeira dissocia a unidade em pluralidade e distancia as diferentes partes entre si; a segunda junta as partes e as associa numa unidade. A primeira está acentuada no Ocidente e a segunda no Oriente. Por conseguinte, torna-se evidente que, na ordem da humanidade, o Leste e o Oeste estão destinados a se complementar mutuamente, e um não pode existir sem o outro; sem a participação das forças sintetizadoras do Oriente, as forças analíticas do Ocidente destruiriam e dissolveriam a unidade e o ser da vida humana; sem a participação da análise e das forças diferenciadoras do Ocidente, as forças sintetizadoras do Oriente ignorariam todas as diferenças e reduziriam a vida da humanidade a uma massa indistinta de identidades anônimas.

Na estrutura da humanidade, a essência íntima do ser aparece como unidade; simultaneamente – neste contexto concreto – a unidade do ser evolui na direção das qualidades transcendentais já mencionadas, isto é, da Verdade e do Bem. A Verdade resulta da revelação do conteúdo da unidade do ser por meio de um movimento de todas as suas partes para fora, para o exterior. O Bem resulta de um movimento para dentro, interior, ao reunir as partes dispersas numa unidade perfeita de participação e complementação mútua, obtendo assim a perfeição de uma unidade que, inicialmente, foi apenas vazia.

Portanto, a capacidade primordial do Ocidente é o desenvolvimento da Verdade do sentido da análise e da ciência racional. O perigo para o Ocidente consiste

na sua incapacidade de compreender intuitivamente o processo e o resultado do pensamento racional e de integrá-lo no reino do Bem. A capacidade do Leste está na sua intuição, e o perigo, na inabilidade para estruturar a sua visão intuitiva de maneira racional. Donde se torna evidente, mais uma vez, que Oriente e Ocidente dependem um do outro, em sua relação inversa com a Verdade.

Neste ponto, a dimensão mais profunda do ser como tal revela-se como um movimento para fora e para dentro. Isto está formulado na estrutura trinitária da Divindade – expressa de modo mais claro e racional na tradição da filosofia e teologia do Cristianismo ocidental, e também presente na mitologia oriental do Antigo Egito e nas *Upanishads*, nas quais Deus aparece como *Sat-Chit-Ananda*, que significa Ser-Verdade-Felicidade; ou, ainda, nos princípios *Yang* e *Yin* da China antiga, ou no *Tao-te-king* de Lao-Tse; e, também, apesar que de modo diferente e desvirtuado, no conceito de mundo como movimento dialético, como afirmam Hegel e Marx.

Conceitua-se a Divindade como um movimento infinito e eternamente circular, um movimento para o exterior que se expressa no Logos, e um movimento para o interior do qual resulta o Espírito Santo que é a plenitude. O primeiro constitui a Verdade, o segundo o Bem. Por conseguinte, o ser do Ocidente participa mais de um movimento divino para fora e do Logos, ao passo que o ser do Oriente enfatiza o movimento divino para dentro e o Espírito Santo.

Nessa revelação da Santa Trindade, na polaridade entre Oriente e Ocidente, estão as fontes de salvação dos problemas estruturais da sociedade humana. Se a humanidade – sofrendo pela sua incapacidade de resolver seus problemas estruturais existenciais –, em lugar de fechar-se em suas limitações e finitudes, abraze sua mente ao movimento fundamental infinito, esta participação ativa e confiante poderia conduzir a polaridade Oriente-Ocidente, em sua proporção correta, em direção à sua verdade metafísica e levá-la a uma existência livre e plena.

HEINRICH BECK

Este artigo foi publicado originalmente em espanhol na revista *Oriente - Occidente*, *Revista de Investigaciones Comparadas*, CONICET, ano IV, nº 1, Universidad Del Salvador, Buenos Aires, 1983. Tradução de Lia Diskin.

### As florestas e a geometria original do Universo

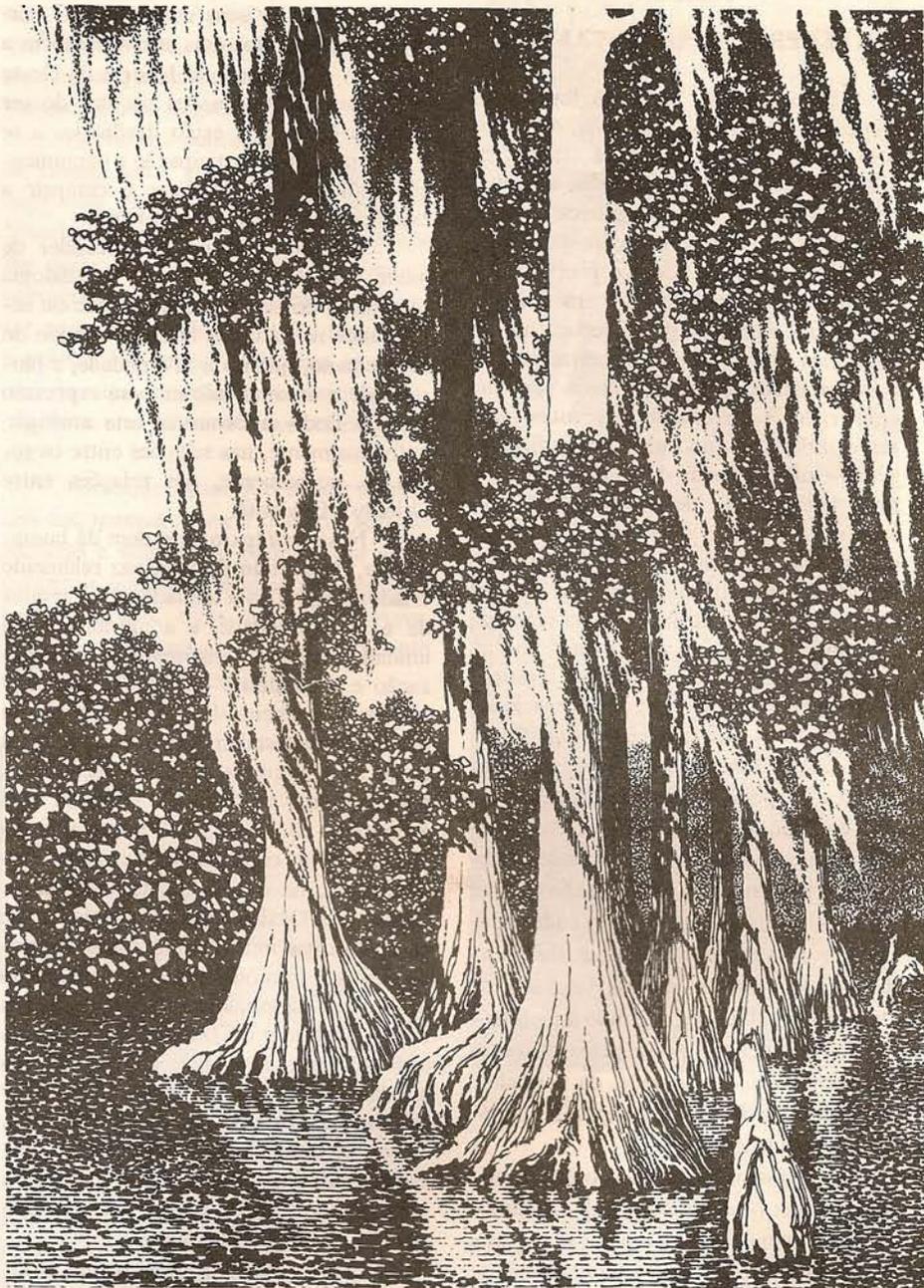
Todos nós sabemos como são complexas as relações existentes entre uma simples árvore e as formas de vida que nela existem, ou ao seu redor. Sendo os seres humanos uma forma de vida tão distinta, diferente das árvores, por que elas são tão importantes para nós? Porque, embora distintos, diferentes, os seres humanos compartilham da mesma herança vital.

O motivo pelo qual as árvores e as florestas são para nós tão significativas, está ligado à geometria natural do Universo. Devemos, portanto, distinguir entre a geometria criada pelo homem, que aprendemos na escola e que floresceu a partir da geometria euclidiana, e a geometria natural, especialmente a geometria das formas vivas.

Quando Euclides formulou sua geometria, que se converteu na base das formas produzidas pelo homem, a razão grega já havia sido corrompida pela abordagem analítica e classificatória do mundo elaborada por Aristóteles. Se com Sócrates e Platão o mundo grego ainda se mantém unitário e harmônico, com Aristóteles começamos a dividir, retalhar e atomizar, a colocar as coisas em compartimentos separados onde são identificadas por rótulos especiais chamados **definições**.

Euclides e sua geometria apenas reforçam a tendência ao atomismo, ao separatismo e ao hábito de pensar segundo categorias lógicas bem definidas: aqui estão os axiomas, aqui as regras de derivação, aqui os teoremas derivados dos axiomas através das regras aceitas de derivação. Tudo muito claro e rigorosamente definido. É o triunfo da mente ocidental, que dependerá muito do poder do raciocínio formal, do significado dos axiomas – convertendo-se estes nos tijolos com os quais as outras coisas deverão ser construídas.

Não devemos nos esquecer da ênfase dada por Euclides, da importância



# AS FLORESTAS COMO SANTUÁRIOS

atribuída por ele ao ponto e à linha reta. Sabendo que não só nunca vemos o ponto – pois o ponto como tal é invisível –, como também que é raro depararmos-nos com uma linha reta na natureza, no entanto, a arquitetura do mundo humano ou, para ser mais preciso, a arquitetura do mundo construído pelo homem moderno, alicerça-se em linhas retas e nestes pontos invisíveis.

Coloquemos a proposição em termos gerais: a geometria que domina nossas vidas, quando estamos em uma cidade, em uma casa moderna ou quando dirigimos um automóvel é a geometria proveniente do sistema abstrato da geometria concebida pelo homem. É uma geometria que, após certo tempo, nos aprisiona e sufoca.

Fizemos uma distinção entre geometria natural e humana. Mas o que é essa geometria natural? São as formas pelas quais e através das quais o Universo e a vida evoluíram. Que formas são essas? São circulares, espirais, redondas e em forma de útero. Ao contemplarmos a arquitetura do Universo – as galáxias e os átomos, as amebas e as árvores – percebemos imediatamente que as formas e modelos da natureza e do Universo são redondas e espiraladas, ou amorfas, frequentemente.

O Universo em sua dança não se movimenta em linhas retas. Traça espirais, círculos e desenhos irregulares. A vida, dançando no interior e através de todo o Universo não obedece a nenhuma coreografia feita por computador ou à sua lógica linear. O símbolo quintessencial da vida é o útero.

Toda a vida surgiu do útero primordial, que é irregular, informe, repleto de voltas e de espirais interligadas. Nós, seres humanos individuais, fomos concebidos e nutridos nos úteros de nossas mães. A geometria natural condicionou-nos os primeiros impulsos e modelou nosso crescimento inicial. Também formou nossos corpos, que nada mais são que expressões desta mesma geometria. Observe, pois, seu próprio corpo sob a perspectiva da geometria natural: são inúmeras, as suas formas irregulares: redondas, ovais, assimétricas. Quase não existe linha reta na arquitetura do nosso corpo. A cabeça parece um engraçado ovo irregular. Os braços e as pernas são ci-

lindros igualmente irregulares. Os olhos, a boca, o pescoço, o estômago, não são mais que intermináveis variantes de um mesmo tema: a geometria natural.

Nutridos, condicionados, modelados e determinados pela geometria natural, respondemos a ela de modo espontâneo e intuitivo. Por que repousamos tão bem ao lado de uma árvore? Porque nela encontramos uma expressão de nossa geometria natural. Estar cercado e nutrido pelas árvores, estar em comunhão com elas é para nós um retorno à geometria original da vida. Por isso nos sentimos tão confortados quando acontece essa comunhão. **Nascemos e fomos nutridos pela geometria natural e a essa geometria aspiramos retornar.** Quando nos abandonamos, na geometria de uma árvore resolvemos tensões acumuladas em nós pela geometria artificial. **É preciso que percebamos que a geometria artificial dos ambientes construídos pelo homem está carregada de tensão e “stress”.**

Os ambientes não estruturados necessários ao nosso bem-estar, à nossa saúde mental e também aos momentos de meditação silenciosa – sem os quais não podemos atingir verdadeiramente nosso ser mais profundo – não devem restringir-se apenas às florestas. Montanhas agrestes e regiões selvagens também nos oferecem esse mesmo laço de união com as gloriosas forças elementais da vida. As regiões selvagens doam vida no sentido fundamental da palavra, nutrindo-nos o núcleo do ser. Este núcleo é, às vezes, chamado de alma.

Compreender a natureza do ser humano é, em última instância, uma viagem metafísica ou, no mínimo, transfísica. Transfísico, traduzido em grego, significa metafísico. O significado metafísico das florestas está relacionado com a qualidade do espaço que elas proporcionam para a tranquilidade de nossas almas. São espaços de silêncio, de sanidade, de nutrição espiritual – neles nosso ser é restaurado e encontra paz.

Sabemos o quanto podem ser corrosivas para nossa alma as cidades modernas; e de fato são. A simples comparação entre o modo de vida de uma cidade tecnológica e o de uma região silvestre é suficiente para que percebamos o significado metafísico dos espaços das florestas, das montanhas e terras pantanosas.

Embora as árvores sejam imensamente importantes para o nosso bem-estar psíquico, nem todas possuem a mesma energia e o mesmo significado. Os parques franceses cuidadosamente podados e as florestas primitivas finlandesas são entidades diferentes. Nos parques franceses testemunhamos o triunfo da lógica cartesiana e da geometria de Euclides, enquanto que nas florestas finlandesas, plênicas e imensas, cercadas por lagos irregulares e que lembram silhuetas femininas, presenciamos o triunfo da geometria natural.

Atualmente é difícil precisar o que é natural e o que é artificial. Contudo, se estivermos no interior das estruturas plásticas de um aeroporto, tendo sobre nós suas paredes frias e brutas e suas longarinas desvitalizadas – e se nos transportarmos ao seio de uma enorme floresta, saberemos exatamente a diferença entre ambos, sem qualquer ambigüidade. Nossas almas respiram nas florestas e sufocam nos ambientes de plástico.

A idéia de que nossa alma respira em um ambiente natural, não fabricado, não deve ser tomada como uma metáfora poética. É uma verdade palpável que tem sido verificada em inumeráveis ocasiões e em muitos contextos – embora geralmente de maneira indireta, um pouco des- percebida.

Dentro de uma velha e adorável cabana, a viga de madeira suportando o teto nos atrai enormemente – como nenhuma viga de concreto ou ferro o faria. No interior de um apartamento moderno, igual aos outros, exceto por um agradável revestimento de madeira nas paredes, é esse o detalhe que nos chama a atenção, nos faz reagir; é como se entrássemos em sintonia com ele. Isso ocorre não porque sejamos velhos e tolos sentimentais, ou apenas por razões estéticas, mas por motivos mais profundos e essenciais.

A vida quer respirar. Respiramos mais livremente quando há outras formas de vida ao nosso redor que também possam respirar. Aquela antiga viga de carvalho no teto da cabana respira. O revestimento de madeira no apartamento moderno respira. E respiramos com eles. Os interiores de plástico e os cubículos de concreto, os quarteirões de arranha-céus e as cidades retilíneas não respiram. Achamos que são “estéreis”, “distantes” e “depressivos”. Estes adjetivos vêm do

mais fundo de nosso ser e não são apenas reações idiossincráticas de alguns, mas de todos nós, pelo menos da grande maioria.

Um interior de plástico pode ser esteticamente agradável; no entanto, após certo tempo, nossa alma passa a senti-lo desconfortável, constrangedor, um tanto deformante. A vida primordial em nós responde, inequivocamente, ao ambiente. Temos que aprender a escutar cuidadosamente o pulsar desta vida primordial,

metria original – o que sempre revivifica. Fazemos tais viagens com muita frequência, sempre que plantas e flores nos cercam, mas raramente o percebemos.

As florestas e a vida espiritual estão intimamente relacionadas. Os povos antigos sabiam desta relação, cultivando-a com muito carinho. Seus espíritos eram vigorosos porque sua sabedoria lhes revelava onde se encontrava a fonte desse vigor.



quer a chamemos de instinto, intuição ou resposta holística. Respondemos, sim, com grande sensibilidade, aos espaços, geometrias e formas vitais que nos rodeiam. Reagimos positivamente às formas que respiram vida, que a intensificam. A vida em nós quer ser nutrida e intensificada. Daí que queiramos estar junto a formas vitais.

Portanto, é importante morar nas proximidades de formas que respirem: vigas, pisos, revestimentos de madeira.

Felizes as nações que podem edificar casas cujo interior e exterior seja construído em madeira. Porque ela respira, se transforma, deteriora-se – como nós. Também é importante ter flores e plantas no ambiente em que vivemos, porque elas respiram. Contemplar uma flor por três segundos pode ser uma cativante viagem solitária de retorno à geo-

### Florestas sagradas na História

Havia intimidade entre os povos antigos e seus ambientes. Conseguiram mesclar-se à tapeçaria da vida que os cercava de maneira tão extraordinária que só nos resta admirar-lhes a sensibilidade e sabedoria. Possuíam uma compreensão muito especial do espírito do lugar em que viviam.

As florestas, evidentemente, tinham enorme importância para os povos antigos, e em quase todos os lugares onde havia árvores, demarcavam-se algumas florestas como áreas especiais, sagradas. Essas florestas deviam ser protegidas e





jamais profanadas. No livro seminal de Sir James Frazer, *The Golden Bough* (1935), temos um testemunho eloqüente e impressionante de como os povos, desde a era paleolítica, preservaram e cultuaram suas florestas; de como consideraram certas florestas como sagradas. “Nelas, nenhum machado poderia abater nenhuma árvore, nenhum galho poderia ser quebrado, nenhum graveto recolhido, nenhuma relva ser queimada, e os animais

edifícios monumentais com colunas e tudo o mais, estes bosques e florestas sagrados não deixaram de existir, sendo ainda bem cuidados e protegidos. Inspiravam a percepção do espanto, do mistério do Universo, a superior percepção de se estar próximo dos deuses. O filósofo romano Sêneca escreveu no primeiro século da era cristã:

“Se estiveres em um bosque de árvores antigas que ergueram suas copas até



—TENÓRIO

ali abrigados não poderiam ser molestados.”<sup>1</sup>

No mundo da Grécia clássica, e depois em Roma, estes bosques e florestas eram geralmente circundados por paredes de pedra. Esta delimitação era chamada em grego *temenos* – lugar separado ou demarcado. Uma tradução melhor poderia ser “recinto sagrado”. Um periódico intitulado *Temenos* começou a ser publicado na Inglaterra no final da década de 70 evocando explicitamente o espírito do *temenos* como recinto sagrado e sugerindo a criação de espaços sagrados.

Em latim o termo para esses lugares demarcados era *templum*. *Templum*, é claro, é a raiz original da palavra “templo”. Eram locais sagrados em que ocorriam as cerimônias religiosas, templos ao ar livre, na verdade. Posteriormente, quando os templos foram erguidos em

afastar a luz do céu com a escuridão de seus galhos entrelaçados, sentirás a presença do espírito do lugar, de tão portentosas as árvores, de tão solitário o ambiente, de tão assombrosa a sombra espessa e virginal.”<sup>2</sup>

Esse sentido do mistério do Universo que alguns lugares evocavam mais que outros, levou os povos antigos a celebrar e proteger tais lugares. Sentiam que neles suas vidas ganhavam riqueza e profundidade. Nas florestas e nos bosques sagrados sentiam-se mais próximos dos deuses e de outras forças sublimes da natureza. Esse sentido do mistério do Universo foi perdido pelo homem ocidental moderno. Mas não de todo.

Em Delfos, num dia fresco de primavera, quando a onda de turistas que dessacraliza o lugar está ausente, reinando paz e tranqüilidade, identificamo-nos com

o espírito do lugar, e sentimos o tremendo poder emanado pelos arredores.

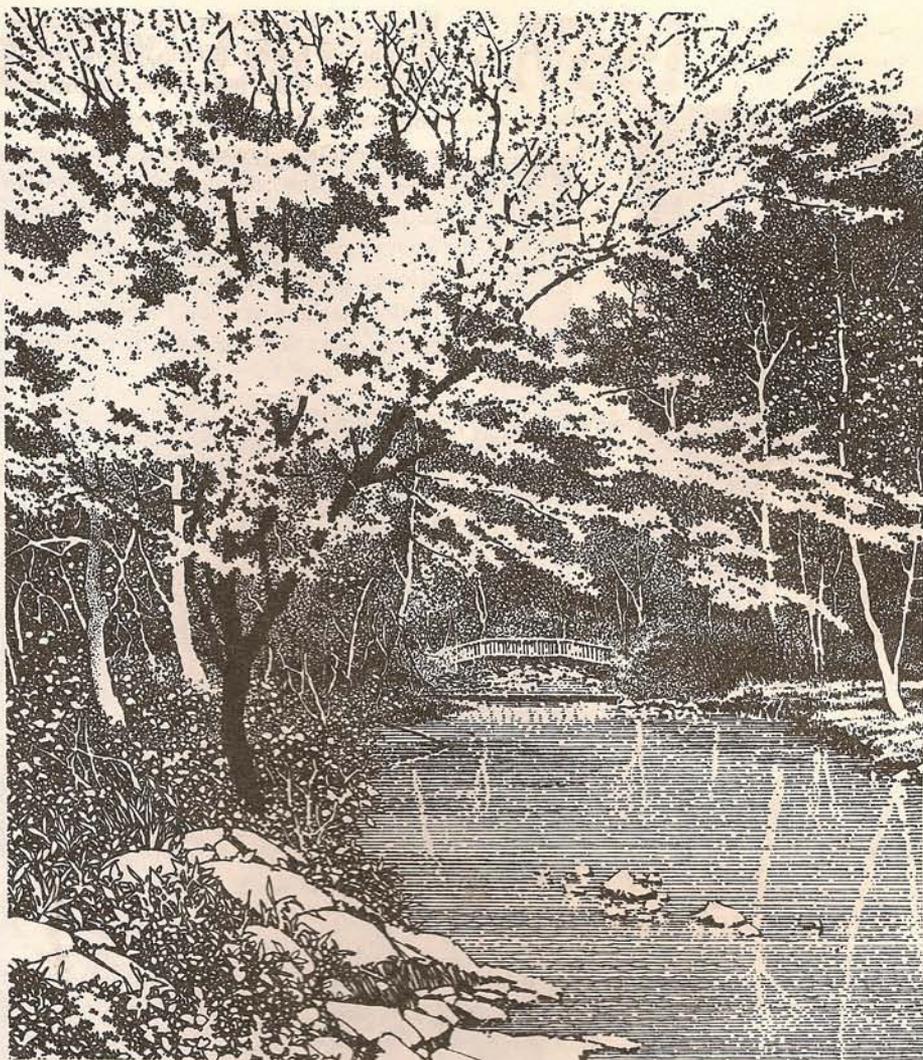
A noção de sagrado reside em todos nós, mas necessita atualmente de circunstâncias muito especiais para sua manifestação. Temos os corpos embotados, os sentidos sobrecarregados, as mentes repletas de responsabilidades, o que torna a jornada da transcendência – para o âmago de nosso ser – bem difícil em nossos dias. Os povos antigos vivenciavam essa noção de sagrado cotidianamente. Toda a estrutura de suas vidas era estabelecida de tal forma que o ser humano não apenas podia ter a experiência do sagrado mas era também encorajado a isso.

Nos bosques e florestas sagradas da Grécia antiga, algumas árvores específicas eram dedicadas a deuses específicos. Os carvalhos estavam sob o domínio de Zeus; os salgueiros, de Hera; as oliveiras, de Palas-Athena; o loureiro, de Apolo; o pinheiro, de Pan; a videira, de Dionísio. Mas tal identificação não era rígida, pois os gregos de outrora eram pessoas generosas e flexíveis. Em vários locais, devido a determinadas tradições, árvores diferentes poderiam ser dedicadas a divindades diferentes. Na ilha de Lesbos, por exemplo, havia um bosque de macieiras dedicado a Afrodite.

Em muitos bosques sagrados havia nascentes, riachos, às vezes lagos. Era absolutamente proibido poluir tais nascentes e lagos e a pesca era vedada, exceto para os sacerdotes. Acreditava-se que quem quer que pescasse transformaria-se no peixe chamado “pescador” (Pausânias, 3, 21, 5).

Em Pellene havia um bosque sagrado muito singular dedicado a Ártemis, a Salvadora, no qual homem algum podia entrar, a não ser os sacerdotes. Isso era bastante incomum. A regra usual era que qualquer pessoa poderia entrar desde que viesse ritualmente limpa, sem culpas de crimes sérios, principalmente de assassinato.<sup>3</sup>

A tradição dos bosques e florestas sagrados foi mantida pelos povos antigos de todo o mundo. Os bosques sagrados da Índia são tão antigos quanto a própria civilização indiana, remontando aos tempos pré-históricos, anteriores à agricultura. Enquanto que a idéia e a existência dos bosques e florestas sagrados não sobreviveram no Ocidente – ao nos tornarmos



progressivamente uma sociedade secular –, esses bosques subsistiram na Índia até tempos recentes. Todavia, com o enfraquecimento da estrutura religiosa de crenças, a própria idéia, e portanto a existência dos bosques sagrados, foi solapada na Índia. Apesar disso, ainda existem alguns bosques dedicados a divindades específicas e sob a proteção delas.<sup>4</sup>

Uma de minhas definições preferidas de floresta é a de Buda. Para ele, a floresta era “um organismo peculiar de ilimitada bondade e benevolência que nada exige para sua manutenção e concede generosamente os frutos de sua atividade vital; oferece proteção a todos os seres, doando sua sombra até mesmo ao lenhador que a destrói”.

Os americanos nativos – ou índios americanos – tinham uma sensibilidade especial para apreciar a qualidade dos lugares. Adorar uma montanha, um riacho ou uma floresta era algo perfeitamente natural para eles, pois cada planta ou ár-

vore, bem como a Mãe-Terra e o Pai-Céu estavam impregnados por um espírito.

Num cosmos submerso em forças naturais, o fato de delimitar certos lugares como particularmente importantes e sagrados era tão natural quanto inevitável. Estes lugares especiais eram também os locais dos ritos e das cerimônias, onde o sagrado podia integrar-se à vida cotidiana; neste ato, o mistério e a divindade essencial do Universo eram reafirmados.

No mundo ocidental, as igrejas e os santuários serviam a este propósito, de ligar o homem ao sagrado. Isso foi há algum tempo. Em nossa caminhada rumo a uma sociedade secular acabamos perdendo o sentido do mistério da vida e da sacralidade do Universo. Hoje, as igrejas, ocas, reverberam com o nada, pois o espírito se ausentou das pessoas. As igrejas estão fechando. Somente na Inglaterra duas mil das dezesseis mil igrejas existentes foram fechadas. Sabe-se que apenas três por cento da população frequen-

tam regularmente a Igreja Anglicana. E então ouvimos o Bispo de Durham dizer: "Não seria o caso de reconsiderar chamar-se a Inglaterra de país cristão?" Em outros países ditos cristãos a situação não é semelhante?

O templo original, *templum* ou *temenos*, perdeu seu significado pois nossos corações estão quase sempre gelados, e nossas mentes perderam contato com o misterioso e o sagrado. Ao empobrecermos o universo do sagrado, empobrecemos a nós mesmos. Ao transformarmos os bosques e florestas sagrados em indústrias madeireiras, não mais dispomos de templos naturais em que possamos renovar a nós mesmos.

### Rumo a uma renovação espiritual

Estamos agora reavaliando o legado de toda uma civilização tecnológica e as conseqüências que trouxe às almas e às nossas florestas. Nosso problema não é mais como **gerir** nossas florestas e nossas vidas mais **eficientemente** a fim de obter mais e mais progresso material. Nossas questões são agora mais fundamentais: Como podemos nos renovar espiritualmente? Qual é o caminho para um viver integral? Como podemos sobreviver como seres humanos e criaturas compassivas? Como preservar nossa herança cultural e espiritual?

As regiões selvagens, às quais chamamos "áreas doadoras de vida", são importantes por três razões. Primeiro, são importantes como santuários. Várias formas de vida não poderiam sobreviver sem elas. O segundo motivo de sua importância é que fornecem a madeira que possibilita os lindos acabamentos e as vigas que permitem à vida respirar em nossas casas.

O terceiro motivo, e o mais significativo, é que são fundamentais como santuários humanos, como locais de renovação biológica, psicológica e espiritual. Enquanto a carruagem do progresso – o demônio da destruição ecológica – avança, varremos do mapa cada vez mais santuários: desaparecem sob o machado do homem, são poluídos pelos ambientes sintéticos, transformam-se em Disneylândias.

A reconstrução de santuários é vital para o bem-estar de nossos corpos e para o bem-estar de nossas almas pois os dois atuam em uníssono. Perdemos o significado do templo (*templum*) em nossas igrejas, atualmente desertas. Temos que resgatar esse significado desde as bases. Temos que ressacralizar o mundo, do contrário nossa existência será infecunda. Vivemos num mundo sem encantamentos, temos de embarcar na viagem do reenchantamento do mundo. Precisamos recriar rituais e cerimoniais específicos que expressem e celebrem os aspectos mais preciosos da vida.

As florestas ainda nos inspiram e infundem-nos espanto e mistério... quando temos tempo e tranqüilidade mental para nos perdermos nelas. Esta é uma mensagem importante. As florestas podem novamente tornar-se recintos sagrados onde sejam realizados os grandes rituais da vida, onde possam acontecer as celebrações do mistério e da singularidade da vida e do Universo. Depende de nossa vontade, converter as florestas em lugares de ressacralização do mundo. O primeiro passo nessa direção foi dado pelo famoso diretor polonês Jerzy Grotowski, que abandonou o teatro com o propósito de fazer da natureza, e das florestas em particular, os alicerces sagrados para a nova comunhão do homem com o cosmos.<sup>5</sup>

Estando em Findhorn em 1979, encontrei o legendário Homem das Árvores, Richard St. Barbe Baker. Àquela época ele já estava na casa dos noventa. Um belo homem, em sua idade madura, irradiando firmeza de caráter, tranqüilidade e a solidez das grandes árvores. Desde a tenra infância sua paixão era plantar árvores; plantou milhões delas em todo mundo, ao longo de sua vida intensa e produtiva. Durante sua conferência em Findhorn, conduziu-nos a uma ponderação bem peculiar: pediu que cada um de nós imaginasse ser uma árvore. Estendemos os braços como se fôssemos árvores... enquanto nossos pés arraigavam-se firmemente no chão – como raízes de árvores. Para ele, interagir com a floresta era uma forma de religião. Cada árvore era uma forma de altar.<sup>6</sup> Precisamos desenvolver um espírito de reverência e uma empatia similar pelas árvores e florestas, pois estas são verdadeiros santuários.

Deixem-me terminar com um breve poema:

### DE HOMENS E FLORESTAS

As florestas são templos.  
As árvores, altares.  
E nós, sacerdotes servindo  
Aos deuses florestais.  
Somos também sacerdotes  
Servindo ao templo interior.  
Trata a ti mesmo  
Como se fosses um templo interior  
E te aproximarás do deus que o habita.  
Caminhar pela vida como se estivesses  
Em um templo imenso,  
Esse é o segredo da graça.

HENRY SKOLIMOWSKI



### NOTAS

1. Frazes, Sir James, *The Golden Bough*, Vol. 2, p.42.
2. Sêneca, *Epístolas*, 4, 12, 3.
3. Para estudos posteriores, ver: J. Donald Hughes, "Sacred Groves: The Gods, Forest Protection, and Sustainable Yield in the Ancient World", in *History of Sustained Yield Forestry*, N.K. Steen, edição 1983.
4. Para estudos posteriores, ver: Madhav Gadgil e V. D. Vartak, "Sacred Groves in India – a Plea for Continued Conservation", in *The Journal of Bombay Natural History Society*, vol. 72, nº2, pp. 314-320, 1975.
5. Ver Jerzy Grotowski, *On the Road to Active Culture*, 1979, e seus outros escritos.
6. Ver, em especial: Richard St. Barbe Baker, *My Life, My Trees*, Findhorn Press, 1979.

# Alexandra David - Neel



**N**a França, Alexandra David-Neel é citada entre os maiores exploradores do final do século passado e início deste. Comprova-o a grande quantidade de livros que escreveu, narrando suas viagens e abordando as filosofias religiosas e tradições dos países visitados ou nos quais viveu; os relatos referem-se principalmente ao Tibete, à Índia e China.

Alexandra David-Neel iniciou suas viagens no século XIX, que foi uma época de descobrimentos. Nesse período muitas pessoas deixaram o mundo "civilizado", aventurando-se por regiões inexploradas e encontrando povos que depois descreviam como "não civilizados". Muitos desses exploradores eram missionários cujo principal objetivo era aculturar os "selvagens", ou ao menos paten-

tear, através de educação e assistência médica, a superioridade da civilização ocidental. Alguns estavam interessados apenas em fazer conversões em massa e suas narrativas estão pontilhadas de descrições pejorativas de povos e costumes. Não obstante, houve aqueles que se interessaram realmente pelas culturas com que tiveram contato, deixando-nos textos preciosos e sensíveis, alguns dos quais foram considerados obras de valor científico.

No entanto, o típico explorador e jornalista do século passado não foi o missionário. Sua maior preocupação era realizar façanhas até então inéditas. Desejava ser o primeiro a explorar montanhas e florestas, mapeando e descrevendo os territórios desbravados. Eram viagens

geralmente curtas; eles despendiam mais tempo escrevendo e fazendo conferências pela Europa e Estados Unidos. Seu conhecimento das terras visitadas mantinha-se, *grosso modo*, na superficialidade, embora tivessem a tendência de estabelecer juízos e conclusões globais e definitivos.

Por vários séculos e até o final do XIX o Tibete fora um país proibido a estrangeiros. O que o tornou naturalmente alvo de exploradores, aventureiros e missionários destemidos, que procuravam entrar naquela terra misteriosa. Alexandra David-Neel era um deles. Porém, embora ostentasse uma postura de exploradora, vangloriando-se de ter sido a primeira mulher ocidental a entrar em Lhasa, o caráter de suas viagens tinha

outra amplitude e o grau de seu conhecimento era extremamente profundo. Apesar de em 1927 ter recebido uma medalha da Associação Atlética Feminina por sua caminhada até Lhasa, disfarçada de peregrino mendicante, suas capacidades físicas foram, em muito, superadas por seu acervo de conhecimentos. Dominava o sânscrito e o tibetano, o que lhe valeu a admiração dos eruditos hindus e do Tibete. Sua ousadia e jactância podiam ser típicas de uma exploradora, mas ela era fora do comum, única, na maneira como conduzia suas pesquisas e estudos, que se referiam principalmente ao Budismo tibetano.

Os comentários de outros exploradores, estudiosos, jornalistas e geógrafos da época eram coloridos pela visão de seu próprio tempo e cultura. Por mais abertos que fossem, jamais conseguiram libertar-se de seu próprio ambiente ético-cultural e mergulhar por completo na cultura e religião abordadas. Quanto a Alexandra, embora tivesse um alicerce sólido no terreno de sua própria cultura, procurou criar, escrevendo, uma ponte entre seu conhecimento do Oriente e os valores ocidentais. Seus relatos revelam a autenticidade de sua experiência no campo da filosofia tibetana e da abordagem mística do Budismo. Sua revisão compreensiva e bastante pessoal não foi, a princípio, bem aceita pelos orientalistas franceses arraigados aos métodos limitados do século XIX. Alguns tentaram mesmo provar que ela jamais estivera no Tibete. Porém, mais tarde, quando os próprios tibetanos leram seus livros, reconheceram neles a cultura, o país, a terra que tão bem conheciam, a cujos eruditos, que lhe analisaram os ensaios, impressionou seu grande acervo de leitura e o conteúdo da correspondência que manteve com o Dalai-lama e o Panchen-Lama, reveladora de profundo conhecimento das escrituras budistas. Esse material, embora não tenha sido publicado e seja de interesse apenas acadêmico, comprova a autenticidade de Alexandra David-Neel.

Podemos traçar-lhe a vida extraordinária através de seus livros publicados, compreendendo aproximadamente 25 volumes, sem se contar os ensaios e os dois volumes de cartas a seu marido, estes, publicados após sua morte. A biografia do francês Jean Chalon também relata fatos interessantes de sua juventude.

## JUVENTUDE

Alexandra David-Neel nasceu em Saint-Mandé, perto de Paris, no dia 24 de outubro de 1868. Seu pai, Louis David, era huguenote; primeiro professor, depois jornalista, foi um socialista, que se opôs radicalmente ao regime monárquico de Luís Felipe e, com seu amigo Victor Hugo, foi exilado para a Bélgica, onde conheceu Alexandrine Borghmans, com quem se casou em 1854.

O casal voltou em 1859 a Paris, onde Alexandra passou os primeiros sete anos de vida, após os quais a família retornou a Bruxelas. Muito cedo a menina revelou fortes traços de independência e determinação, marcados pela aversão à mãe que, afirmou mais tarde, estava mais interessada em investimentos. Sua tendência ao não-conformismo, provavelmente herdada do pai, logo fez com que a mãe perdesse o interesse por ela. Alexandra iniciou bem cedo suas escapadas – a primeira aos cinco anos, quando fugiu para um bosque nas imediações de casa e lá ficou a tarde toda. Tal hábito, que continuou pela adolescência afora, levou-a à Inglaterra aos quinze anos; só voltou quando a bolsa ficou vazia. Aos dezessete foi para a Itália e a Suíça, vestida como uma senhora, com uma aliança no dedo. Quando o dinheiro acabou, telegrafou aos pais para que fossem buscá-la. Esse comportamento desmoralizou-a aos olhos da sociedade do século XIX, acabando com qualquer esperança de um casamento respeitável.

Aos vinte anos foi para Londres, vivendo alguns anos na sede da Gnose Suprema, associação que estudava diversas tradições religiosas, especialmente as orientais. Passava a maior parte do tempo na biblioteca, lendo filosofia. Descobriu a Sociedade Teosófica e, fascinada pelas traduções das *Upanishads* e da *Bhagavad Gita*, decidiu ir a Paris para estudar sânscrito com dois dos mais eminentes professores da época, Silvain Levi e Edouard Foaux. Na capital francesa, entre estudos de música e a Sorbonne, estudou sânscrito e descobriu as maravilhas do Museu Guimet e do Budismo.

## ALEXANDRA E O PALCO

Em 1891, Alexandra recebeu uma pequena herança que lhe possibilitou a realização do sonho de ir à Ásia.

Sozinha, embarcou num navio rumo ao Ceilão. Sua visão do Budismo, descrito no livro *L'Inde, ou J'ai Vécu*, e denominado de "Budismo primitivo", não admitia a devoção a divindades. Rejeitava as oferendas e as estátuas do Buda pintadas em amarelo intenso, que encontrou nos templos do Ceilão. Considerando seu interesse posterior pelo Budismo tibetano, podemos considerar que sua visão deve ter-se transformado à medida que foi se aprofundando sua compreensão sobre o tema.

A primeira viagem à Ásia durou um ano e meio – após esse período o dinheiro, mais uma vez, acabou. Depois do Ceilão ela foi à Índia. Esteve em Madurai e permaneceu algum tempo em Benares, onde entrou em contato com os *sadhus* e estudou filosofia Vedanta. Conta em um de seus livros como o Swami Bashkarananda, um *sadhu*, compreendeu a grande admiração dela pelo ideal de renúncia ao mundo preconizado pelos saniasis, e lhe ofereceu uma faixa ritual.

## PRIMEIRA VIAGEM AO ORIENTE

Do retorno à França até o casamento com Philippe Neel em 1904, a vida de Alexandra se transformou. O estudo da música e suas apresentações artísticas tornaram-se sua atividade principal. Os estudos de sânscrito e filosofia passaram para segundo plano. Depois de perder todos os bens em investimentos fracassados, seus pais não podiam mais sustentá-la. Como o casamento não parecia ser uma possibilidade concreta, a ela só restava uma opção; trabalhar para ganhar a vida.

Tinha grande paixão pela música, uma bela voz de soprano, e era uma mulher atraente. Havia estudado nos conservatórios de Bruxelas e Paris, tornando-se cantora de ópera profissional. Tais detalhes só foram revelados depois de sua morte, pois ela fazia o possível para ocultá-los. Por recusar-se ao comportamento licencioso de outras cantoras da época, tendo apenas a voz para oferecer quando contratada, era sempre relegada a apresentações em cidades provincianas ou no exterior. Viveu dois anos em Hanói, quando a Indochina era colônia francesa, tornando-se a estrela da ópera local. Nesse ínterim, continuou seus estudos de sânscrito.

Em 1900 foi à Tunísia, onde conheceu Philippe Neel, um engenheiro ferroviário. Casaram-se em 1904. Um ano antes ela abandonara, por fim, a carreira de cantora, para dedicar-se ao jornalismo. Cinco semanas depois do casamento partiu para Paris, com o intuito de exercer a nova profissão. Assim teve início sua longa correspondência com seu marido, que durou até a morte deste, em 1940. Raramente viveu em sua companhia, durante a vida conjugal. Em 1911 partiu para a Ásia, com o consentimento e apoio financeiro de Philippe, para o que seria uma breve viagem, de dezoito meses, no máximo. Durou quatorze anos.

Fica evidente que o casal Neel não se dava bem com uma convivência muito próxima; separados, porém, via-se que estavam unidos por uma ligação de forte intensidade. Alexandra só se sentia feliz quando entregue a seus estudos de filosofia oriental. Philippe, embora fosse um típico cavalheiro de seu tempo, de maneira alguma se interessando pelas inclinações intelectuais da esposa, aceitava-as e financiava-lhe as viagens e aventuras. Alexandra lhe era muito grata por isso. Escrevia-lhe longas e freqüentes cartas. Em quase todas as viagens ela assumia por completo o estilo de vida local, mas mesmo sendo capaz de viver como uma natural do país, no Tibete e na Índia, vê-se que sentiu a necessidade de relatar as próprias vivências à maneira ocidental. Tanto a afeição que sentia pelo marido, como a capacidade deste de compreendê-la apesar da distância, quando lhe contava suas experiências, algumas embaraçosas e cômicas, faziam dele seu interlocutor favorito. No entanto, omitia fatos que considerava herméticos demais para ele ou que pu-

desse chocá-lo ou aborrecê-lo. Os relatos mais acadêmicos, deixou para os livros que escreveu mais tarde e para os jornais, como o *Mercur de France*, para o qual colaborava com certa freqüência. Porém, foi com dificuldades que ela conquistou um lugar entre os orientalistas de seu tempo.

“Quero mostrar o que vi e o que sei sobre as doutrinas orientais, através da experiência, que é a maneira como os orientais as compreendem. Não é esse, em absoluto, o procedimento dos estudiosos ocidentais, cujo interesse reside principalmente em datas e origens filológicas, mas que não têm idéia das teorias que abordam”.<sup>1</sup>

### PRIMEIRA VIAGEM AO HIMALAIA

Na Índia, Alexandra foi primeiramente a Madras, permaneceu algum tempo na Sociedade Teosófica e seguiu para Calcutá. Em Kalimpong, na primavera de 1912, conheceu o marajá de Sikkim. Este, impressionado com seu conhecimento e interesse pelo Budismo, conseguiu-lhe uma audiência com o Décimo Terceiro Dalai-Lama, na ocasião em exílio temporário na Índia. Durante a entrevista, que durou 45 minutos, Alexandra lhe disse que o Budismo tibetano não era muito conhecido nem compreendido no Ocidente. O Dalai-Lama concordou em, correspondendo-se com ela, responder-lhe as indagações sobre o Budismo tibetano.

Durante a estada em Sikkim, tornou-se amiga do príncipe, o marajá Kumar; este era um lama reencarnado. Estivera na Europa e falava um inglês fluente; em prolongadas conversas, contou-lhe que pretendia reformar o Budismo no reino: pretendia introduzir reformas nos mosteiros e que, nas escolas, as crianças fossem educadas segundo os ensinamentos budistas.<sup>2</sup> Em Lachen, ela conheceu o iogue que, anos mais tarde, viria a ser seu principal mestre. Chamavam-no de *Gomchen* ou “Grande Meditador de Lachen”; passava uma parte no ano no mosteiro e o resto do tempo numa caverna no alto das montanhas.

Alexandra ficou pouco tempo em Gangtok. Numa carta datada de 27 de julho de 1912, conta a Philippe como uma mulher européia, na Índia, se tornava implicitamente “propriedade” dos outros “brancos”, que só eram cordiais com quem se comportava como digno integrante da “raça superior”. Logo começaram a hostilizá-la por suas relações com os “nativos”.

“Não vim até aqui”, concluiu, “para viver entre a burguesia inglesa”.<sup>3</sup>

Várias vezes ela foi, em excursões, até os limites do país com o Tibete. Na mesma carta, conta como lhe doía o coração ao regressar da fronteira tibetana: “Um sentimento forte me chama para esse país estranho e distante...”.

### BENARES

De fevereiro a novembro de 1913, em Benares, ela se dedicou seriamente ao estudo do sânscrito. Acordava ao nascer do sol, praticava meditação, banhava-se e tomava o café da manhã – chocolate com leite e torradas. Às oito chegava o professor de sânscrito.

Almoçava ovos mexidos com tomates ou berinjela frita, preparados por Psang, o criado tibetano que trouxera de Sikkim. À tarde, passava quatro horas com Satchinanda, o iogue com quem estudava filosofia Vedanta. Contemplava o pôr-do-sol sobre o rio Ganges e caminhava pelos templos. Usava a túnica laranja de saniasi, o que lhe valia certo respeito por parte dos grupos religiosos locais. Seu conhecimento impressionava os brâmines e estudiosos, que lhe franquearam templos e cerimônias usualmente interditos aos ingleses. Respondia ao marido, preocupado com seu “crescente misticismo”: “Não é a maior alegria de nossa existência, poder ver além de nossas personalidades fracas e limitadas?”.<sup>4</sup>

Alexandra sempre foi muito bem recebida por hindus ou jainistas, nos lugares visitados. Chegou mesmo a ser convidada para dar uma conferência sobre Budismo, acontecimento surpreendente para uma Benares onde ninguém falava sobre essa doutrina desde o século XI.

## DE VOLTA A SIKKIM

Em 1914, Alexandra retornou a Sikkim e tomou a seu serviço um jovem de quatorze anos chamado Yonten, um sikkim-tibetano, de quem se dizia ser a reencarnação de um líder do Tibete, Te-kongtok, considerado um *bodhisattva*. Até sua morte, em 1954, Yonten permaneceu ao lado dela na qualidade, primeiro, de cozinheiro e secretário e, finalmente, de filho adotivo.

Em 1914, iniciou um estudo aprofundado da língua tibetana com o *Gomchen* de Lachen, numa gruta perto de Thangu, a 4000 metros de altitude. Em novembro, desceram ao mosteiro para passar o inverno. Alexandra escreveu a respeito do *Gomchen*: "Tenho a maior estima por este homem. É um grande pensador. Esteve entre os lamas superiores do Tibete e é surpreendente sua capacidade de compreensão".<sup>5</sup>

Em dezembro, Alexandra recebeu a notícia de que o marajá de Sikkim, que descreveu como seu "amigo e companheiro de tantas caminhadas pelas florestas do Himalaia"<sup>6</sup>, falecera devido a uma doença repentina, com a idade de 37 anos. Sua morte foi uma grande decepção para o *Gomchen*, que viu extinguir-se com ela a possibilidade de uma reforma religiosa e educacional. Ficou tão abatido com a notícia que a discípula temeu por sua saúde.<sup>7</sup> Dizia-se que o príncipe fora envenenado por opositores da reforma que planejava.

Em 1915, Alexandra decidiu acampar numa montanha em Dewa Thang, na fronteira tibetana, a 3900 metros de altura. Construiu uma cabana e fez provisões para o inverno: 60 kg de manteiga, 500 de arroz, 500 de milho, 80 kg de farinha de trigo e outro tanto de farinha de cevada, 1200 kg de batata, nabo e rabanete tibetano, 120 kg de lentilha, chá, etc., 40 kg de gordura de carneiro e quatorze ovelhas inteiras, armazenadas num compartimento naturalmente refrigerado.<sup>8</sup> A carne, explicou Alexandra, era para os empregados, que não veriam com muito bons olhos uma alimentação vegetariana, principalmente durante o inverno.

Numa carta ao marido, contou que meditara muito naquele lugar longínquo e que talvez o ar revigorante a tivesse impulsionado a lutar por uma posição honrosa entre os orientalistas ocidentais. Acrescenta ainda: "Talvez existam também outras razões – estas, de ordem mística e que você, meu querido, não entenderia".<sup>9</sup>



Alexandra aos 20 anos.

Em seu retiro, Alexandra praticou *tumo*, a meditação do calor interior. Conta que, certa vez, seguindo instruções do lama, procurou um ponto isolado, num rio congelado, e banhou-se; sem se vestir nem enxugar-se, passou toda a noite imóvel, em meditação.

"Era início do inverno, a uma altitude de aproximadamente 3000 metros. Fiquei muito orgulhosa por não ter me resfriado".<sup>10</sup>

## VIAGEM AO TIBETE

No dia 13 de julho de 1916, enquanto a Primeira Guerra Mundial ainda assolava a Europa, Alexandra cruzou a fronteira do Tibete pela segunda vez. Foi a Shigatse em trajes de abadessa tibetana, usando um pequeno chapéu de seda amarelo.

"Senti-me perfeitamente à vontade nos trajes orientais. Talvez eu seja, quem sabe, nas profundezas de minhas células, uma asiática da raça amarela. Permaneceria aqui alegremente, esquecendo a Europa para sempre".<sup>11</sup> Conheceu o Panchen-Lama e a mãe deste, que a convidaram a ficar, pelo tempo que desejasse, num convento próximo ou numa casa construída especialmente para retiros espirituais. Alexandra agradeceu o convite e deixou Shigatse depois de dias de "felicidade celestial", segundo disse, durante os quais teve inúmeros contatos com renomados estudiosos. Seguiu para Narthang, onde visitou a famosa editora local. Duas semanas depois, os ingleses souberam de suas andanças. Provavelmente instado pelos missionários locais ofendidos com seu comportamento e com a acolhida que lhe haviam dado em Shigatse, sir Charles Bell, residente britânico de Sikkim, enviou-lhe uma carta ordenando-lhe que partisse para Darjeeling, por ter cruzado a fronteira entre o Sikkim e o Tibete sem autorização. Dava-lhe quatorze dias para partir, ou, acrescentava, seria obrigado a expulsá-la.<sup>12</sup>

Alexandra não esperou pela expulsão. Partiu para Darjeeling, ao descobrir que os aldeões que moravam próximo ao retiro onde se instalara haviam sido pesadamente multados pelas autoridades britânicas por terem permitido que ela entrasse no Tibete.

Em 1917, uma Alexandra bastante desiludida embarcou num navio para o Japão. Em uma carta a Philippe, datada de 12 de março de 1917, dizia ter saudade de um país que não era o seu, ansiando pelas vastas planícies, pelos longínquos ermos, pelas neves eternas e pelo imenso e límpido céu do Tibete.

## SEGUNDA VIAGEM AO TIBETE

Em outubro de 1917, ela chegou a Pequim, planejando em segredo cruzar o Tibete até Lhasa, onde finalmente chegou em 1924. A viagem foi demorada; chegou a Kumbum, no Amdo, na primavera de 1918. Alexandra e Yonten conheceram dignitários religiosos, visitaram templos e assistiram a debates. Instalaram-se, por fim, nas paragens de Pegyay Tulku, em uma casa avarandada de dois pavimentos, com balcão. Levantando-se às três da manhã, ela passava os dias praticando meditação, estudando com mestres locais e traduzindo textos. Permaneceram até 1920. Embora Philippe continuasse a sustentá-la, o dinheiro era escasso na Europa do pós-guerra, e Alexandra teve que apertar os cordões da bolsa, sabendo que o marido lhe desaprovava os planos de ir a Lhasa. Informou-o de que estava de partida, porque era “mais barato viajar do que permanecer num lugar só”<sup>13</sup>, argumento que, aparentemente, não o convenceu. Depois de vender todos os seus pertences, reuniu uma quantia equivalente a mil francos.

Vestida como tibetana, viajou com Yonten através do Kham durante os quatro anos seguintes. Cerimoniosamente apresentada por Yonten e seus criados como uma *khandroma* – lama do sexo feminino – era sempre tratada com hospitalidade, nos lugares por onde passava. A maioria dos aldeões jamais vira um estrangeiro e, como ela falasse tibetano, acreditavam simplesmente que tivesse vindo de outra província. Se alguém indagava sua origem, Yonten respondia, vagamente, que ela viera da Indochina ou que era da Mongólia.

O título de *khandroma* lhe concedia respeito e hospitalidade, porém implicava a obrigação de abençoar os aldeões e, às vezes, até de exorcizar suas casas. Alexandra freqüentemente reagia a isso com sentimento de culpa, mas Yonten argumentava, racionalmente, que já que ela se identificava como lama, tinha de agir como tal, ou se tornariam suspeitos e correriam o risco de sofrer maus tratos, princi-

palmente se alguém desconfiasse que ela era estrangeira. Acrescentava ainda: já que eram lamas, se permitissem que as pessoas os maltratassem, estariam acumulando *karma* negativo.

Alexandra concordava em conduzir os rituais com “grande dignidade”, embora com grande consternação moral.<sup>14</sup> Manifesta em seus livros o desagrado que lhe causava a rotina dos rituais e as superstições a eles ligadas. Desistiu de tentar persuadir os aldeões a dar maior importância à intenção subjacente ao ritual, quando eles começaram a suspeitar que ela fosse uma missionária cristã disfarçada.

Alexandra disse que, apesar de realizá-los, tentava mostrar que uma série de palavras e gestos não poderia, por si só, substituir significados mais profundos, e que estes sim, eram o que importava. “Místicos e eremitas partilham este ponto de vista”, declarava ela.<sup>15</sup>

## LHASA

À medida que penetravam em território tibetano, Alexandra e Yonten tornavam-se mais discretos, sabendo que as autoridades locais estavam muito desconfiadas de que havia estrangeiros tentando alcançar Lhasa e que o menor passo em falso poderia fazer com que fossem expulsos. Chegaram à capital tibetana no início de 1924, disfarçados de mendigos e totalmente esgotados. Ficaram na cidade até maio. Por duas vezes, Alexandra esteve a ponto de ser reconhecida: a primeira, por um guarda do Potala, que lhe ordenou que tirasse o sujo chapéu de pele de carneiro, por ser considerado desrespeitoso usar chapéu em lugar sagrado. Embora, quando descobriu a cabeça, aparecessem seus cabelos claros, seu disfarce era tão convincente que a tomaram por uma *ladakhi* (natural de Ladak). Em outra ocasião, no mercado, percebeu que um policial a observava com muito interesse. Começou então a barganhar animadamente, como uma velha nômade. As pessoas desataram a rir e o policial foi-se embora.



Em Shigatse, com trajes de abadessa tibetana.

Ao chegarem a Gyantse, Alexandra e Yonten foram à casa do representante britânico David MacDonald. Ao ser informado de que dois mendigos tibetanos falando inglês estavam à sua espera, MacDonald pensou que seus filhos lhe estivessem pregando uma peça. Sem nem mesmo se voltar, disse-lhes que sabia quem eram e que parassem com aquela tolice. Atônito, ouviu uma voz desconhecida lhe dizendo ser madame David-Neel. Depois de convidá-la para o chá e de ter considerado a possibilidade de prendê-la por ter entrado em território proibido, MacDonald acabou lhe emprestando quinhentas rúpias, com as quais ela comprou roupas mais adequadas e cruzou a fronteira da Índia. Sentiu que suas aventuras haviam terminado. Com Yonten, voltou a Paris em 1925.

## VOLTA À EUROPA

A recepção de Philippe não foi a que ela esperava. Decididamente ele não aprovava a vinda de Yonten, e menos ainda os planos dela de adotá-lo como filho, embora terminasse por conceder a autorização necessária. Os breves contatos do casal fizeram com que ambos compreendessem que as diferenças mútuas haviam se acentuado e que jamais poderiam viver juntos novamente.

Philippe retornou à Argélia e Alexandra a Paris. Foi acolhida por muitos admiradores, ansiosos por ouvir-lhe as aventuras. Depois de algum tempo, cansou-se de dar conferências e em 1928 instalou-se em Digne, no sudeste da França. Comprou uma pequena propriedade, a que chamou Samten Dzong – “Fortaleza da Meditação”.

## RETORNO À ÁSIA

Durante oito anos, ela escreveu livros e fez eventuais conferências. Em 1936 decidiu retornar à Ásia. Com Yonten, foi de trem para Pequim, via Moscou. Na cidade chinesa reencontrou, além de velhos conhecidos, muitos *geshes* (doutores em metafísica do Budismo tibetano) e estudiosos com quem passou a encontrar-se com freqüência e regularidade, para discutir filosofia budista. Apesar de as condições em Pequim serem as melhores possíveis, prometendo uma permanência bem agradável, tomou-a uma invencível melancolia. A cidade vivia seus últimos dias de paz; em 28 de julho de 1937, os japoneses a invadiram. Felizmente, Alexandra e Yonten haviam partido em junho, no dia 30. A viagem para Tatsienlou,



Em Tehor, Kham.

na fronteira tibetana com Szechuan, foi terrível. Ela a narrou minuciosamente no livro *Sous des nuées d'orage*. Alexandra e Yonten permaneceram lá durante a Segunda Guerra Mundial, lendo, estudando, fugindo aos bombardeios. Em 1940 recebeu um telegrama comunicando a morte de Philippe Neel. Em seu diário, escreveu: “Perdi meu único amigo”.

Acompanhada de Yonten, conseguiu deixar Tatsienlou e ir para Chengtu, capital de Szechuan, em 1944. Dali partiram para a Índia, regressando por fim à França em 1946.

## A EUROPA DO PÓS-GUERRA

Em Paris, ficaram alguns meses fazendo contatos com editores e concedendo entrevistas. Depois inatlatam-se no-

vamente em Digne. Retomando sua atividade incessante de escritora e tradutora, ela e Yonten pouco conviviam com outras pessoas, e seu estilo de vida era radicalmente diferente daquele dos outros moradores de Digne; levantavam-se com o sol e dormiam cedo. Para comemorar o aniversário dos oitenta anos dela, foram acampar nos Alpes, a 2000 metros de altura.

Alexandra fez de Yonten seu único herdeiro, mas o destino mudou esses planos. Em 1954, ele morreu subitamente durante a noite. Alexandra, com o habitual domínio de si própria, suportou o golpe com grande dignidade, mas suas cartas mostram a intensa dor causada pela perda do companheiro de mais de quarenta anos. Disse então que estava esperando pela morte; mas, como esta não veio, recobrou-se e prosseguiu sua atividade, escrevendo e estudando.

Em 1959, admitiu Marie-Madeleine Peyronnet como dama de companhia, dizendo-lhe que não teria “nada que fazer”, pois já tinha uma cozinheira, uma criada e uma datilógrafa. Marie-Madeleine conta que nos dez anos que passou com Alexandra teve apenas duas tardes de folga — uma, para ir ao enterro do sobrinho.

Com 91 anos, Alexandra caminhava com dificuldade. Passava as noites em uma grande poltrona e os dias entre livros e conversas. Tinha se tornado tremendamente exigente e eram freqüentes suas explosões de mau humor, às quais Marie-Madeleine reagia com o mesmo ímpeto. Alexandra orgulhava-se do próprio temperamento: evidenciava o caráter forte que fazia com que levasse adiante todos os seus objetivos. Uma cena típica de seu comportamento é descrita por Marie-Madeleine em seu livro *Dix ans avec Alexandra David-Neel*. Certa vez, às onze horas da noite, Alexandra, mergulhada no trabalho, escrevendo, lhe disse que estava com fome. “Não arrume a cozinha, traga-me logo alguma coisa”, pediu ela.

— “Temos *beignets* (bolinhos) de miolos”, disse Marie-Madeleine.

— “Está bem; faça-os bem redondos, inteiros, sem quebrar”.

Em vinte minutos os *beignets* estavam prontos. Alexandra reclamou: “Você demorou mais de uma hora! Não estou mais com fome, deixe-me trabalhar”.

Marie-Madeleine insistiu e Alexandra, por fim, disse que aceitaria, desde



Alexandra e Yonten a caminho de Lhasa.

que ela retirasse os miolos dos *beignets*, para poder comê-los “mais depressa”. O prato, sem miolos, ficou deplorável e Alexandra protestou dizendo que, além de frios, os *beignets* estavam com gosto horrível. Marie-Madeleine retrucou que se partisse os miolos dela, quem sabe, o prato ficaria pronto em dois minutos. As duas riram e a dama de companhia voltou à cozinha, esquentando os *beignets* na manteiga. Quando voltou, a outra exasperou-se: “Aí está você de novo com essa comida horrenda. Como você é irritante! Eu queria, mas agora não quero mais esses miolos!”. Marie-Madeleine atirou o prato pela janela: “Madame, se a senhora já ouviu falar de discos voadores, que tal este prato voador? Pena que não estivessem nele uns miolos de marciano”. Voltando-se, viu que Alexandra a olhava com um sorriso nos lábios.

– “Você por perto é sempre um espetáculo garantido! Não compreendo por que é que tem esses rompantes, mas pelo menos não há tédio, com você por aqui”.

Alexandra preocupava-se muito com a própria morte. Lamentava ter de suportar uma morte “enfadonha e suja” na França, em vez de morrer, como sempre sonhara, em Chang Thang, o imenso deserto próximo aos grandes lagos tibetanos. “Seria magnífico”, dizia.

Também se preocupava com sua cremação, discutindo freqüentemente o assunto com Marie-Madeleine, que se exasperava: “Jamais assumirei a responsabilidade de atender a um pedido desses, mantendo-a aqui sozinha comigo por dez dias depois de morta, sem comunicar a ninguém nem chamar um médico”.

As discussões prosseguiram, Alexandra se queixando de que seria queimada viva e Marie-Madeleine retrucando que só permitiria a cremação com a absoluta confirmação médica de sua morte. Alexandra não se convenciu e acusava sua acompanhante de pensar apenas em si mesma. Depois mudava de assunto e contava outra vez episódios de sua vida no Tibete, revivendo-os com tão extraordinária intensidade que Marie-Madeleine, transportada, compartilhava-os vividamente com ela.

Em seu centésimo aniversário, ela recebeu cartas às centenas e visitas de jornalistas e admiradores. Outorgaram-lhe então a *Legion d'Honneur*, concedida pelo governo francês a pessoas notáveis. Alexandra faleceu antes de completar 101

anos. Alguns meses antes, Marie-Madeleine lhe dissera: “Parece que a senhora está mudada, está bem mais gentil. É difícil de acreditar”.

– “Realmente? Preciso me cuidar. Devo estar ficando senil”.

Nove dias antes da morte, Alexandra começou a fazer planos de viagem. Faleceu nas primeiras horas do dia 8 de setembro de 1969.

#### KIM YESHI

Este artigo foi publicado originalmente em inglês em *CHO-YANG*, vol. I, nº 2, 1987, Dharamsala. A presente tradução e publicação conta com a permissão expressa do *Council for Religious and Cultural Affairs of His Holiness The Dalai Lama*.

Tradução de Adriana De Cesare Testa.



#### NOTAS

1. *Journal de voyage*, p. 109.
2. *Journal de voyage*, volume 1, p. 152.
3. *Journal*, p. 161.
4. *Biography*, p. 223.
5. *Biography*, p. 181.
6. *Journal*, p. 296.
7. *Journal*, p. 311.
8. *Journal*, volume 1, p. 363.
9. *Journal*, volume 1, p. 294.
10. *Biography*, p. 246.
11. *Mystic and Magician of Tibet*, p. 87.
12. *Biography*, p. 251.
13. *Biography*, p. 282.
14. *Au pays des brigands gentilshommes*, p. 85.
15. *Au pays des brigands gentilshommes*, p. 84.

**A** ciência e a filosofia nasceram, como atividade racional, no vasto processo histórico muitas vezes descrito como a passagem do mito ao logos. Este nascimento está intimamente ligado à crise das explicações míticas e mágicas do mundo que inspiravam, ao tempo, em grande parte, a Grécia arcaica. Desse período histórico em diante, a cultura, antes considerada como um todo, foi perdendo o seu caráter unitário.

Nos tempos modernos, a ciência aparece como o principal fator do progresso e metamorfose no corpo tradicional de nossa civilização. Com o seu extraordinário impacto, alcança ela todos os campos da atividade humana. Já a filosofia, que sempre procurara se constituir na armadura intelectual desta mesma civilização e representar a consciência mais profunda dos seus valores e exigências, perdeu a sua posição. O relacionamento

mereceriam maior atenção. Por volta dos anos 50 anunciava-se a automação como um prolongamento do maquinismo do século XIX. As cadeias de produção tinham feito do trabalhador um robô; agora, substituíam o robô humano por um robô mecânico.

Mas os anos se passaram e na década de 60 o que se viu foi a automação crescente em todos os setores, principalmente nos industriais. O núcleo do progresso se concentrou no número de computadores que um país pudesse ter, um novo método para se avaliar o desenvolvimento. Os Estados Unidos, com muitos milhares de computadores, estariam à frente, como ainda hoje ocorre, pelo domínio que exercem a partir dos laboratórios do Silicon Valley (esse poder está sendo hoje seriamente ameaçado pelos japoneses e por outros países como a Índia, o Brasil, a Coreia, Formosa, que fizeram uma apropriação prometéica de muitos segredos americanos e até europeus nessa área). A Europa ocidental, com muito

todos dão ao progresso, à organização e à eficiência. E isto, mesmo que os doutores de Harvard acentuem que o sistema organizacional europeu, como um todo, está mais perto do século XIX do que do século XX. Os europeus, segundo esses doutores, continuam muito apegados a estruturas familiares nas suas empresas, como ainda não adquiriram o pleno sentido dos mercados modernos; ignoram também os recursos da publicidade e seus executivos se inclinam muito para o individualismo e, um pouco além da conta, para a *dolce vita*. Por fim, arrematam: na medida em que os europeus se hipnotizam menos pela técnica, cuidando mais da organização, tudo irá melhor... Críticas semelhantes são feitas atualmente por executivos japoneses a americanos e não é por acaso que um grande sucesso, na área de administração de empresas, nos Estados Unidos, tem o nome de teoria Z, formulada por um nipo-americano.

Os exemplos americanos, contudo, ainda são clássicos. Os jovens administra-

## O Culto da Eficiência

entre ambas se polarizou aos poucos, tornando-se até polêmico. A filosofia, proclamam muitos, não manteve as suas promessas. A ciência foi então assumindo as funções críticas que à filosofia eram atribuídas. Imensamente desenvolvida, afrontando sempre novos problemas, evidenciando uma inexaurível curiosidade, a ciência tornou-se crítica. A filosofia recuou, cristalizando-se no dogmatismo, com os seus discursos genéricos e vazios, meras tautologias.

Com o primado da ciência, a civilização moderna floresceu. Nunca se produziram tantas riquezas. O homem começou a aproveitar os benefícios. Algumas guerras e crises, diziam os teóricos do mundo científico, mesmo a miséria e a doença em certos pontos da Terra, não seriam mais que epifenômenos diante das infinitas promessas. Ou ciclos de reajustamento, afirmavam outros. Nem as sinistras denúncias sobre a automação, a vanguarda do pensamento tecnológico,

menos computadores, estava evidentemente atrás.

De qualquer modo, um enorme elenco de fatos parecia comprovar que o processamento eletrônico de dados mediria a atualização e o ritmo do progresso. E aos computadores americanos foram sendo confiadas muitas tarefas, um número cada vez maior: dirigir explosões atômicas, descobrir a melhor receita para fabricar salsichas, controlar o tráfego aéreo e rodoviário, pilotar avioões, predizer o tempo, fazer horóscopos, calcular impostos, fabricar cimento, decifrar documentos, escrever músicas. Sem os computadores não seria possível o lançamento de qualquer satélite artificial, como também ainda não teria sido determinado que as obras de Shakespeare foram escritas por uma só pessoa.

As diferenças que poderiam ser ressaltadas entre americanos, europeus e japoneses, atualmente, em termos de computação, não invalidam a ênfase que

dores se iniciam muito cedo. Fazem um aprendizado direto, muito mais direto do que aquele que um jovem alemão ou francês faz. O mecanismo das bolsas de valores é ensinado nas escolas. Em muitos colégios e *high schools* os alunos se cotizam para participar do mercado de ações. São comuns nos Estados Unidos as assembleias dos jovens acionistas (*junior stock-holders*). O fenômeno *yuppie* é a mais recente expressão desse tipo de formação.

De uma forma ou de outra, com as notórias dependências econômicas e políticas, ou não, o mundo organizacional moderno tende a se globalizar, por contágio, imposição ou conquista, procurando sempre aumentar a sua taxa de eficiência, fazendo do computador o seu principal instrumento. Em termos de consumo não temos todos a televisão, a roupa feita, o livro de bolso, as vendas a prazo, os *shopping-centers*, os motéis, o transistor, os enlatados, o couro sintético, os tran-

qüilizantes, o desodorante, a salsicha, a velocidade, o *check-up* médico e automobilístico?

---

## Diagnóstico

---

A civilização do século XX, apesar de tudo, pode ser imaginada como um homem de negócios em razoável estado de saúde. Este homem, como é moda, resolve um dia ir ao médico para um exame. O médico o examina, ausculta, pede os exames de laboratório. Conclusão: afora alguns problemas, perfeitamente superáveis, aliás, diante do seu estado físico, tudo vai bem. Contudo, o médico recomenda um psiquiatra. Este o examina com cuidado, constatando uma grave perturbação, um trauma, uma espécie de monomania, que é identificada como a religião da eficiência, cujo aspecto mais saliente é a idolatria do proveito, do lucro, do utilitarismo.

O caso parece grave porque o paciente é forte. A eficiência é um fenômeno que se relaciona diretamente com os meios que estão ao nosso alcance para atingirmos determinados objetivos. Com os computadores e a lógica matemática podemos viabilizar todas as hipóteses matematicamente formuláveis. O computador estará apto assim a otimizar o andamento de determinados fenômenos, ou seja, a encontrar soluções finais absolutamente perfeitas, desde que os dados do problema não variem.

Qualquer sistema de produção procura hoje se organizar em torno de uma lógica rígida. Na indústria, por exemplo, a lógica procura estabelecer a duração de cada tarefa, as qualidades do produto, a disposição das linhas de montagem, o número e os tipos dos postos de serviço, os horários, os incentivos, etc. A programação de uma grande indústria exige por isso especialistas, gente de grande cultura matemática e *experts* em administração. O que informa todo esse ciclo de produção é a eficiência, que se traduz, ao final, no lucro. Esta é a base da lógica pragmática.

Por um processo ainda não analisado totalmente, esta obsessão lógica foi se estendendo também às nossas vidas, pelo menos àquela vida que é pública e organizável, adquirindo uma carga de coerência

e de valor absolutos. Observemos uma cidade qualquer à noite ou num fim de semana; notaremos que mesmo o relaxamento das pessoas, o chamado tempo livre, vai tendendo a ser planejado por alguém. Intervenção do poder público, eventos patrocinados por organizações, etc. Se quisermos soluções mais sofisticadas, basta lembrar que na Universidade de Wincosin há um centro para o desenvolvimento de formas do ócio. Esse centro procura encontrar saídas para os problemas que a ciência vem criando. Em outras palavras: em nome do progresso, a tecnologia inventa máquinas para ganharmos tempo; e como não sabemos o que fazer dele a sociologia procura descobrir fórmulas para que o empreguemos bem.



---

## Retrospecto

---

Quase todas as civilizações anteriores à Revolução Industrial tiveram bases rurais. As virtudes do campo foram celebradas por inúmeros escritores e poetas, desde Hesíodo. A vida do homem do campo, pelo menos até o século passado, estava totalmente voltada para a natureza. Arando, semeando, colhendo, o camponês não violentava a natureza, acompanhava-a nos seus ciclos. A chuva, o sol, a geada ou os ventos poderiam destruir num dia o trabalho de um ano, mas isto não levava o homem do campo a cometer violências contra a terra, no sentido de apressar aceleradamente os ciclos da natureza, de modo a fugir das catástrofes naturais, nem a química havia invadido os campos.

Quando muito, esse homem necessitava que a principal fonte do seu sustento, a terra, fosse protegida contra os ladrões, salteadores e soldados inimigos. Para combater os que poderiam atacá-lo, ele precisava da lei e de guerreiros. Em suma, no fundo, era um conservador.

Os objetos que essas sociedades produziam para o seu uso muito se aproximavam das obras artísticas. Nesta produção já se notava um conceito de eficiência, mas um conceito que se exprimia através de um trabalho bem feito e acabado. O trabalho dos artesãos, considerado individual ou coletivamente, se completava e fundia admiravelmente em função de uma organização eficiente. Faltava, contudo, a esta organização o conceito de otimização. E, acima de tudo, o conceito de utilitarismo, cujo aparecimento alguns, como Max Weber, ligam à Reforma protestante.

O cisma anglicano tinha componentes de difícil compreensão para os latinos, principalmente pelo seu puritanismo. A idéia de um puritano que fosse pai de família e negociante não era bem entendida no Renascimento e no Barroco da Europa continental, com exceção da Genebra de Calvino, onde o quadro era outro. O ideal político do tempo na Europa continental, mais na Itália, sem dúvida, era personificado pelo Príncipe, o homem que dominava as terras, o dinheiro e a vida dos seus subordinados. O Príncipe era, com efeito, o homem da espada, da mesa e das alcovas. Desejava o poder; o dinheiro que empregava voltava-se para essa finalidade. Nos países católicos, o amor ao dinheiro, ainda que não se constituísse num fim em si mesmo, serviu para realçar os valores da vida terrena, que se traduziam quase sempre num relaxamento dos costumes. E quanto às finanças é preciso não esquecer que elas estavam nas mãos dos comerciantes judeus, principalmente lombardos e toscanos, homens que, se possível, tudo faziam para unir o dinheiro à terra.

Para entendermos as origens da Revolução Industrial, precisamos reter a idéia de puritanismo que se instala na Inglaterra com o cisma anglicano. Não que ela o explique totalmente, mas é um dado importantíssimo. Sufocados os prazeres da mesa, mortificado o sexo, esquecidas as artes, debeladas as lutas políticas, a energia do sistema inglês estava comprimida. É como diz Lewis Mumford: "en-

quanto a Europa continental praticava os sete pecados capitais, a Inglaterra só praticava um, a avareza". Este foi o caminho que, na Inglaterra, a energia encontrou para se expandir. Neste caminho, o puritanismo forjou, ao lado da técnica, uma ética de vida, cuja violação era vista sobretudo como negligência ao próprio dever. Consolidaram-se as máximas, fruto desse tempo: tempo é dinheiro, crédito é dinheiro; o dinheiro é, pela sua natureza, fecundo e produtivo.

A maior prova desta afirmação foi o que aconteceu com as duas Américas. Na época do descobrimento, a do Sul era imensamente rica. Por isso, espanhóis e portugueses não se interessaram pelo Norte. Seu caminho era o Eldorado, entre o Amazonas e o Prata. Quando os viajantes do "Mayflower" desembarcaram e iniciaram a colonização do Norte, nos primeiros anos do século XVII, encontraram uma terra ingrata e hostil, em comparação com a do Sul. Em poucas gerações, porém, com a Bíblia na mão, transformaram o território no país mais rico do mundo.

Esta grande construção se assentou sobre algumas bases. Apesar da Bíblia, não considerar o trabalhador como pessoa humana foi uma delas. Desse entendimento é que nasceram as teorias de Adam Smith, de Taylor e de outros. Entre os precursores de Taylor está justamente Charles Babbage, que é considerado o fundador da primeira dinastia de computadores. Taylor usou o cronômetro para estudar as operações de uma fábrica. O trabalho de Frank B. Gilbreth, quanto à análise de movimentos, fecharia esse ciclo. Tudo isto e mais os acréscimos posteriores redundaria num ideário tecnológico semelhante: a grande especialização do operário, o estabelecimento das extensas linhas de montagem, utilização máxima da ferramenta, economia de gestos, sistema salarial com base em incentivos, aspectos de um mundo, enfim, que Chaplin, como ninguém, satirizou em *Tempos Modernos*.

Com a automação e as suas ramificações, o panorama se alterou com maior rapidez. Nobert Wiener, ainda na década de 40, lança as bases da Cibernética, mais uma etapa na longa cadeia de substituições desde que o homem chegou à Terra. A mais perfeita síntese deste processo não está nos livros, mas no cinema, no filme *2001 - Uma Odisséia no Espaço*, de Stanley Kubrick, na seqüência da inven-

ção do instrumento: o antropóide está acororado; tem à sua frente o esqueleto de um animal. Parece brincar com um osso. Segura-o, olha-o em seguida com maior atenção. Nada de fora, nenhum estímulo parece determinar esse ato. Por uns momentos ele fica absorto, parecendo refletir. Alguma coisa, uma inspiração talvez, faz com que ele experimente um movimento diferente; o osso é vibrado com violência contra a ossada, que se fragmenta. Percebe então o antropóide, ainda que vagamente, que aquele osso adquirira um valor novo, transformando-se em arma e instrumento. A câmara lenta e o *close-up* acompanham e recortam na tela, em imagens de grande beleza, o movimento do braço e do instrumento. O osso é lançado para o alto, sobe e gira no ar. O rodópio desse primeiro instrumento, vindo da nossa mais recuada história, se



funde então, através de um salto de milhões de anos, com a rotação de uma nave espacial que corta o espaço. Em termos de linguagem cinematográfica, o mais bonito e perfeito corte até hoje feito, sem dúvida.

Sabemos que toda máquina tem um modo particular de ser. É o que McLuhan diz sobre os meios de comunicação, perfeitamente aplicável ao que aqui expomos. Quando uma sociedade passa a utilizar um novo meio, tudo muda, a vida de quem o usa e o próprio ambiente. Cada máquina tem a sua aura, o seu mito, a sua linguagem: o cavalo, o trenó, o trem de ferro, o navio, o automóvel, o avião, a espaçonave.

O computador também tem um modo particular de ser. O que ele impõe de início é o seu código, a sua linguagem. Isto é, os problemas que lhe são propostos devem ser reduzidos a termos adequados ao *in put*, à entrada de dados. Adequação que significa *clear cut*, tudo claro, sem

nuanças, embora isto implique sempre numa perda de informações, mais ou menos discreta. Esta é a chave do sistema binário, pois só existem dois estados para o circuito: passando corrente ou não, ligado-desligado. Daí a espantosa velocidade no processamento dos dados. E do nanossegundo (cálculos em bilionésimo de segundo) logo fomos para unidades ainda menores.

Além disso, o computador exige sempre um alargamento de seu campo de pesquisas e atuação, tendo-se sempre em vista a idéia de que o mais rápido pode fazer mais coisas e, com isso, lucrar mais. No campo da ciência, foi com ele que chegamos ao laser, à holografia, às fibras óticas e a quem sabe mais. A fábrica e o banco já não lhe bastam, por outro lado. Ele invade, como dissemos, todos os setores da nossa vida. Ele é a "nossa" vida, na medida em que somos identificados hoje por um número qualquer, por um número-código qualquer de um banco de dados qualquer. Mas acima de tudo, em nível macroeconômico, o que se pretende dele é a solução da equação produção-consumo: conhecer os hábitos dos consumidores, o que fazer para modificá-los, o impacto da publicidade aberta ou da persuasão oculta e assim por diante. Define-se o computador assim, no mundo moderno, por uma possibilidade quase infinita de aplicações, o que o transforma em verdadeira *universalia*.

---

### O fim do caminho

---

Os resultados obtidos até agora são espantosos. A eficiência é um válido ponto de chegada; poderemos, com ela, ir muito longe. Contudo, nunca nos sentimos tão infelizes e desesperançados. A nossa qualidade de vida, em que pese todos os avanços, parece piorar proporcionalmente. Os nossos carros são cada vez mais velozes e andamos cada vez mais devagar. A nossa liberdade sofre limitações a cada momento, nas ruas, dentro de nossa casa mesmo. E, afinal, o que acentua essa tremenda contradição é que, quanto mais acumulamos materialmente, mais cresce o nosso poder de destruição. Colocamos tudo no racional e, irracio-

nalmente, nos tempos modernos, já tivemos duas guerras mundiais, sem falar nos conflitos setorizados, que acabam criando um estado de guerra permanente.

Menosprezar a eficiência? Escolher a ineficácia, retornar à mitologia do "bom selvagem"? Qual a solução? Os problemas se tornam difíceis de resolver porque temos à nossa frente uma lógica aparentemente perfeita. O caminho do progresso parece não admitir volta. Talvez seja *one way*, como as latas de cerveja. Uma guiada de alguns graus, acreditamos, abriria muitas frentes de miséria e de desordem. Voltar, reviver o passado? Impossível, além de absurdo, a não ser em termos de consumo, exploração da nostalgia, *old fashion*, etc. Seria a nossa liberdade individual uma saída?

As propostas da era aquariana que se aproxima ainda não estão muito claras. A vida comunitária, num nível mais amplo, é, a esta altura, impensável. A nossa ciência, já muito condicionada por energias da nova era que se avizinha, continua por definição num estado de dependência total da matéria. Ainda estamos fixados no mensurável, no quantificável e, obviamente, só naquilo que é suscetível de ser valorizado, de ser transformado em moeda. Aquilo que não o for é rejeitado pela ciência oficial.

Se considerarmos o nosso tempo livre temos que enfrentar, entre outros, os grandes sistemas de comunicação de massa. Se vamos ao teatro ou ao cinema, se ligamos a TV, fornecem-nos, sub-repeticionalmente ou não, conselhos comerciais e políticos. A indústria se insinua cada vez mais abertamente nos artigos dos jornais, no noticiário da TV, até naquilo que nos é passado como a pura "verdade dos fatos". A publicidade e a propaganda tanto entram pelos balcões como pelas redações. Música e literatura estão atreladas à indústria do disco e do livro. Escritores e cantores têm a sua cotação "puxada" como se faz com determinadas ações nas bolsas. Se tivermos dinheiro, poderemos viajar, dizem-nos. Mas mesmo essa forma de liberdade, cara e sofisticada, se diluiu. A otimização do transporte aéreo, por exemplo, acabou com o próprio sentido desse meio de transporte. Com a chamada *high density seating*, as poltronas não mais correspondem às janelas. Para se ver alguma coisa precisamos nos contorcer. E se viajamos nos gigantes dos ares, nas filas do meio, nada. A "criatividade" dos

homens que trabalham nessa indústria deu-nos a recompensa dos filmes em technicolor durante os vôos, enquanto, abaixo, a terra desfila inutilmente as suas maravilhosas paisagens.

As nossas horas de trabalho se reduzem; o homem foi à Lua e irá certamente aos planetas ou além. Acumulamos, em poucos anos, com a revolução cibernética, uma quantidade tal de informações como ninguém poderia imaginar. Progredimos. Mas, ao lado de tudo isso, os problemas aumentaram. Tempo de alienação, crise do homem, deterioração da vida individual e coletiva. Roma também significou progresso e caiu. Com a crise do nosso tempo, desta segunda metade do nosso século, salta à lembrança mais um íncubo, não tão antigo quanto Roma, para perturbar o nosso sono: a queda de Wall



Street, em 1929, e a recente ameaça de sua reedição.

Feito um balanço provisório, podemos constatar que nas sociedades desenvolvidas que estão ao nosso alcance, ao lado do domínio natural, do ócio, do lazer, obtidos pela instauração de um progressivo bem-estar, foi se instalando aos poucos um imenso vazio existencial. O lazer e o ócio acabam não mais sendo entendidos como liberdade. Corrompem-se, via de regra, em escapismo e evasão.

O utilitarismo criou o progresso. A lógica que conta os movimentos dos que trabalham nas fábricas é a mesma que está governando a vida daqueles que se preparam para a aventura espacial ou para conhecer os mais íntimos segredos da matéria. Esta lógica acabou, sem que percebêssemos, entrando nas nossas vidas, na vida do homem comum. Tudo é branco ou preto, sim ou não, quantificado, racional. Para responder às questões que são hoje propostas pela vida moderna, estamos

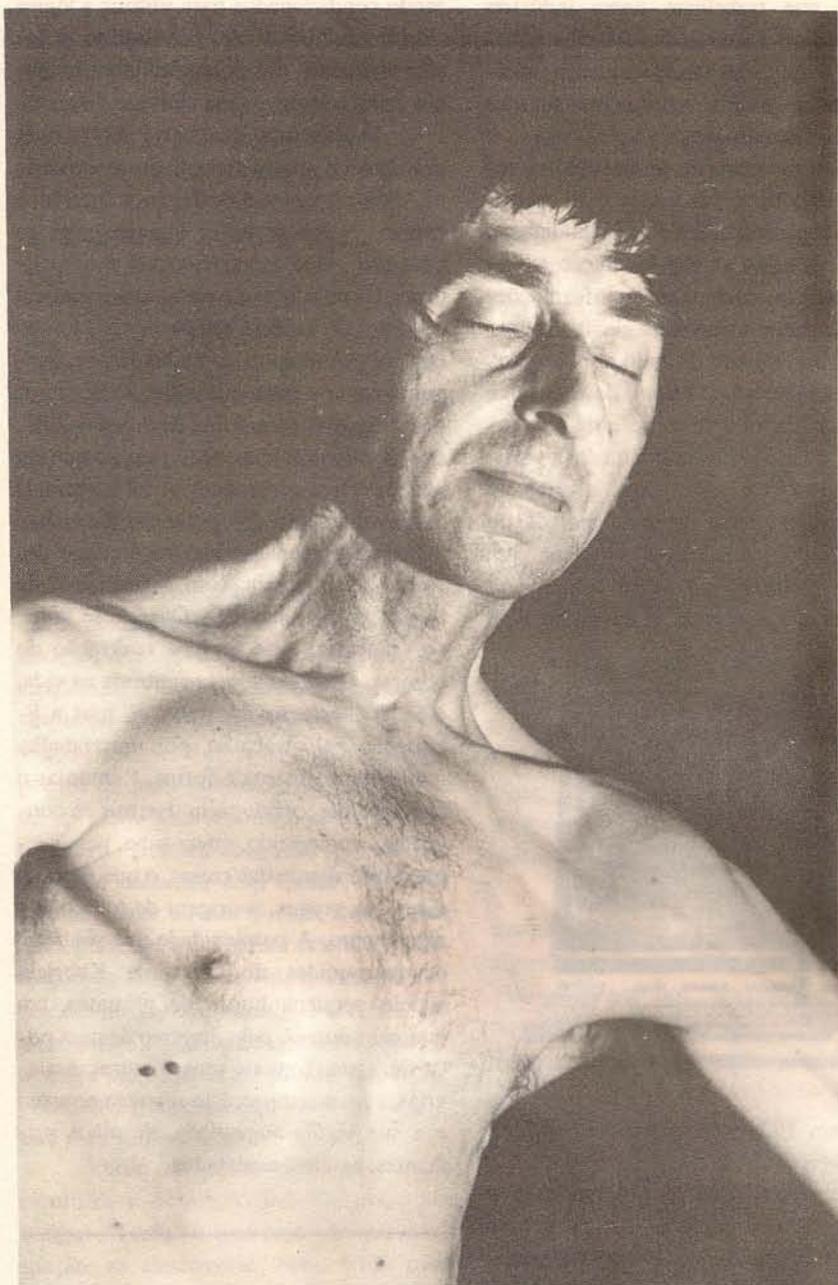
sendo condicionados para utilizar a lógica eletrônica. Mas a expressão e o total desenvolvimento das potencialidades humanas estão a requerer uma atitude diversa.

O homem de hoje se vê imerso num grandioso e enigmático processo evolutivo. Sua situação é ambígua e incerto o futuro. Neste processo alguma coisa se construiu, algo foi ganho, mas a modalidade, o sentido e os resultados parecem obscuros. A ciência, em particular, aparece como símbolo desta ambigüidade. Perguntamo-nos para qual direção devemos nos dirigir. A tecnologia deve ser colocada a serviço do homem. É preciso que ela não procure, como ocorreu até agora, o desenvolvimento das potencialidades humanas que apenas visam ao domínio das forças da natureza, com a finalidade de tornar a vida mais fácil. Que ela se volte, ao contrário, para a plena realização do homem. Uma tecnologia centrada na vida. Não a libertação do trabalho, mas a libertação pelo trabalho, por um trabalho que eduque, instrua e forme. Remontar o caminho percorrido, sem destruir as conquistas, começando, quem sabe, pela perplexidade diante das coisas, o que é, como dizem os gregos, a origem de todo o conhecimento. A perplexidade que sentiram os antropóides do filme de Kubrick, aquela pequena horda de primatas, em luta com outras, pelo domínio de uma poça de água, com os seus terrores e alegrias, com o seu precário repouso noturno e a sua vigília angustiada, de olhos brilhantes, agudos, assustados.

---

CID MARCUS

---



Rolf Gelewski, foto de Atílio Avancini, Salvador, 1984.

# ROLF GELEWSKI

**ser  
a própria  
fonte da  
espontaneidade  
e criatividade**

Rolf Gelewski (1930-1988), nascido em Berlim, foi dançarino, professor, poeta, músico e artista plástico. Começou a estudar dança aos dezoito anos, na escola de Marianne Vogelsang e Mary Wigman. De 1953 a 1960 foi solista do Teatro Metropolitano de Berlim, professor de dança e coreografou seus próprios recitais-solo.

Em 1960 veio para o Brasil, como diretor da Escola de Dança e coreógrafo do Grupo de Dança Contemporânea da Universidade Federal da Bahia. Publicou, então, vários trabalhos didáticos referentes ao seu *métier*.

Em 1968 ocorreu uma mudança radical em sua vida. Foi em *tournee* até a Índia, a convite do Instituto Goethe e, num recital que realizou no *ashram* de Sri Aurobindo, conheceu a francesa Mira Alfassa, dirigente da comunidade, que era chamada de "A Mãe". Através dela, Rolf tomou contato com a música de Sunil Battacharya. Essas vivências e experiências filosófico-estéticas levaram-no a abandonar qualquer idéia de composição coreográfica. Desde então, a sua tornou-se uma dança unicamente espontânea.

Em 1971 funda, em Salvador, a Casa Sri Aurobindo. Nela se realizam cursos, trabalhos e atividades voltados para a educação, conscientização, desenvolvimento do corpo e prática de concentração.

Foi enquanto era impresso, numa gráfica do centro de Salvador, um de seus últimos textos publicados – *Silenciar, Harmonizar, Expressar* –, que Rolf respondeu, em dezembro de 1986, a estas perguntas de Atílio Avancini, autor desta reportagem.

– Num texto seu, você diz que no verdadeiro dançarino o físico, o vital e o mental formam o instrumental completo, e que o movedor central e revelador desse instrumental é o psíquico. Poderia explicar melhor a função de cada um desses aspectos na dança?

– A primeira coisa, que é bem clara e bem óbvia, é que o físico, o corpo, a parte material do dançarino, é seu instrumento fundamental. É a condição elementar para a vivência de qualquer expressão, manifestação e revelação através do movimento e da forma, em termos de tempo e espaço. Esta parte material ou física não é um mecanismo morto: é animada e levada ao movimento por uma grande energia de vida. E essa energia não se restringe apenas a uma ação primitiva exercida sobre o físico, mas são despertados, através dela, a sensibilidade, a emoção, o sentimento, a paixão. E promove tanto o envolvimento quanto a expressão, é geradora de movimento e intensidade em qualquer nível. Podemos dizer que quanto mais ricamente dotado de vitalidade for um dançarino, tanto mais comunicativos e fascinantes serão seus movimentos e mais versáteis e fortes suas expressões. Agora, temos o terceiro, o último elemento: para que não haja um movimentar-se apenas instintivo no nível de criatura, de animal (e somos denominados, como bem sabemos, seres mentais) a mente tem que entrar – organizando, sugerindo, observando, avaliando, preferindo, rejeitando, corrigindo, etc..., o que é, falando de modo prático e em termos elementares, toda a atividade que a mente, em geral, exerce na vida e trabalho humanos.

É preciso que fique bem entendido que este terceiro componente, a mente, ainda que seja nossa característica mais destacada, não deveria dominar. O que procuramos é uma síntese equilibrada e, em seu equilíbrio, flexível e progressiva. Por isso falamos, por exemplo, de dança “primitiva”, pois nela não há a presença decisiva da mente, este componente que, em termos de evolução, é o mais avançado. Por isso discordamos de certas coreografias mais sofisticadas: porque, em sua artificialidade ou perversidade, mostram o domínio quase exclusivo da mente, em detrimento da linguagem naturalmente verdadeira do corpo e da dinâmica limpa e expressiva do vital.

E vem uma questão pouco compreendida e, normalmente, não colocada: essa pessoa externa que parecemos ser e com a qual tão apaixonadamente nos identificamos, é, de fato, tudo o que somos? Não haverá uma parte, uma dimensão interior, um ser de outra natureza, um ser essencial, que na verdade é a nossa verdadeira individualidade?

No momento em que admitimos isso – que para mim, pessoalmente, é uma inteira verdade –, este ser interior, o ser psíquico, a nossa parte mais íntima, original, essencial, se torna o próprio regente de nossa pessoa e vida. Transpondo isto em termos de dança, o bem formado instrumental – físico, vital e mental – estará a serviço da interioridade do dançarino, ou seja, do mais profundo e mais alto, mais amplo, mais íntimo que ele é. E, quanto mais evoluída a pessoa, mais ela será, em todos os campos da existência humana, a expressão, a revelação e a manifestação desse ser interno e, em seu âmago, divino.

### A RELAÇÃO DO DANÇARINO COM A MÚSICA DEVE SER UMA RELAÇÃO CONSCIENTE.

– Existe uma relação idêntica – o que seria um real mistério! – entre o corpo, a formação da Terra e o ritmo cósmico?

– Parece que, necessariamente, esta relação tem que existir, pois nosso corpo é parte do corpo da Terra, parte da matéria cósmica. Nada existe neste cosmos que não seja formado da mesma matéria-prima, e nada que não seja formado segundo as mesmas leis e os mesmos princípios: o que rege o grande, rege o pequeno e o que rege o pequeno, rege o grande.

Em termos mais concretos e mesmo científicos, prova-se que nenhum elemento químico encontrado no Universo, em qualquer altura, distância, dimensão e contexto do cosmos (embora nossas possibilidades de conhecimento neste sentido sejam quase nulas), e também em qualquer fenômeno, formação e criatura da nature-

za de nossa Terra, nenhum elemento químico encontrado está ausente da composição do corpo humano. Em outras palavras, em nós, em nosso corpo, se reúnem todos os elementos químicos que existem em nosso Universo. Não somente neste aspecto, mas também em todos os graus de substância, toda a sua escala, desde os mais densos e duros, até os sólidos menos compactos e os líquidos, até os gases – todos estes graus de substância que participam da composição material do Universo – tudo isto está contido em nosso corpo e o compõe, numa perfeita e complexa correspondência.

Além disso, você perguntou também sobre ritmos do nosso corpo e da nossa existência, os ritmos e ciclos que dão os condicionamentos-base e, com isto, a estrutura da vida – por exemplo, o ciclo da infância, o ciclo da puberdade, da adolescência, da maturidade, do declínio, da morte. Todos eles se organizam e se constroem como o mar lança suas marés, como a lua se completa e minguia, como (em aparência) o sol nasce, percorre sua órbita e se põe... Mil vezes mil, incontáveis elementos rítmica e ciclicamente entremeados, formam conjuntamente um grande e vibrante Todo! Enquanto vivo, nosso corpo está em constante, ininterrupto movimento, mesmo antes de aparecer neste mundo, enquanto se forma no ventre da mulher, e também depois da morte, ao decompor-se, quando seus elementos se integram na matéria da terra e são usados por ela para novas construções. Podemos então realmente dizer que nosso corpo, física e mesmo vitalmente, em inumeráveis aspectos e movimentos, corresponde a este cosmos, está em forte e perfeita união com ele. Ou mais, que é parte dele!

- Qual deve ser a relação do dançarino com a música?

- A relação do dançarino com a música tem muitos aspectos, mas a primeira coisa a ser dita, talvez, é que deve ser uma relação **consciente**.

Esta seria a condição primordial. Acho que o dançarino que é apenas um boneco nas mãos de um coreógrafo, executando seus papéis sem participação inteligente e sem um conhecimento real da vida, do significado e da dimensão dela, é algo que pertence ao passado. Hoje, no momento em que o mundo está, só é concebível o dançarino que com todo seu ser, natureza e consciência, se esforça e se doa a fim de realizar um trabalho integral e integrado.

A relação consciente de movimento e música tem muitas possibilidades. Abrange desde o cumprimento exato, fiel e minucioso dos detalhes musicais, através da dança, até a inteira liberdade desta ante a música. Não se trata de ignorar estrutura e expressão musicais, mas de responder a estas com inteira liberdade e espontaneidade. (É neste último caso que se inclui também a resposta do silêncio: tanto a música tocando e o dançarino silenciando, se imobilizando, quanto a dança se realizando antes da música, depois dela ou durante suas pausas - preparando, continuando ou completando, assim, a vida sonora.)

Entre esses dois extremos existe toda uma gama de gradações. Como a própria música é energia, e como nosso corpo é totalmente regido pela energia, só existindo a partir dela, então a ligação, o entretear-se, a fusão de corpo e som, movimento e melodia, ritmo, espaço e harmonia, é um dos êxtases, um dos mais altos e mais felizes momentos da dança.

### **"NA DANÇA**

**VERDADEIRAMENTE  
ESPONTÂNEA, A ESCOLHA  
OCORRE DENTRO. O SOM VEM,  
ALGO DENTRO RESPONDE  
SEM NENHUMA DEMORA,  
E O CORPO EXECUTA, REALIZA  
UM COMANDO QUE É DIRETO,  
INSTANTÂNEO."**

**"DANÇAR ESPONTANEAMENTE  
É DANÇAR PELA ALEGRIA  
DE DANÇAR, SEM NADA  
ESTABELECIDO,  
NADA PREPARADO,  
NADA A SER ALCANÇADO,  
FEITO, OU CONSTRUÍDO,  
NADA A SER EXPRESSADO  
PARTICULARMENTE."**

- Durante um recital de dança espontânea, como você decide e seleciona, em cada momento da música, o movimento adequado?

- A escolha não é feita pela mente, ela não se realiza a partir de percepções criteriosas ou da vontade pessoal, ambição, desejo etc. Na dança verdadeiramente espontânea, a escolha ocorre **dentro**. O som vem, algo dentro responde sem nenhuma demora, e o corpo executa, realiza um comando que é direto, instantâneo. É este "comando" que dá impulso para que determinado movimento aconteça, determinada expressão de seu grau de pureza e da totalidade de sua abertura e entrega, do seu grau de flexibilidade interior e física. Será uma resposta mais ou menos fiel, mais ou menos direta, mais ou menos distante, mais ou menos distorcida, ou mesmo falsa - ou então, coincidente, completa, total.

- Qual a diferença entre dançar espontaneamente e dançar criativamente?

- A diferença é sutil. Na verdade, a dança espontânea necessariamente há de ser criativa, e a dança criativa, por sua vez, para obedecer de fato ao impulso da força geradora, há de ser necessariamente espontânea. No entanto, é possível distinguir o espontâneo do criativo.

Dançar espontaneamente é dançar pela alegria de dançar, sem nada estabelecido, nada preparado, nada a ser alcançado, feito, construído, nada a ser expressado particularmente. É o livre jogo da energia pura, isento de todo e qualquer intento, o deleitado jorrar do movimento, do ritmo, da dinâmica, da expressão. Sem outro critério a não ser não ter nenhum critério, aceitando tanto viajar pela alegria, pelos ares, pela luz, pelos céus, quanto pelo sofrimento, pelos abismos, pela escuridão, pelos infernos. Pureza total e entrega incondicional são a essência da dança espontânea.

Quanto à dança criativa, ela envolve consciência, e esta consciência, de algum modo, pretenderia um fim, visaria a uma construção, uma expressão determinada. Talvez não em termos de formulação mental, mas muito mais interiormente conscientizada. Tal como se diz que todo o artista, antes de realizar qualquer obra - um quadro, uma escultura, uma arquitetura, uma música - deveria ter interiormente a visão integral ou a audição perfeita da obra a ser executada. É como a lenda chinesa do artesão que executou uma admirável e sutilíssima peça em madeira, um trabalho quase divino, e que por essa perfeição causou espanto a todos. Ele contou que, após ter-se preparado interiormente e se esvaziado de todo o conteúdo meramente pessoal e incidental, foi à floresta, olhou os troncos e, de súbito, em um tronco determinado, viu a peça inteira, com todos os detalhes e total clareza. Foi necessário, apenas, libertá-la do tronco.

Nesse sentido, a dança criativa ocorre quando se une ao movimento do corpo toda uma prontidão para ser instrumento de manifestação dinâmica. O ponto essencial, porém, é uma consciência mais profunda, que deveria vir de ou estar em conexão com níveis e regiões sobrepessoais e talvez mesmo sobre-humanos para

construir, constituir, criar algo. Então os movimentos não serão “apenas” movimentos soltos, belos, felizes e, em sua pureza, divinos, mas revelarão, em sua seqüência, sua dinâmica específica e sua ordem única, uma “mensagem”, um “conteúdo”, um “sentido” – criando algo unido em si, edificando um todo maior.

**“NA DANÇA, PODERÍAMOS PERFEITAMENTE DAR APENAS ELEMENTOS A SEREM USADOS DE CONFORMIDADE COM AS COMBINAÇÕES FEITAS ANTES, E DEIXAR O DANÇARINO LIVRE PARA CONCATENAR, VARIAR E DESENVOLVÊ-LOS.”**

**– Pode-se coreografar de forma espontânea e criativa, isto é, unir a coreografia à dança espontânea e à criativa?**

– São experiências que eu já fiz. Estruturar, por exemplo, uma improvisação, determinando uma posição inicial, e a coincidência de certos pontos no espaço com certos momentos da música, determinando também a posição final. Dançando, soltando-se, são lembrados, no entanto – conforme o anteriormente estabelecido na mente, na memória –, os pontos e momentos fixados. Eles são ligados harmoniosamente, organicamente, sem que se perca o fluxo, a espontaneidade; e chega-se a um todo sem quebra.

Se a percepção do dançarino for mais profunda, mesmo que ele dance sem nenhuma fixação mental anterior, aflorará uma ordem perfeita na improvisação e, sem deixar de ser espontânea, se organizará, perceptivelmente. Mas, não são todos que podem contar com esta inteligência fina, com uma mente, uma interioridade complexamente desenvolvida e que, embora extremamente sutil, seja também precisa, viva e poderosamente ativa.

O normal é preestruturar alguma coisa, elaborar mentalmente uma estrutura-base. Na atual música erudita, por exemplo,

há muitas partituras que dão aos músicos apenas pontos de partida, ou pontos de reunião, de reencontro; ou algumas indicações sobre a altura do som, sobre a dinâmica a ser seguida, sobre instrumento, ritmo, timbre, concedendo ao músico certa liberdade para prosseguir. Na dança, poderíamos perfeitamente dar apenas alguns elementos a serem usados de conformidade com as combinações feitas antes, e deixar o dançarino livre para concatenar, variar e desenvolvê-los.

**– Na dança espontânea, como é que um dançarino pode ser suficientemente plástico para não correr o risco de cristalizar-se num estilo, sem sair mais dele?**

– Se for um dançarino verdadeiro, a questão não pode ser apenas física. Não obstante, é óbvio que qualquer técnica sistematicamente estruturada, aprendida e praticada com método, restringe as infinitas possibilidades de movimentação a um certo e reduzido vocabulário de movimentos. Estes cunharão, fatalmente, a movimentação do dançarino, de modo que, ao “improvisar”, ele empregará tais elementos, aos quais estará preso.

Portanto a primeira condição é uma técnica tão livre, básica, elementar e versátil quanto possível, a ponto de permitir que, no momento da dança espontânea, os movimentos realmente correspondam ao impulso de dentro, ao comando interior – sem deformá-lo através da oferta de formas de movimentação já conhecidas ou já estabelecidas, que restringiriam a liberdade de criação.

Para o corpo ser verdadeiramente plástico, não basta que somente músculos, articulações, força e sensibilidade físicas tenham sido educados. O pensamento e o poder emocional devem ser ricos e, mais ainda, é preciso que o ser interior seja pleno, muito vivo, muito presente, e que esteja em conexão direta com o físico. Quando isto ocorrer, o corpo se tornará multiplamente transformável no momento da improvisação. Não será mais apenas um corpo humano, de homem ou de mulher, limitado pelo tipo a que pertence, mas um corpo que pode adquirir múltiplas formas, movimentos e expressões, como que infinitamente.

Em nós há uma “Memória-Terra” e uma profunda identificação espontânea com tudo o que existe na natureza. Nosso corpo percorreu toda a evolução do planeta, desde que este se formou: rochas, cristais, mares, as primeiras e tão primitivas formas de vida, depois os vegetais, os animais, até nós... Onde o corpo for um instrumento plástico e o ser interior vivo, dinâmico, rico, estas identificações ocorrerão constantemente e possibilitarão uma sempre renovada transformação do físico no momento da dança. Onde, pelo contrário, o ser interior não for rico e ativo, sempre teremos a pessoa humana representando. Neste momento, não há mais identificação, não há mais transformação, plasticidade, nem manifestação autêntica. Estaremos, então, representando e descrevendo. Pertenceremos a um estilo ou movimento, a uma tradição, e tudo o que expressarmos estará em conformidade com tal convenção, tal padrão. E estaremos distantes da plástica e incessantemente renovada vida da Verdade.

# PICO DELLA MIRANDOLA

## E A

# DIGNIDADE DO HOMEM

DE OMNI RES CIBILI  
(ET QUIBUSDAM ALLIS)

DE TODAS AS COISAS QUE É POSSÍVEL SABER  
(E AINDA DE MAIS ALGUMAS)

Os crepúsculos são poéticos. Sua poesia consiste em suspender todos os sentidos do dia e da noite: a indefinição se adensa no ar e liberta os seres para que escolham os seus caminhos.

Os crepúsculos são haicais astronômicos. Ambos capturam, em sua poesia, a evidência de que o Eterno se oculta no devir.

Felizmente, os crepúsculos não são fenômenos exclusivos do céu. Quem quiser, pode também admirá-los na História. O Renascimento e o Pós-Moderno são momentos crepusculares em que as cores e as sombras disputam o mesmo espaço, a mesma cena. São momentos tensos e intensos nos quais os homens procuram novas formas de manifestar os seus anseios; são momentos de beleza pura.

Os anseios dos homens são sempre os mesmos; são invariantes na China ou no México, em Confúcio ou Octavio Paz. Variantes são as manifestações culturais e biográficas destes anseios. A História é isso: um encontro mutante e mutável entre o Eu e o Mundo.

“Toda época suspira por um mundo melhor. Quanto mais profundo é o desespero causado por um caótico presente, tanto mais íntimo é este suspirar”.<sup>1</sup>

Para Huizinga, a “amarga melancolia” caracterizou a vida dos últimos anos medievais. O historiador holandês cita a poesia de Eustache Deschamps para dar força à sua afirmação:

*Tempo de dores e tentações,  
Idade de pranto, inveja e tormentos,  
Tempo de preguiça e perdição,  
Idade que se aproxima do fim,  
Tempo pleno de horror, que faz tudo  
loucamente,  
Idade mentirosa, orgulhosa, rancorosa,  
Tempo sem honra e sem juízo,  
Idade de duelo que abrevia a vida.*

A Idade Média não foi uma escura noite de mil anos. Huizinga está falando apenas de seus momentos finais. Não é certo que todas as épocas terminam assim: desiludidas de seus valores, sua sabedoria e seus propósitos? Que poemas, filmes e teatro estamos compondo e produzindo para a nossa?

No Renascimento, o homem vê o mundo com outros olhos e o diz com outras filosofias. Outros/outros não se referem a novidades absolutas, mas àquela clareira do processo histórico que revela – porque acumula – onde veio dar a sequência ininterrupta de microtransformações acontecidas durante o “outono medieval”. Um processo semelhante ocorre na troca das células do corpo humano: a cada década elas são todas substituídas.

A melancolia, quando é profunda, obriga-nos a sonhar. E sonhos não faltaram ao Renascimento: o Paraíso terrestre, a fonte da eterna juventude, as inúmeras utopias...

Sonhou-se com a primavera, a liberdade, a aventura, o amor, a riqueza e a alegria. A sensualidade se avivou na pintura, na poesia, na música, na arquitetura, na moda, na linguagem, nas cortes...

Os homens tornaram-se ambiciosos em relação ao conhecimento: é o tempo do incrível Fausto – um Prometeu moderno. As universidades secularizaram-se, inventou-se a imprensa, a engenharia e as caravelas...

São momentos de euforia. Em 1517, numa carta a Budé<sup>2</sup>, Erasmo de Roterdã escreve: “Deus imortal, que século vejo abrir-se diante de nós! Como gostaria de rejuvenescer!”.

No ano seguinte é a vez de Ulrich von Hutten não se conter diante das promessas do século XVI: “O século onde os estudos florescem e os espíritos entrechoam-se mutuamente! Viver é um prazer!”.

Os povos se lançam ao mar. Portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, italianos, holandeses... Experimentar, arriscar, acreditar: eis os verbos que fervem nas veias renascentistas!

O homem sentia o mundo com o coração do marinheiro sempre ansioso por novas viagens e portos, e procurava compreender esse mundo através do humanismo.

O humanismo é, antes de tudo, um desejo e uma saudade. É o desejo de auto-suficiência perante nós mesmos e a vida; é a saudade que se mostra no esforço por

recuperar os documentos de cultura produzidos pela antigüidade greco-romana. Estuda-se, para tanto, o grego, o latim e até o árabe.

Petrarca (1304-1374) é um dos primeiros apologistas dos *studia humanitatis*: “Nenhum guia deve ser desdenhado se ele indicar a via da salvação. Em que podem prejudicar o estudo da verdade Platão e Cícero? A escola de um não apenas não combate a verdadeira fé, mas ensina-a e difunde-a. Os livros do outro são guias que conduzem a ela”.

“No século XV, a expressão *studia humanitatis* adquiriu um significado mais preciso e técnico e aparece em documentos escolares e universitários, assim como em esquemas de classificação para bibliotecas. A definição daquele tempo dos *studia humanitatis* compreendia cinco matérias: gramática, retórica, poética, história e filosofia moral. Em outras palavras, na linguagem do Renascimento um humanista era um representante profissional destas disciplinas, e nós deveríamos tratar de entender o humanismo renascentista principalmente em termos dos ideais profissionais, interesses intelectuais e produções literárias dos humanistas”.<sup>3</sup>

A Igreja naturalmente não apoiou os estudos dos problemas humanos, mas também não os perseguiu agressivamente, apenas vigiou. Como ela poderia apoiar tais estudos, se a verdadeira vida não pertencia a este nosso mundo? Se o sentido da existência do homem não podia ser encontrado na história? Se às grandes questões da teologia e da filosofia especulativa nenhuma daquelas cinco disciplinas poderia oferecer qualquer resposta que aquietasse o espírito? Para a Igreja – pelo menos em caráter oficial – unicamente os *studia divinitatis* merecem a dedicação dos eruditos.

O mais interessante é que o humanismo não chega jamais a se excluir da teologia. Marsilio Ficino (1433-1499) escreveu uma “Teologia Platônica” e Petrarca dizia que: “Quando devo pensar ou falar de religião, isto é, da verdade mais alta, da felicidade verdadeira e salvação eterna, certamente não sou um ciceroniano ou um platônico, mas um cristão”. Petrarca foi sobretudo um poeta, e aos poetas deve-se permitir um certo grau de ambigüidade. Com Ficino a coisa era mais grave; ele era médico, astrólogo<sup>4</sup>, neoplatônico e praticante da magia natural.



Detalhe do Retábulo do Cordoero: Deas Pai, Jan Van Eyck, 1420.

Ficino não foi o único a peregrinar nos mistérios da natureza. Como em qualquer crepúsculo, todas as alianças são possíveis. Para se fortalecer e enfrentar as determinações da Igreja, o humanismo fez pactos com o esoterismo (magia, astrologia, alquimia, cabala, hermetismo).

O confronto – humanismo-esoterismo de um lado, teologia do outro – não implicou num imediato desvio de Deus em direção ao ateísmo; essa tarefa coube ao século passado. Contudo, não se pode negar que, se o Renascimento não abraçou o ateísmo, ele plantou umas tantas de suas sementes quando se afastou da concepção de um “eu” intocável pela história. Partindo do Renascimento, constata-se que a natureza humana historizou-se cada vez mais: presta-se cada vez mais atenção ao “querer” e ao “fazer” humanos. Tornaram-se mais e mais raras afirmações do tipo: o homem “é” isto ou “é” aquilo.

Naquele momento, o homem repetiu – ainda que timidamente – a postura original da filosofia grega diante dos mitos: encarou-se como fator decisivo na vida humana a determinação de cada um (o seu querer e o seu fazer) perante a existência.

Na Florença do *quattrocento*, dois empreendimentos inovadores dão conta dessa postura: o banco dos Medicis e a Academia Platônica dirigida por Marsilio Ficino. Todo mundo sabe o que é e onde veio dar o empreendimento bancário. Mas e a Academia, o que foi? O que nos legou?

Sua importância está sobretudo em ter sido o primeiro núcleo de livre-pensadores do Ocidente cristão. Foi uma Academia “inteiramente secular e aberta, no sentido de que estava em princípio aberta a qualquer pensador, pelo menos a todos os que pensavam de maneira platônica”.<sup>5</sup>

Na Academia Platônica de Florença, deixamos de nos encarar como seres puramente espirituais. A razão e a intuição não mais rejeitam a concretude do corpo e as exigências do mundo; a filosofia passa a respeitá-los e a alma sabe-se comprometida com ambos. No entanto, ela continua a saber – e entusiasma-se com isso – que sua vida não termina no pó. A legitimação desse saber, ela encontra na nostalgia que sente de sua “mansão infinita”.

“O homem é a criatura que tende para o alto, e esta tendência para a elevação indica que não acontece com ele o mesmo que com todos os outros seres da criação, submetidos ao destino que a natureza lhes prescreve. O homem é o ser a quem as alturas atraem, o ser inquieto, em perpétuo devir num mundo onde cada criatura já recebeu em partilha o que ela é e o que deve representar no conjunto do Universo. O homem é a única criatura à qual não foi atribuído um papel deste gênero. Ele pode desempenhar todos os papéis, pôr-se no lugar de cada um, revestir todas as formas e, como não se deixa aprisionar por nenhuma delas, está sempre em tensão, procurando criar um destino para si e só podendo encontrar satisfação quando tiver alcançado o ponto mais elevado”.<sup>6</sup>

O mundo existe e o homem deve contemplá-lo. Talvez esta fórmula sintetize o propósito doutrinário da Academia florentina. É nesse novo valor especial que a criatura humana adquire, e onde reside a sua dignidade, a sua maravilha.

Uma maravilha que arrebatou Pico Della Mirandola:

“Quando nascemos, o Pai planta em nós toda sorte de sementes, germens de todo gênero de vida. Florescerá aquilo que cada um cultivar, e o fruto amadurecerá dentro dele. Se o vegetal, se fará planta; se o sensual, se embrutecerá; se o racional, se converterá num vivente celestial; se o intelectual, num anjo e num filho de Deus. E, se não satisfeito com nenhuma classe de criaturas, se recolher no centro de sua unidade, feito um espírito de Deus, introduzido na misteriosa solidão do Pai, Ele, que foi colocado sobre todas as coisas, as avantajará a todas. Quem não admirará a este camaleão? Há coisa mais digna para admirar?”<sup>7</sup>

Giovanni Pico Della Mirandola nasceu em 1463 e morreu 31 anos depois. Viveu pouco, produziu muito. Quando, em 1484, chegou a Florença, Ficino acabara de traduzir a obra de Platão e se preparava para realizar a tradução das *Enéadas* de Plotino. O encontro entre Pico e Ficino é memorável e repleto de “coincidências” astrológicas, conforme relatou Ficino:

“Precisamente no momento em que eu oferecia meu Platão à leitura dos latinos, não sei como, o espírito heróico de Pico Della Mirandola veio à Florença, sem que ele mesmo soubesse por que havia ido até ali [...]. Imediatamente, sem que nenhum dos dois se lembrasse das palavras, mais que sugerir-me ele incitou-me a traduzir Plotino. É evidente que se deve a um influxo divino o fato de que, na mesma hora em que de certa forma Platão renascia, o herói Pico, também nascido sob o signo de Aquário (sendo Saturno o senhor do céu), como eu mesmo trinta anos antes, e chegando a Florença no dia do aniversário de Platão, inspirasse maravilhosamente em mim o antigo anseio em relação a Plotino...”<sup>8</sup>



Filho caçula, Pico foi destinado logo aos dez anos de idade à carreira eclesiástica; aos catorze foi iniciado no direito canônico. Aos dezesseis abandona Bolonha pela Universidade de Ferrara; desejava encontrar um saber mais universal, que não encontrava nem nos cânones nem nas leis. Viaja pela Europa e estuda filosofia, teologia escolástica, literatura clássica, árabe, grego, hebreu, cabala, astrologia... Foram oito anos (de 1479 a 1486) de pesquisas, descobertas, aprendizado. Pico tornou-se um humanista completo e, apesar de ter morrido muito jovem, sua obra e sua presença marcaram a época.

Em 1486, estabelecido em Perugia, Pico conclui a composição de suas *Noventa Teses*, sem dúvida sua obra mais original. É um trabalho enciclopédico cuja meta é reunir num corpo doutrinário todas as correntes do saber. O método utilizado por Pico foi o da tradição escolástica da Universidade de Paris, onde havia estado em 1485.

Pico pretendia mostrar que a verdade não pode ser encontrada num único pensador. A verdade consiste numa multiplicidade de afirmações verdadeiras, e cada filósofo dá a sua contribuição, uma vez que seus escritos contêm, ao lado de muitos erros, proposições e afirmações notoriamente reconhecidas como verdadeiras.

O Papa Inocêncio VIII condena treze dessas teses; Pico, inconformado, publica uma defesa. Resultado: o Papa condena todas as novecentas teses. Pico foge e se refugia na França até 1488, quando é feito prisioneiro por enviados papais. Príncipes italianos intervêm a seu favor e o Rei Carlos VIII o liberta.

Regressa a Florença com a permissão do Papa e a proteção de Lorenzo de Medici; ali passou o resto de sua vida e escreveu as suas obras mais importantes, estreitando sua aproximação com a Academia Platônica e com Savonarola (1452-1498).

Em 1493 é absolvido pelo novo Papa, Alexandre VI. Morre em 17 de novembro de 1494, dia em que Carlos VIII invade Florença e expulsa Piero de Medici.

Como introdução de suas polêmicas teses, Pico redigiu um discurso que ficou conhecido como “Discurso Sobre a Dignidade do Homem”. Este documento talvez seja, segundo P. O. Kristeller, o documento mais conhecido do início do Renascimento. Quem publicou esse discurso – que deveria ser lido durante uma disputa pública em Roma sobre o conteúdo das *Teses*, jamais acontecida – foi o sobrinho de Pico, Gianfrancesco, também responsável pela publicação de toda a sua obra.

**“O VALOR DO HOMEM,  
SUA DIGNIDADE,  
NÃO LHE É DADA  
COM O NASCIMENTO;  
ELE A DEVE CONQUISTAR  
COM SEU ESFORÇO.”**

Caracterizado pela incompletude, qual o valor do homem? Importa a Pico analisar o valor humano durante aquilo que o torna uma criatura *sui generis*, ou seja, durante o devir. É no devir que o homem – o único ser que nasce sem uma realidade acabada – realiza-se a si mesmo. O homem, diz Pico, “é o animal de natureza multiforme e mutante”.<sup>9</sup>

É durante a auto-realização que nossa alma aspira a ir além de si mesma em direção à mais alta das moradas. É durante a auto-realização que o homem encontra a sua dignidade, e nela o homem encontra o seu valor e o seu lugar no mundo, o seu destino.

Destino único entre as criaturas. Ninguém, além do homem, está acima das imposições da vida terrena. As fronteiras de seu mundo são determinadas pelo Eros de uma alma nostálgica que volta sua face para o infinito.

Groethuysen mostra que Pico enxergava no homem “uma criatura cujas virtualidades de felicidade não podem se esgotar nas disposições dadas pela natureza, mas unicamente num impulso sempre retomado que o projeta além de si próprio”.<sup>10</sup>

A dignidade do homem revela-se na sua autonomia, ou seja, na sua liberdade em relação ao que acontece no mundo; e, livre do mundo, a alma pode voar mais alto...

Ao ser colocado no centro do mundo Adão ouviu a voz de Deus no Éden:

“Não te demos nem um lugar fixo, nem uma face própria, nem uma tarefa peculiar, oh Adão!, para que o lugar, a imagem e as realizações sejam conforme o teu livre-arbítrio. Tu não serás submetido a limites que angustiam, a ti caberá definir as fronteiras de tua existência. Colo-

quei-te no centro do mundo, para que admires mais comodamente a vida ao teu redor. Nem celeste, nem terrestre te fizemos, nem mortal, nem imortal, para que tu mesmo, como escultor de ti próprio, modelos a forma que preferas para ti. Poderás degenerar até as formas mais inferiores, como a dos brutos; terás o poder, que surge do juízo de tua alma, de voltar a nascer entre as formas divinas”.<sup>11</sup>

Se Pico liberta o homem das amarras de um mundo fixo e imutável, ele coloca em suas mãos essas amarras. O valor do homem, sua dignidade, não lhe é dada com o nascimento; ele a deve conquistar com seu esforço. O esforço zeloso de um agricultor que sabe da importância das sementes que estão sob seus cuidados. Este zelo, e somente ele, lhe garantirá a liberdade.

“Porém, para que tudo isso? Para que entendamos que, uma vez nascidos com esta feliz condição, seremos o que quisermos ser, e para que não se diga de nós o que foi dito no Salmo 49-21: ‘Estando em honra, não a conheceram, e se fizeram semelhantes aos brutos em entendimento’, mas antes aquilo que foi dito ao profeta Asaph: ‘Deuses sois todos e filhos do Altíssimo’, e que, por usar mal a benevolentíssima bondade do Pai, não venhamos a converter em pernicioso a saudável opção de liberdade que Ele nos outorgou. Que se apodere de nossa alma uma ambição santa de não nos contentarmos com o medíocre, mas de desejar o supremo e tratar de consegui-lo (se queremos, podemos) com todas as nossas forças. Desdenhemos o terrestre, não valorizemos o celeste, e finalmente, deixando para trás tudo o que é mundo, dirijamo-nos para a corte supramundana próxima à Divindade augustíssima”.<sup>12</sup>

Lendo o trecho acima, não pude deixar de me lembrar da conhecida frase de Sartre: “Não importa o que fizeram de mim; importa o que faço com o que fizeram de mim”.

Hoje, quando os olhos querem esquecer as coisas que vêem, quando não sabemos mais o que dizer às nossas crianças, a obra de Pico ganha modernidade. Ele pertenceu a um Renascimento um pouco anterior ao de Maquiavel e Thomas More. Era um Renascimento aristocrático, pouco afeito à política, e cujo maior propósito era valorizar o homem enquanto indivíduo, não enquanto massa.

O tema principal de Pico, a dignidade do homem, merece ser resgatado e meditado. Porém, não sei se conseguiríamos leva-lo para ser discutido numa praça pública: o povo já não confia nos que ali se dispõem a falar. Esse tema deve, antes, ser levado para o foro íntimo onde as verdadeiras e terríveis guerras e misérias acontecem. Se fizermos isso o povo talvez acredite em nós. O povo, mesmo em seu desconhecimento da filosofia, concorda com Heráclito quando ele define a sabedoria num de seus mais profundos aforismos: “*Sophia é dizer coisas verdadeiras e fazê-las*”.

Somente respeitando nossa própria dignidade, deixamos de aceitar tantos disparetes, tanta insensatez. Somente cultivando a dignidade esquecida em algum canto de nós mesmos, teremos forças para impedir que o mundo continue a nos embrutecer.

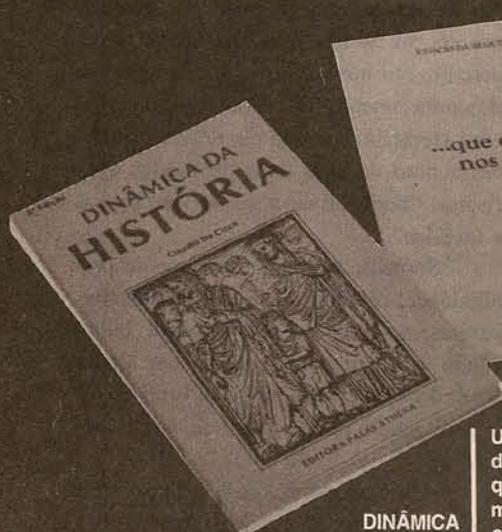
A dignidade é aquela parte de nós mesmos que se recusa a pactuar com a mediocridade; é aquele poder que aproxima o dizer do fazer. Para nossa sorte, os deuses têm muita paciência...

GEORGE BARCAT

## NOTAS

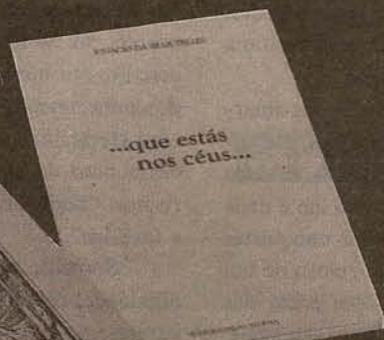
1. Huizinga, J. – *El Otoño de la Edad Media*, Alianza Editorial, Madrid, 5ª edición, p. 46.
2. Guillaume Budé (1467-1540). Humanista francês que tentou conciliar a sabedoria grega com a revelação cristã. É considerado o melhor helenista do seu tempo.
3. Kristeller, P.O. – *Ocho Filósofos del Renacimiento Italiano*, Fondo de Cultura Económica, México, 1970, p.194.
4. A Astrologia foi muito utilizada por médicos medievais e renascentistas.
5. Heller, A. – *O Homem do Renascimento*, Editorial Presença, Lisboa, 1982, p. 124.
6. Groethuysen, B. – *Antropologia Filosófica*, Editorial Presença, Lisboa, 1982, p. 142.
7. Pico Della Mirandola, G. – *De la Dignidad del Hombre*, Editora Nacional, Madrid, 1984, p. 108.
8. Citado in Belayal, Y. – *La Filosofía en el Renacimiento*, Siglo Veintiuno, México, 7ª edición, 1985, p. 50.
9. Pico Della Mirandola, G. – *Idem*, p. 107.
10. Groethuysen, B. – *Idem*, p. 144.
11. Pico Della Mirandola, G. – *Ibidem*, p. 105.
12. Pico Della Mirandola, G. – *Ibidem*, pp. 107 e 108.

# Estas são algumas das obras que a Palas Athena edita e quer que você conheça.



## DINÂMICA DA HISTÓRIA (Cláudio De Cicco)

Sintetiza o maravilhoso sistema de forças e movimentos que envolveram a vida dos indivíduos e a organização das nações desde o Antigo Egito até a história contemporânea. Em apêndice: A Crise da Civilização Ocidental. (164 págs.)



## ...QUE ESTÁS NOS CÉUS... (Ignácio da Silva Telles)

Um estudo pormenorizado desta frase: o Pai-Nosso, que nos conduz – com maestria – pelas realizações ocidentadas da história, ora desvendando uma paisagem, ora insinuando o sentido profundo de um acontecimento. Obra corajosa e entusiasmada, daquele que aceita com humildade o destino dos feitos humanos. (56 págs.)



## DHAMMAPADA – A SENDA DA VIRTUDE (Nissim Cohen)

Texto altamente estimado pelos budistas e não-budistas ocidentais. A exemplo de outras obras budistas, sua ênfase especial é sobre a boa conduta, estabilizada pela concentração e fortalecida pela sabedoria. “Não fazer o mal, praticar o bem, purificar a mente.” Que religião não concordaria com isso? (290 págs.)

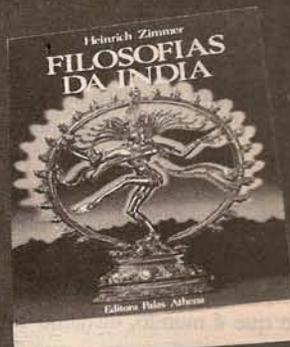
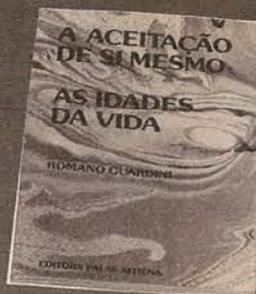


## A ALMA, A BELEZA E A CONTEMPLAÇÃO (Plotino)

Seleção de textos da obra *Enéadas* de Plotino, traduzidos do grego e com notas do Pe. Ismael Quiles. Plotino é o ápice do neoplatonismo, e sua filosofia tem como temas: O Um, A Inteligência, A Alma, As Almas Humanas, A Contemplação, A Beleza, O Mal e A Providência. (104 págs.)

## A ACEITAÇÃO DE SI MESMO AS IDADES DA VIDA (Romano Guardini)

Obra que integra de forma clara e objetiva a realidade psicológica do ser humano sem perder sua dimensão filosófica. O renhecimento de: “eu sou precisamente quem sou aqui e agora...” e a percepção das idades: criança, jovem, adulto, velho, senil – faz com que a vida se apresente a nós como algo novo, única e jamais vivida anteriormente, indo-se para sempre. Nisso reside a tensão da existência. (104 págs.)



## FILOSOFIAS DA ÍNDIA (Heinrich Zimmer)

Um estudo profundo das principais correntes filosóficas da Índia. Divide-se em 3 partes principais: 1) O Bem Supremo; 2) As Filosofias do Tempo e 3) As Filosofias da Eternidade – Jainismo, Brahmanismo (Veda, Upanisad, Bhagavad Gita, Vedanta), Budismo e o Tantra. (484 págs.)

## JAINISMO – VIDA E OBRA DE MAHAVIRA YARDHAMANA (J. C. Jain)

Gandhi se enterneceu profundamente com as belezas infinitas do Jainismo; *Ahimsa* (não-violência) e o *Satyagraha* (amor à Verdade) são votos inspirados nesta religião milenar. Mahavira, mestre jainista, foi contemporâneo de Buda, e esta é a única obra sobre o tema em língua portuguesa. (120 págs.)



ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, 99 – Paraíso – São Paulo-S.P. – fone: 288-7356

# curso de

---

# Introdução ao

---

# Pensamento Filosófico

---

---

## PROGRAMA

---

### I – ÉTICA DO ORIENTE E DO OCIDENTE

1. Introdução à Ética do Oriente e Ocidente
2. Bramanismo
3. Budismo
4. Tibetanismo e Lamaismo
5. Origens do pensamento filosófico no Ocidente
6. Período cosmológico, mítico e antropológico
7. Aristóteles – hedone e eudaimonismo
8. Plotino – o paganismo filosófico
9. Kant – a razão e o dever moral
10. Conclusões

### II – FILOSOFIA DA HISTÓRIA

1. O homem, a filosofia e a história
2. Mitologia
3. Passeios pela história:
  - a) A Antiguidade Clássica
  - b) A Idade Média
  - c) O Renascimento
  - d) O Iluminismo
  - e) O Romantismo
  - f) O Positivismo
  - g) A Modernidade
4. História e Arte
5. História, Utopias e Política



CLAUDE - NICOLAS LEDOUX  
Painéis de Parede (1770-72)  
Detalhes

---

**AULAS SEMANAIS – INICIO TODOS OS MESES**

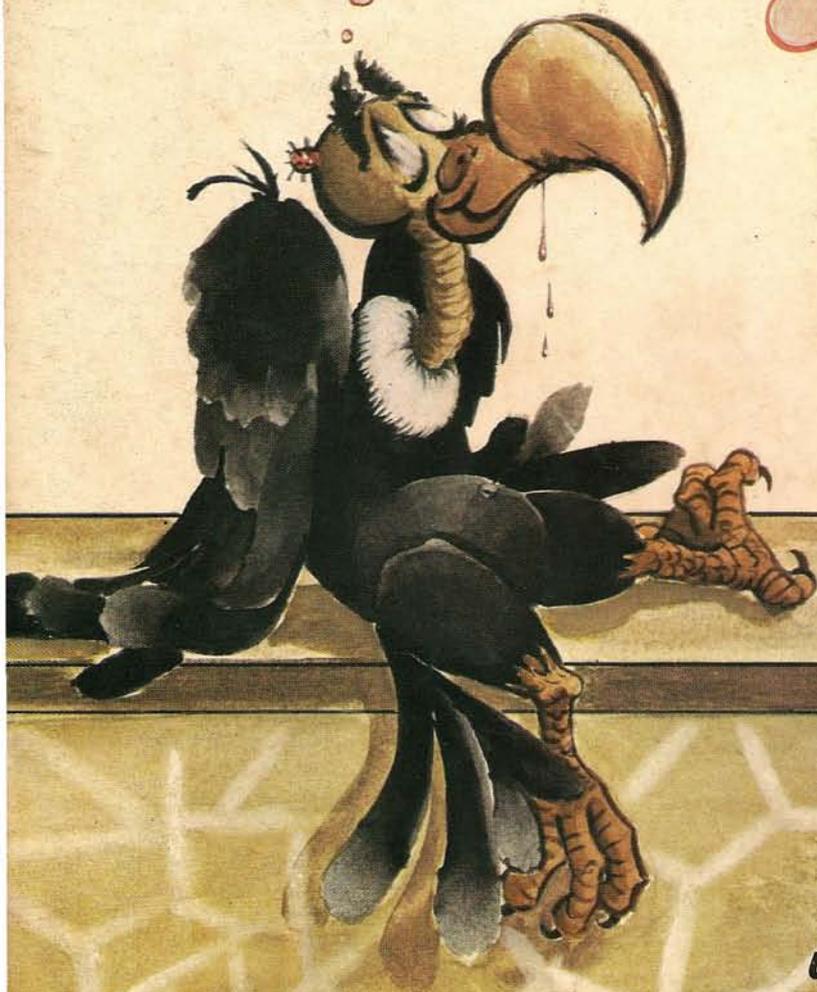
**Associação PALAS ATHENA**

**Rua Leôncio de Carvalho, nº 99 - Paraíso - SP - Fone: 288-7356**

*Vista-se de Luz!*

*Vista-se de Vida!*

*Vista-se de Cor!*



**POLYCHROM**

FOTOLITO POLYCHROM - Rua Cândida Franco de Barros, 153 - Fone: 875-7392 - Freguesia do Ó São Paulo - SP

*uma boa imagem dos sonhos  
coloridos deste mundo*